

IRENE CAMILO

**A VISÃO DO “OUTRO” EM VIAGENS EM DOIS TEMPOS: ÀS TERRAS DO
BRASIL (HANS STADEN, SÉCULO XVI) E A SUPERAGÜI (O TURISTA, SÉCULO
XXI).**

**CURITIBA
2013**

IRENE CAMILO

**A VISÃO DO “OUTRO” EM VIAGENS EM DOIS TEMPOS: ÀS TERRAS DO
BRASIL (HANS STADEN, SÉCULO XVI) E A SUPERAGÜI (O TURISTA, SÉCULO
XXI).**

Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Mestre
ao Curso de Mestrado em Teoria Literária do
Centro Universitário Campos de Andrade –
UNIANDRADE.

Orientadora: Profa. Dra. Mail Marques de
Azevedo

**CURITIBA
2013**

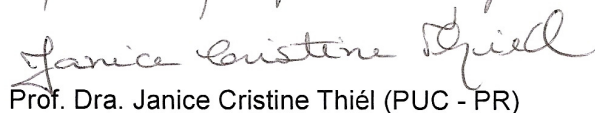
TERMO DE APROVAÇÃO

IRENE CAMILO

A VISÃO DO "OUTRO" EM VIAGENS EM DOIS TEMPOS: ÀS TERRAS DO BRASIL (HANS STADEN, SÉCULO XVI) E A SUPERAGUI (O TURISTA, SÉCULO XXI)

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dra. Mail Marques de Azevedo (Orientadora - Uniandrade)


Prof. Dra. Janice Cristine Thiél (PUC - PR)


Prof. Dra. Edna da Silva Polese (Uniandrade)

Curitiba, 26 de fevereiro de 2013.



A Juliane Camilo de Moraes, razão da minha vida e do meu empenho em ser um
bom exemplo.

À comunidade de Superagüi, que me acolheu e contribuiu para a realização
desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus o dom da vida.

À memória de meus pais, Antonio e Madalena, o apoio e os ensinamentos na estrada da vida.

À minha filha Juliane e meu genro Joarez, o incentivo na conquista de meus objetivos.

À minha orientadora, Professora Mail Marques de Azevedo, que com sabedoria e dedicação me guiou na execução desta pesquisa.

À Professora Janice Thiél, a indicação do livro de Hans Staden e a participação na banca.

À Professora Edna Polese, a aceitação do convite e contribuição na banca.

À minha colega e amiga Cleunice Fritoli, a ajuda na revisão do texto e o incentivo durante o curso.

Aos meus irmãos Nivaldo, Claudio, Ederval, Rosália e Everaldo, o carinho e afeto.

Ao meu amigo e terapeuta Marcos Antonio de Jesus o incentivo e o amparo nas horas difíceis, e a confiança ilimitada em mim.

À minha amiga e chefe, Margarete Araújo Teles, a compreensão e o apoio.

Ao meu maninho Carlos Augusto Cornelsen (Pakho), que me fez conhecer Superagüi.

A Denise e Carioca a hospitalidade e amizade.

Aos amigos integrantes da vida noturna, a compreensão da minha ausência nos últimos encontros: Pedro Monir Rodermel, Adriano Staden, Marcos Rogério Maiolli, Anna Klamas, Andréa Souza da Silva, Marta Wachowicz e Allan Medeiros.

Aos moradores de Superagüi a participação na pesquisa: Adrozina Muniz Correia, Ailton Neves, Alcides Ribeiro Rodrigues, Alina Correia Pires, Amélia da Costa Silva, Antonio Alves Cardoso, Antonio Lopes, Aparecida Dias Santana, Arlindo Alves dos Santos, Camila Muniz Correia Squenine, Carlos dos Santos, Cesar Augusto da Silva Araujo, Cesarina Maria Malaquias, Ciro Dias, Clarinda Gonçalves Mendes, Claudiceia Alves Michaud, Clementino Santos Correia, Denise Correia de Ramos, Dilsa Benedita Ramos, Divanir Muniz Miranda, Emilia Araújo dos Santos, Fabrícia Muniz Correia, Flavio de Ramos da Silva Teixeira, Floriza Michaud do Rosário, Florzina Costa Malaquias, Gerson Castanho Correia, Herundino de Ramos, Isabele Dias Santana, Ivo João Santana, Jair da Silva Araujo, Jerusa da Silva Squenine, João Amadeu Alves, Joelma Muniz Rodrigues, Jordalino Euzébio Pires, José Squenine, Kelly Cristina Correia Ramos, Laurentino Souza, Lourdes Squenine

Castanho, Luana Siqueira dos Santos, Luciana Castanho, Luciano Pires, Luciara Pires, Luiza Cardoso Correia, Marcel Muniz Squenine, Maria do Rocio Marques Francisco, Maria Inês Miranda da Graça, Nadir Correia de Ramos, Nagibi França, Natanael Neves da Graça, Olinda Cardoso da Silva Araujo, Osvaldo Silvano, Pacheco Luis Castanho Cunha, Pedro Michaud Miranda, Pocidônio Jorge da Silva, Ronivaldo Silvano, Rosa dos Santos, Rosa Helena Lopes Correia, Rosália Lopes Michaud, Rubens Castanho Cunha, Selma Pires Alves e Waldeir da Silva Teixeira.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUTRAÇÕES	VII
RESUMO.....	X
ABSTRACT.....	XI
INTRODUÇÃO	1
1 DESCOBERTA DO NOVO MUNDO: A VISÃO DO OUTRO E O INÍCIO DO ESTEREÓTIPO	10
1.1 O BRASIL NOS RELATOS OFICIAIS E NA LITERATURA DE VIAGEM	19
1.2 HANS STADEN NA LITERATURA BRASILEIRA.....	29
2 A TERRA E O HABITANTE DO BRASIL NA VISÃO DO VIAJANTE EUROPEU DO SÉCULO XVI – HANS STADEN	33
2.1 A MATERIALIDADE DA OBRA	34
2.2 DE SENHOR DE ESCRAVOS A CATIVO.....	38
2.3 O “EU” E “O “OUTRO”	43
2.4 DO INFERNO AO PARAÍSO	54
3 A IMAGEM DO BRASIL NO EXTERIOR E O TURISMO	58
3.1 TURISMO – PLANEJAMENTO, CARACTERÍSTICAS E PARTICULARIDADES	68
4 A TERRA E O HABITANTE DO BRASIL – NA VISÃO DO VIAJANTE EUROPEU DO SÉCULO XXI – SUPERAGÜI ↔ TURISTA	72
4.1 CARACTERÍSTICAS E SINGULARIDADES DA ILHA DE SUPERAGÜI	73
4.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ENTREVISTA ORAL COM OS HABITANTES DE SUPERAGÜI.....	88
4.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS POR MEIO DE QUESTIONÁRIOS ESCRITOS APLICADOS AOS ESTRANGEIROS EM SUPERAGÜI	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES.....	108

LISTA DE ILUTRAÇÕES

Figura 1 - Hans Staden sendo levado como prisioneiro para Ubatuba.....	45
Figura 2 - Hans Staden e os canibais	52
Figura 3 - Guará	56
Figura 4 - Pintura de Theodor de Bry.....	61
Figura 5 - Frente ao porto de Superagüi	73
Figura 6 – Localização do Parque Nacional do Superagüi.....	74
Figura 7 - Papagaio-de-cara-roxa	75
Figura 8 - Senhor Alcides	77
Figura 9 – Fandangueiros, moradores locais e visitantes festejam juntos o fandango.	78
Figura 10 - Carnaval em Superagüi – mascarado.....	79
Figura 11 – Pôr-do-sol em Superagüi	80
Figura 12 - Coleta do lixo por funcionários da prefeitura de Guaraqueçaba.....	80
Figura 13 – Coleta do lixo	81
Figura 14 – Bar e mercearia Vila Butuca.....	81
Figura 15 – Bar do Magal	82
Figura 16 – Lazer dos moradores	82
Figura 17 – Carioca e Denise	83
Figura 18 - Meio de transporte mais comum utilizado em Superagüi	83
Figura 19 - Golfinho: umas das atrações mais esperadas pelos turistas que chegam à Ilha de Superagüi	84
Figura 20 – Peixe cação	84
Figura 21 - Guará.....	85
Figura 22 – Casa de alvenaria	85
Figura 23 – Casa de madeira.....	86
Figura 24 - Biblioteca da comunidade.....	86
Figura 25 - Telessala para cursos de ensino a distância – Instituto Federal do Paraná	87
Figura 26 - Marcel Muniz Squenine e seu filho	87
Figura 27 – Destroços de navio	88

Figura 28 - Denise Correia de Ramos.....	115
Figura 29 – Waldeir da Silva Teixeira	120
Figura 30 – José Squenine	124
Figura 31 - Antonio Alves Cardoso	127
Figura 32 - Clementino Santos Correia.....	132
Figura 33 - Arlindo Alves dos Santos	134
Figura 34 - Floriza Michaud do Rosario	138
Figura 35 - Ailton Neves	140
Figura 36 - Luciara Pires.....	146
Figura 37 - Poceidão Jorge da Silva	150
Figura 38 - Ciro Dias.....	152
Figura 39 - Selma Araújo	155
Figura 40 - Cesarina Maria Malaquias	158
Figura 41 - Antonio Lopes.....	161
Figura 42 - Amélia da Costa Silva.....	167
Figura 43 - Pedro Michaud Miranda.....	170
Figura 44 - Luiza Cardoso Correa.....	174
Figura 45 - Jordalino Euzébio Pires e Alina Correia Pires.....	175
Figura 46 - Camila Muniz Correia Squenine	184
Figura 47 - Marcel Muniz Squenine	187
Figura 48 - Alcides Ribeiro Rodrigues.....	190
Figura 49 - Claudiceia Alves Michaud.....	193
Figura 50 - Rosa dos Santos	195
Figura 51 - Jair da Silva Araujo.....	198
Figura 52 - Adrozina Muniz Correa	201
Figura 53 - Aparecida Dias Santana e Ivo João Santana.....	203
Figura 54 - Laurentino Souza.....	207
Figura 55 - Jerusa da Silva Squenini	212

Figura 56 - Osvaldo Silvano e esposa	215
Figura 57 - Natanael Neves da Graça e Maria Inês Miranda da Graça	215
Figura 58 - Flavio de Ramos da Silva Teixeira e Izabele Márcia dias Santana	218
Figura 59 - Carlos dos Santos	219
Figura 60 - Luana Siqueira dos Santos.....	220

RESUMO

Os relatos de viajantes sobre as terras da América, no século XVI, criaram no imaginário europeu visões de um paraíso terrestre, de vegetação exuberante e fauna exótica, com habitantes de aparência e comportamento estranhos. Um desses relatos, *Duas viagens ao Brasil* (1557), do aventureiro Hans Staden, é examinado neste trabalho a fim de levantar dados para demonstrar nossa hipótese básica: essa visão seria a origem dos estereótipos do Brasil no imaginário do viajante estrangeiro do século XXI, o turista. Paralelamente, observa-se a importância do texto literário como valioso auxiliar para a compreensão dos pressupostos do turismo cultural. Na análise dos relatos de Staden, como prisioneiro dos índios tupinambás na costa brasileira, levantamos a visão do europeu do século XVI sobre o indígena como “outro”, aquele que não entende quem “eu” sou, “minha” língua, “minha” cultura. Para verificar a validade de nossa hipótese, realizamos uma pesquisa de campo que envolveu habitantes nativos, moradores de Superagüi — área de preservação ambiental no litoral paranaense —, e viajantes europeus do século XXI, os turistas estrangeiros. Utilizaram-se como instrumento entrevistas e questionários. Como primeiro passo, o capítulo inicial situa o autor no momento histórico, no contexto das grandes navegações do século XVI, com base em vários historiadores e ensaístas, como Montaigne, Todorov, Bueno, e nas teses de doutorado de Raminelli e Thiél. O segundo capítulo é dedicado à análise do texto de Staden, centrada não só na percepção cultural condenatória do “outro”, na ótica do europeu, — particularmente a prática do canibalismo — como na sinalização sutil de respeito às práticas culturais e à organização social dos indígenas. No terceiro capítulo, examinamos a imagem do Brasil no exterior e os conceitos atuais de turismo, usando principalmente o suporte teórico de Bignami, Barretto e Pires. Segue-se a análise das entrevistas e dos dados levantados nos questionários.

Palavras-chave: Visão do outro. Turismo. Hans Staden. Superagüi

ABSTRACT

The reports about the lands of America written by sixteenth-century travelers impressed European collective imagination with visions of an earthly paradise, with lush vegetation and exotic fauna, and inhabited by strange-looking peoples with strange customs. This thesis examines one such report, *Duas viagens ao Brazil* (*Two Travels to Brazil*) (1557) written by the adventurer Hans Staden, in order to demonstrate its basic hypothesis: that view would be the origin of current stereotypes of Brazil in the imagination of the twenty-first century traveler, the foreign tourist. Simultaneously, it gives consideration to the importance of the literary text as valuable aid for the comprehension of modern concepts of cultural tourism. In order to test the validity of our hypothesis we undertook field research that involved the indigenous inhabitants of Superagui – an environmental preservation area in the state of Paraná – and foreign tourists. Interviews and questionnaires, respectively, were used as instruments. As a first step, chapter one situates the author in the historical context of the great sixteenth-century navigations, with the support of several historians and essayists, Montaigne, Todorov, Canclini, Bueno, and of the doctoral dissertations by Raminelly and Thiél. The analysis of Staden's text, in chapter two, focuses primarily on the indicting cultural perspective of the European about the indigenous "other" – particularly the practice of cannibalism – and on the subtle signs of respect shown by the European for indigenous cultural practices and social organization. Chapter three examines the image of Brazil in international tourism as well as present-day concepts of cultural tourism in general, using mainly the theoretical support of Bignami, Barretto and Pires. In the sequence the results of the interviews and the data obtained through the questionnaires are analyzed.

Key Words: Visions of the "other". Tourism. Hans Staden. Superagui.

INTRODUÇÃO

Há séculos os homens viajam pelo mundo, entram em contato com os mais diversos tipos de sociedades e povos e relatam suas experiências em diferentes formatos. O número desses relatos, valorizados pela História Social como documentos ricos de conteúdo para os estudos sociológicos — quer sejam oficiais ou produto da curiosidade de aventureiros — atingiu o ápice na era das grandes navegações a partir do século XV, quando a Europa abriu os olhos para a existência de terras a oeste do mundo mapeado de então.

Uma das obras representativas do período inaugural da literatura sobre o Novo Mundo é o relato de Hans Staden *Duas viagens ao Brasil*: primeiros registros sobre o Brasil, que compõe o *corpus* desta pesquisa. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa por Hans Staden, mercenário a serviço de exploradores europeus, que nela descreve suas aventuras e desventuras entre os indígenas do litoral sul brasileiro. Hans Staden partiu da Europa no momento em que os descobrimentos de novas terras e a expansão de horizontes exigiam nova organização do pensamento europeu em relação ao intercâmbio com o Novo Mundo e com povos de hábitos e costumes tão diferentes.

Os primeiros exploradores europeus não tinham ideia da longa e complexa história pregressa do chamado “Novo Mundo”. Para eles, a história das Américas, do Sul e do Norte só começou efetivamente em 1492. Entretanto, descobertas mais recentes no campo da arqueologia e da antropologia demonstram a existência de civilizações desenvolvidas, que perduraram durante séculos, no continente americano. O Novo Mundo, na realidade, era um mundo antigo, novo apenas para os europeus, decididos a trazer para as terras “selvagens” da América sua organização política, econômica e social e, principalmente, a religião cristã, com o

intuito de explorar seus recursos. Estima-se que, na época da primeira viagem de Colombo em 1492, havia ali aproximadamente 50 milhões de habitantes.

A carta de Colombo aos soberanos de Castela, dando notícias da descoberta da “primeira ilha”, é um prenúncio das relações conflituosas entre europeus e indígenas: “Assim que cheguei às Índias, na primeira ilha que encontrei, tomei à força alguns nativos, a fim de que aprendessem e pudessem me dar informação sobre o que existe nestas partes.” Na realidade, Colombo escravizou alguns nativos, a quem ensinou espanhol para que servissem de tradutores. Seus primeiros relatos mostram um nativo dócil e ingênuo, extremamente tímido e generoso, pronto a partilhar suas posses. O panorama idílico não tarda a mudar. Em a *Descoberta da América*, ao comentar os relatos de Cristóvão Colombo, Todorov (2010) põe em relevo a mudança radical do julgamento que o europeu faz dos habitantes nativos. Identificados a princípio como dóceis e ingênuos, logo mais aparecem como “ladrões e selvagens”, nos relatos do colonizador (TODOROV, 2010, p.37).

A conquista da América a partir da visão europeia vem inaugurar antagonismos essenciais: “de um lado a mão redentora dos conquistadores que traz modernização e progresso; de outro, a brutalidade dos índios” (LAROSSA e SKLIAR, 2001, p. 26). A carta de Colombo, a que recorremos mais uma vez, nega essa brutalidade e evidencia a superioridade da força do colonizador europeu.

O povo desta ilha e de todas as outras ilhas que encontrei e das quais tenho informação andam todos nus, homens e mulheres, como vieram ao mundo [...] Não têm ferro, nem aço, ou armas, nem têm condições de utilizá-las. Não porque não sejam bem construídos e de bela estatura, mas porque são surpreendentemente timoratos. (BELASCO, 2008, p. 70) ¹

¹ Tradução livre do texto de Belasco.

A visão estereotipada do “outro”, do colonizador sobre o colonizado e vice-versa, tem raízes, portanto, nos primeiros contatos entre europeus e habitantes nativos. A hipótese que defendemos neste trabalho é de que essa visão estereotipada sobrevive ainda entre os representantes atuais dos dois polos dessa oposição: o brasileiro nativo e o viajante de hoje, o turista estrangeiro. Para comprová-la, analisamos como ponto de partida o relato de viagem de Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil*, publicado em forma de livro em 1557. Destacamos na análise a visão do europeu do século XVI em relação aos índios tupinambás, habitantes nativos da costa brasileira, a fim de verificar a existência de estereótipos já nessa época. O livro de Hans Staden mostra como o conquistador europeu vê a nova terra e seus habitantes, deixando transparecer uma visão estereotipada em relação aos índios tupinambás, seus hábitos, comportamentos e rituais. Desde que realizemos uma leitura atenta, também podemos observar traços da visão contrária, ou seja, a do conquistado sobre o explorador. Buscamos, assim, primeiramente as raízes históricas dos estereótipos que identificam indivíduos e grupos sociais os olhos do “outro”, que vem de fora e não compreende a cultura com que se depara.

Para comprovar o reverso da premissa, em tempos atuais, isto é, a visão estereotipada do nativo em relação ao forasteiro, realizamos uma pesquisa de campo, entrevistando habitantes nativos de Superagüi, comunidade situada em área de preservação ambiental no litoral do Paraná. Para evitar a degradação do meio ambiente, a área é rigorosamente monitorada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA que regula as atividades extrativistas e autoriza novas construções. Apenas descendentes diretos dos primeiros moradores e seus cônjuges têm o direito de construir residências e comércios na comunidade. Escolhemos Superagui, portanto, em virtude do relativo

isolamento da população que, em nossa maneira de ver, conserva ainda certa ingenuidade na avaliação do forasteiro sofisticado.

Discutindo a noção de comunidade imaginada, Stuart Hall argumenta que os sentidos sobre os quais se constroem as identidades de uma nação estão contidos nas histórias que são contadas sobre ela, nas memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Os relatos de viagens dos aventureiros que estiveram no Brasil formaram no imaginário dos europeus uma imagem de paraíso terrestre, exuberância da vegetação, o azul do céu, a beleza das aves, a sensualidade das mulheres. Por outro lado, a descrição de animais ferozes e rituais de canibalismo reforça a imagem de inferno, ambos (paraíso e inferno) representados nas obras de artes e na literatura da época (HALL, 2006).

Segundo Bonnici, a grande quantidade de textos, cartas, mapas, pinturas, frontispícios de livros, sobre o Brasil nos séculos XVI e XVII, publicados na Europa, formou, no imaginário europeu um conjunto de conceitos sobre a América portuguesa. O primeiro desses documentos, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, descreve a beleza das praias, a temperatura agradável e a abundância das águas, a terra cheia de arvoredos e muito formosa (BONNICI, 2009). Uma narrativa bem diversa das *Duas viagens* de Hans Staden e possivelmente de outras narrativas de viajantes que permaneceram no Brasil por algum tempo e tiveram o privilégio — ou o infortúnio — de conviver com os índios.

A visão mencionada por Larrosa e Skliar é claramente identificável no relato de experiências vividas por Staden, notadamente em relação a costumes, crenças e comportamentos culturais da comunidade indígena que o mantém prisioneiro. Sem intenção de produzir uma obra literária, Hans Staden deixou um registro importante que exemplifica o que diz Larrosa: “o fato de que o homem vê o mundo através de

sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (LARAIA, 2004, 68) Na visão do europeu, quanto mais afastado estivesse um povo do modelo padrão de civilização — o seu próprio, evidentemente — mais próximo estaria de um estágio primitivo de barbárie.

Em sua segunda viagem ao Brasil, Hans Staden sobreviveu ao naufrágio do navio espanhol que integrava a frota comandada por Diego de Sanabria, cujo objetivo era a fundação de pelo menos duas vilas castelhanas no litoral sul do Brasil.

Nada poderia contrariar mais frontalmente os interesses lusitanos na região. Por isso mesmo, tendo prestado auxílio aos náufragos, o governador Tomé de Souza tratou de prender os sobreviventes tão logo os recolheu nas praias de Santa Catarina ou, famintos em farrapos, perambulando pelas ruas de São Vicente. Como Staden não possuía maiores vínculos com os espanhóis e ainda tinha experiência como bombardeiro, o governador concluiu que ele poderia lhe ser útil e o contratou para trabalhar no fortim de Bertioga onde, tempos depois, foi capturado pelos índios.

A leitura do relato de Staden exemplifica a perfeição a imagem ambivalente de paraíso e inferno do Brasil aos olhos do europeu: o risco de ser devorado por canibais, em uma paisagem de sonho. Em busca de uma visão contemporânea do embate cultural entre visitantes e visitados, que pode acontecer nos dias atuais, provocado por percepções equivocadas dos valores culturais do “outro”, a segunda parte desta pesquisa visa a verificar uma série de questões: Qual a imagem do Brasil no exterior, e que tipo de expectativa é criada nos turistas por relatos de viagem, por propagandas institucionais e ações de marketing? A imagem de Paraíso e Inferno permanece na mente dos turistas estrangeiros que visitam o Brasil atualmente ou teria mudado com o passar dos séculos?

Para os profissionais da área do turismo é constante a preocupação com a maneira como as culturas se entrelaçam, uma vez que o intercâmbio cultural deve proporcionar oportunidades responsáveis e bem geridas de experimentação e compreensão da cultura e do patrimônio do outro, tanto para os integrantes da comunidade como para os turistas.

Como bacharel em turismo e tendo vivido em comunidades-colônia, meu interesse foi despertado pela pesquisa das relações entre colonizador e colonizado ou, em termos de hoje, entre visitante e visitado, para observar choques e conflitos culturais. Para que este estudo não ficasse apenas em fatos do passado realizamos, então, uma pesquisa de campo com a finalidade de identificar como essa relação se concretiza na contemporaneidade. O local escolhido foi uma comunidade pequena, de aproximadamente 1000 habitantes, cuja localização geográfica foi destacada nas xilogravuras de Hans Staden, como um porto seguro que abrigou a embarcação do viajante europeu durante uma terrível tempestade. Superagüi é uma vila de pescadores que pertence ao município de Guaraqueçaba no Paraná e está situada dentro do Parque Nacional de Superagüi.

Para discussão e compreensão do tema foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.44) A pesquisa bibliográfica sobre as grandes navegações e a descoberta do Novo Mundo, teve como base os seguintes autores: TODOROV (2010); LÉRY (1951); BUENO (1998); CASTRO (1990) e RAMINELLI (1994) além do texto de STADEN (2010). Quanto à imagem do Brasil e o Turismo Cultural, utilizamos como base BIGNAMI (2002); PIRES (2002) e BARRETT0 (2000). Para alcançarmos os objetivos específicos realizamos uma pesquisa de campo, “aquela que se realiza com o fato

social situado em seu contexto natural, ou seja, em seu campo ou habitat, sem nenhuma alteração imposta pelo pesquisador”. (GIL, 2008, p. 56) Para tanto foram realizadas entrevistas com perguntas estruturadas para os habitantes de Superagüi e para os estrangeiros que visitaram a comunidade de dezembro de 2011 a março de 2012, com o objetivo de identificar como se dá atualmente a relação entre visitantes e visitados.

A pesquisa de campo forneceu dados concretos para referendar nossa hipótese de que existem reflexos da visão do colonizador branco sobre os indígenas, em Hans Staden, na relação entre turistas e habitantes locais, no século XXI. A maneira de ver “o outro” estaria na origem dos estereótipos preconceituosos criados pelo branco europeu com relação aos hábitos, costumes e tradições de todo aquele que não pertence à sua cultura e tem outros padrões de comportamento.

A atividade turística como um fenômeno social possui relação indissolúvel com os aspectos culturais dos lugares onde se desenvolve. Qualquer indivíduo que resolva se deslocar para uma localidade turística sempre terá uma relação direta ou indireta com a cultura local. A possibilidade de um turista visitar um destino sem conhecer os costumes, o folclore, a identidade de seu povo é remota, visto que um dos pontos que atrai o turista é a provável interação com a comunidade que pretende visitar (PETROCCHI, 1998).

Desta forma, justifica-se o presente estudo que buscou nas reflexões de intelectuais, nas raízes históricas e na pesquisa de campo meios para compreender os choques culturais e explicar as relações de estranhamento que podem ocorrer no contato entre culturas.

A pesquisa proposta é relevante na medida que contribui para a compreensão da relação entre culturas e pode colaborar para o planejamento de

atividades de turismo cultural que valorizem o patrimônio histórico-cultural e a identidade de um povo.

No primeiro capítulo, situamos o autor no momento histórico, com breve levantamento das condições política, econômica e social da Europa de Hans Staden e do Brasil, no contexto das grandes navegações do século XVI. Discutimos ali a visão do “outro”, colonizador versus colonizado, como resultado da pesquisa bibliográfica baseada nas reflexões de intelectuais e registros históricos sobre o período das grandes descobertas e, principalmente, sobre os conflitos culturais entre europeus e habitantes da nova terra;

O segundo capítulo é dedicado à análise do texto de Hans Staden. Como se trata de uma narrativa de memória em primeira pessoa, concentramo-nos na análise da visão do personagem-narrador: julgamentos estereotipados; choques culturais; o canibalismo como costume bárbaro; o canibalismo como mecanismo de sobrevivência social.

No terceiro capítulo abordamos a imagem do Brasil no exterior e o turismo cultural usando como fonte principalmente as obras de Bignami e Pires. Seguimos basicamente a metodologia de Rosana Bignami, para fazer breve estudo diacrônico da visão do Brasil na perspectiva dos viajantes.

No quarto capítulo, apresentamos os dados levantados nas entrevistas realizadas junto aos moradores de Superagüi para identificar a visão da comunidade em relação ao visitante europeu que atualmente procura a ilha como atrativo turístico.

Para verificar se a visão do turista do século XXI, em relação à terra e seus habitantes, confirma a visão estereotipada dos primeiros viajantes, ou sofreu mudanças, foram aplicados 09 (nove) questionários com perguntas fechadas e

abertas aos estrangeiros que visitaram a ilha no período de dezembro de 2011 a março de 2012. Os resultados obtidos indicam, ainda, a avaliação do turista europeu sobre a comunidade de Superagüi, seus hábitos, costumes e condição social, em contraponto às expectativas anteriores à visita.

1 DESCOBERTA DO NOVO MUNDO: A VISÃO DO OUTRO E O INÍCIO DO ESTEREÓTIPO

Os homens, com espírito aventureiro, há séculos viajam pelo mundo, entram em contato com diversos tipos de culturas, povos e comunidades. Posteriormente, relatam suas experiências sob diferentes formas. Esses relatos, principalmente aqueles sob a forma de diários ou cartas, são considerados atualmente como documentos relevantes e passíveis de análise.

Segundo Antonio Cândido (1999), os homens que vieram para o Novo Mundo tiveram necessidade de descrever e compreender a terra e os seus habitantes, com o intuito pragmático necessário para melhor dominá-los e deles tirar proveito. Encontraram uma natureza selvática e exuberante, cheia de animais e vegetais insólitos, formando um espaço que ao mesmo tempo aterrorizava e deslumbrava o europeu; uma vasta extensão de terras quase totalmente desconhecida, “habitada por indígenas que pareciam ao conquistador uma espécie diferente, talvez não inteiramente humanos” (CÂNDIDO, 1999, p. 17).

Em relação ao Brasil, de modo geral, as narrativas de viagens tornam-se um recurso precioso como fonte de informação, tanto em relação aos habitantes das terras recém-descobertas, quanto aos aventureiros que visitaram o país no século XVI. Os relatos que eles publicaram revelam, de uma forma fantasiosa ou objetiva, como se deu a relação com o habitante da nova terra e assim, de alguma forma, contribuíram para a criação dos estereótipos.

A estereotipia é uma categoria a partir da qual um indivíduo é visto com características do grupo ao qual pertence. O estereótipo pode ser preciso para definir um membro “típico” da cultura, mas não serve para descrever uma pessoa em particular, simplesmente porque cada pessoa é única e seu comportamento não

poderá ser previsto com base nas normas culturais do grupo. Portanto, o estereótipo é uma visão generalista baseada em meias verdades que leva a uma percepção distorcida do outro, dificultando a relação entre indivíduos de culturas diferentes.

O termo estereótipo é de origem grega, vindo de “stereos” e “typos”, resultando no significado “impressão sólida”. Inicialmente utilizado para definir os tipos metálicos usados pela imprensa, acabou consolidando-se como impressão no sentido figurado, e pode ser usado para se referir à aparência, roupas, comportamento, cultura, etc. Estereótipos são pressupostos sobre determinadas pessoas. Muitas vezes acontecem sem que se tenha conhecimento real sobre características de grupos sociais ou indivíduos, como condições financeiras, sexualidade e outros. Bastante confundido com preconceito, o estereótipo acaba se tornando rótulo, muitas vezes pejorativo, causando impacto negativo.

A cineasta Lucia Murat, comentando sobre seu documentário *Olhar Estrangeiro* (2006), ressalta o perigo das ideias deturpadas sobre uma cultura. O documentário mostra produções estrangeiras que caricaturam o Brasil, criando uma imagem totalmente diferente da realidade. A autora refere-se ao cinema, mas podemos estender a análise à literatura, uma vez que, desde os primeiros cronistas que visitaram a nova terra, os relatos são fruto não apenas da observação, mas da imaginação tanto em relação à aparência física, como ao comportamento e manifestações culturais dos nativos.

Entre viajantes, missionários e aventureiros que residiram entre os índios, destaca-se a contribuição de Hans Staden, em *Duas viagens ao Brasil*, objeto desta pesquisa. Já no início, Staden destaca o motivo pelo qual resolveu relatar suas aventuras:

Tive a oportunidade de realçar repetidas vezes os pensamentos que me fizeram escrever este pequeno livro, isto é, quanto louvor e gratidão devemos a Deus, que nos protegeu desde a hora do nascimento, dos primeiros momentos de nossa vida até agora. Possa ainda, alguém imaginar que o conteúdo deste pequeno livro pareça estranho. Mas a quem se pode culpar? Ademais, não sou o primeiro nem serei o último a conhecer tais viagens, terras e povos. (STADEN, 2010, p. 179).

Em *A Descoberta da América*, Todorov escreve sobre os relatos de Cristóvão Colombo, e nos fornece uma ideia da visão do europeu em relação aos índios encontrados pelo explorador do Novo Mundo. No diário enviado aos reis da Espanha, Colombo, para convencer os monarcas a financiar suas viagens, destaca a possibilidade de encontrar ouro nas novas terras. A descoberta de riquezas e a expansão do cristianismo ficam evidentes como objetivos das viagens do colonizador. De fato, Todorov destaca que a expansão do cristianismo é muito mais importante para Colombo do que o ouro. Em carta ao Papa Alexandre VI, o navegador explica que a próxima viagem será “para a Glória da Santíssima Trindade e da santa religião cristã”. Esperando obter novamente a proteção de Deus que acreditava ter recebido no passado, Colombo ressalta que seu objetivo é propagar o Evangelho e contribuir para o crescimento da santa fé cristã.

Da análise das cartas, diários e relatos de Colombo, Todorov conclui que as interpretações dos europeus foram influenciadas pelos muitos textos literários, frutos da imaginação e da fantasia, que circulavam na Europa. No primeiro contato, Colombo não se preocupa em entender melhor as palavras dos que se dirigem a ele, pois já “sabia” que encontraria ciclopes, homens com cauda e amazonas. Ele vê que as “sereias” não são, como se dizia, belas mulheres; no entanto, em vez de concluir pela inexistência das sereias, troca um preconceito por outro e corrige: “as sereias não são tão belas quanto se pensa” (Todorov, 2010, p. 17). Para descrever a

origem das pérolas que recebia dos índios, em vez de relatar o processo que acontece perante seus olhos, recorre a explicações retiradas do livro de Plínio, o Moço, ao relatar ao imperador romano Trajano sua estada entre os cristãos da Bitínia. Inspirado em leituras, Colombo tenta repetir o processo, escrevendo que próximo ao mar havia inumeráveis ostras presas aos galhos das árvores que cresciam no mar, com a boca aberta para receber o orvalho que cai das folhas, esperando que caísse uma gota para dar origem às pérolas.

Apesar dessas ideias extravagantes, Colombo se mostra mais perspicaz na observação da natureza do que na tentativa de compreender os indígenas. Estava atento também a tudo o que se referisse à navegação, embora esta dedicação estivesse ligada mais ao senso prático do marinheiro que às observações científicas. A verdade de Colombo era pautada no poder do discurso do colonizador, o que transparece na descrição de plantas e animais. Ele escreve que viu grande diversidade de árvores estranhas, algumas com ramos de tipos diferentes saindo do mesmo tronco, que era certamente a coisa mais maravilhosa do mundo. Não reconhece, porém, a diversidade das línguas e fala com os índios como se estes devessem compreendê-lo. Sua percepção dos índios é uma mistura de autoritarismo e condescendência (TODOROV, 2010, p. 32).

Mesmo equivocados, os discursos dos colonizadores produziram efeitos duradouros, pois:

O saber é o produto de um discurso específico que o formulou, sem nenhuma validade fora disso. As “verdades” das ciências derivam do discurso ou da linguagem. O saber não é o efeito do acesso das ciências para o mundo real ou para a realidade autêntica, mas das regras de seu próprio discurso. Segue-se que o saber das ciências humanas é construído porque as pessoas foram persuadidas a aceitá-lo como tal. É saber por que o discurso é tão poderoso que nos faz acreditar que seja verdade. O saber, portanto, é produzido pelo poder. Para Foucault, a

questão da veracidade ou falsidade de um discurso não é importante, já que a “verdade” é produzida pelo poder. (FOUCAULT, citado em BONNICI, 2009, p. 258).

Em se tratando de relatos de viagens em geral, para entender o discurso do colonizador temos que compreender os fatores envolvidos e analisar os relatos com cautela, conforme recomenda Janice Thiél (2006):

O estudo da literatura envolve a leitura crítica de discursos construtores de identidades e alteridades. Documentos históricos, crônicas de viagem, textos legais ou textos literários são portadores de juízos de valor por parte de cronistas, legisladores ou narradores, valores formadores de uma comunidade interpretativa. Ler discursos significa ler também lacunas discursivas resultantes de uma construção de identidade que envolve inserções e exclusões. (THIÉL, 2006, p. 1)

Para a autora, os relatos de viagens em geral devem ser lidos e interpretados de forma crítica, levando em conta que as lacunas nas narrações são preenchidas subjetivamente, com informações que o narrador provavelmente já possuía antes da viagem. O relato de viagem pode ser um convite e um incentivo a outros aventureiros, que influenciados e despertados pelo interesse se lançam em busca de novas aventuras.

O colonizador deixa transparecer, na literatura e nos relatos das viagens e aventuras vividas nas novas terras, que “dentro do texto que fala sobre o *outro* se chega, não ao *outro* de fato, mas ao *outro* do autor e também ao *outro* do destinatário, já que o destinatário está, com efeito, alojado no interior do próprio texto” (HARTOG, 1999, p. 46). Portanto, não podemos identificar o *outro* real, mas ter somente uma visão parcial deste outro, ou seja, o que o autor revela/esconde, bem como o que o leitor compreende/interpreta do texto.

A complexidade da relação com o outro passa ainda pela questão de que existem muitos outros e de que envolve relações de poder. Dependendo de visões pré-concebidas, aceitamos, excluimos ou toleramos o outro. Thiél enfatiza que:

Apreender, então, quem é o outro envolve uma competência leitora para a qual necessitamos de conhecimento dos processos de leitura e de tradução, assim como a consciência de nossas limitações e sistemas formadores de nossa relação com as alteridades. [...] O outro que lemos e traduzimos em nosso dia-a-dia não é, então, simplesmente o texto original que encontramos, mas a ideia que fazemos dele, o que indica que precisamos relê-lo, reposicioná-lo e redimensioná-lo continuamente. (THIÉL, 2006, p.27)

De acordo com Todorov (2010) a relação com o “outro” não se dá numa única dimensão. Para explicar as diferenças existentes no real, podemos situar a problemática da alteridade em três eixos:

Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho autoestima...). Há em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há evidentemente, nenhum absoluto, mas uma graduação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores. (TODOROV, 2010, p. 183)

Qual a visão do “outro” desconhecido, habitante das terras do Novo Mundo, percebida pelo explorador europeu? De acordo com Todorov, o que não é igual a mim é inferior. Então, como se deu a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro, no contato entre o navegador europeu e o nativo?

Segundo Moscovici, as pessoas que pertencem a outras culturas nos incomodam, pois são como nós e, contudo não são como nós; assim nós podemos dizer que eles são “sem cultura”, “bárbaros”, “irracionais”, etc. De fato, todas as coisas, tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos os que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo, possuem sempre características imaginárias e preocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos. Sua irrealdade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós – “é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício na vida real” (MOSCOVICI, 2000, p.56).

Todorov (2010) relata que a primeira referência aos índios feita por Colombo foi de que eles estavam nus. Apresenta-se como um fato revelador da visão do “outro”, já que as vestimentas são símbolos de cultura. A dedução do colonizador, nesse caso, foi que os nativos não possuíam “bons costumes” e, portanto, deveriam ser ensinados:

[...] e foi deslumbrante ver o arvoredo, o frescor das folhagens, a água cristalina, as aves e a amenidade do clima. Vontade tenho de não mais sair daqui. E, para descrever aos reis as coisas que vi, não bastariam mil línguas ou mil mãos para escrever, pois parecíamos encantados... E logo apareceu gente nua e todos que vi eram jovens, muito bem-feitos; os cabelos grossos como crinas de cavalo... E se pintam de preto e vermelho e são da cor dos canários, nem negros nem brancos. Não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas que pegaram pelo fio e se cortaram, por ignorância, sorrindo encantados para nossos guizos e miçangas (...) (Trecho dos diários de Colombo in TODOROV, 2010, p. 34-35).

A descrição de Colombo ressalta a beleza física das nativas que são de boa estatura, rostos harmoniosos, corpos belíssimos, os mais belos homens e mulheres

que encontrara. Mas, analisando os relatos do colonizador, notamos que outras características começam a ser percebidas, como a “generosidade” e a “covardia” dos nativos. O comportamento, os hábitos e os costumes dos nativos são analisados de acordo com informações pré-concebidas e segundo o ponto de vista do europeu.

Conforme Bignami, a literatura da época leva à conclusão de que o europeu só enxergava o que previa e, quando a realidade não coincidia com seu olhar, “encontra argumentos e motivos que lhe façam ver o que deseja ver” (BIGNAMI, 2002, p. 80). Para a autora, o europeu percebia somente o que queria e da forma que estava condicionado a ver, e Colombo não foge à regra. Portanto, o que escreve em seus relatos são apenas superficialidades, pois, na verdade, ele não queria ver o “outro”, mas sim o que esperava encontrar.

Na análise de Todorov, o encontro entre europeus e os índios se deu de forma pacífica, com troca de pequenos objetos de valores diferenciados para cada cultura. Colombo interpreta como generosidade a troca de objetos valiosos para os índios por um simples pedaço de espelho, e como ingenuidade o não reconhecimento do valor das moedas de ouro e prata, em comparação a outros objetos de valor irrelevante para os europeus. O sentimento de superioridade gera um comportamento protecionista. Devido à ingenuidade dos nativos, Colombo proíbe seus marinheiros de efetuarem trocas, segundo ele escandalosas. Mas, na sequência, o próprio Colombo muda sua maneira de negociar com o “outro”. Relata um episódio no qual os índios, que não tinham bens privados, e tudo compartilhavam como propriedade comum, serviram-se de objetos dos cristãos sem perceber o “erro” cometido. De generosos e ingênuos, passaram a ladrões e selvagens violentos na visão dos recém-chegados.

Bonicci (2009) escreve sobre o domínio do Ocidente em relação ao Oriente, ou seja, do colonizador sobre o colonizado, que podemos considerar válido também na visão de Colombo sobre os índios:

Percebe-se de fato, um discurso etnocêntrico repressivo que legitima o controle europeu sobre o Oriente através do estabelecimento de um construto negativo. A esperteza, o ócio. A irracionalidade, a rudeza, a sensualidade, a crueldade, entre outros, formam esse construto, em oposição a outro construto, positivo e superior (racional, democrático progressivo, civilizado etc.) defendido e difundido pela cultura ocidental. (BONICCI, 2009, p. 259)

O discurso de Colombo deixa evidente a ideia do domínio e a convicção da superioridade do europeu em relação ao outro povo. Todorov faz a pergunta: “será que podemos adivinhar através das anotações de Colombo como os índios percebem os europeus?” (2010, p.40). E o próprio Todorov responde: “Difícilmente”. Aqui também toda informação é viciada, porque Colombo parece ter decidido tudo de antemão. É possível, como diz Colombo, que os índios tenham considerado a possibilidade de os espanhóis serem de origem divina, o que daria uma boa explicação para o medo inicial, que desapareceu diante do comportamento “humano” dos espanhóis. Portanto, o discurso de Colombo é contundente, ele vê o que quer ver, e o que o “outro” pensa dele não tem a menor importância, pois já deduziu que o “outro” o vê como superior. A atitude de Colombo para com os índios decorre da percepção que tem deles. E o que prevalece, na projeção de seus próprios valores sobre os outros, é a diferença, traduzida em termos de superioridade e inferioridade, em que os índios são inferiores. Os conquistadores espanhóis pertencem, historicamente, à época de transição entre a Idade Média dominada pela religião e a época moderna, que coloca os bens materiais no topo da escala de valores. Também na prática, a conquista terá estes dois aspectos

essenciais: os cristãos vêm ao Novo Mundo imbuídos de religião e levam, em troca, ouro e riquezas.

1.1 O BRASIL NOS RELATOS OFICIAIS E NA LITERATURA DE VIAGEM

Com o objetivo de instalar um entreposto português em Calicute, na Índia, Pedro Álvares Cabral partiu de Portugal com 10 naus, três caravelas, 1350 homens e com instruções de Vasco da Gama para contornar o Cabo das Tormentas.

Sabemos, desde os primeiros anos nos bancos escolares, o resultado da viagem de Cabral. Ao contrário do que se costuma apregoar, o descobrimento do Brasil foi documentado e está descrito em várias fontes primárias. Segundo Eduardo Bueno em *A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*, as fontes podem ser divididas em três grandes grupos: cartas escritas por membros da expedição de Cabral, cartas redigidas pelos financiadores da armação da esquadra e crônicas escritas na segunda metade do século XVI pelos historiadores oficiais do reino de Portugal. (BUENO, 1998)

Para Alfredo Bosi, as informações registradas por viajantes e missionários europeus sobre o Brasil e o homem brasileiro não podem ser classificadas como literatura, mas são crônicas históricas que, por vezes, deixam de ser consideradas por “escrúpulo estético” (BOSI, 2006, p. 13). O teórico defende, no entanto, que elas devem interessar aos estudiosos por representarem um reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos foram legadas pelos primeiros observadores do país.

Das três cartas que sobreviveram ao tempo, conforme afirma Bueno, “a melhor é a escrita por Pero Vaz de Caminha” (p.133). A “*Carta do Achamento do Brasil*” foi escrita entre 26 de abril e 02 de maio de 1500, no lugar em que hoje se localiza a cidade de Porto Seguro na Bahia. A carta com notícias do descobrimento

da nova terra chegou às mãos de D. Manoel I, rei de Portugal, levada pelo navio de Gaspar de Lemos, despachado por Cabral para tal fim, enquanto o restante da armada seguiu para a Índia. Considerada pelo rei um documento secreto, a carta conservou-se inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Lá foi descoberta e copiada em 1773 por José de Seabra da Silva, o Diretor do Arquivo, que se supõe-se tenha sido o responsável por tê-la trazido (a cópia) até as terras brasileiras, já que ele acompanhou a família real portuguesa na transferência para o Brasil. Encontrada no Arquivo da Marinha Real, no Rio de Janeiro foi impressa e publicada em 1817 pelo padre Manuel Aires de Casal. A partir do século XIX, o desenvolvimento dos estudos históricos trouxe o reconhecimento do valor dos documentos escritos como fonte privilegiadas para o conhecimento da história, e o manuscrito de Caminha é hoje considerado o primeiro registro conhecido com notícias detalhadas da existência e da vida do novo país.

O escrivão Pero Vaz de Caminha, com a intenção de informar ao rei o descobrimento e descrever o que encontrou na nova terra, não se comportou como um simples burocrata. A grande riqueza de detalhes e as impressões do autor sobre as novidades que via dão ao relato uma dimensão bem maior que um simples relatório. Caminha narrou não apenas as ações dos índios e dos europeus, mas também as reações e atitudes de um grupo em relação ao outro, mostrando, de certa forma, o que o contato despertava em ambos. A carta de Caminha apresenta, portanto, um grande valor histórico, pois é importante por ser o registro documental dos primeiros contatos entre as duas culturas.

O primeiro contato entre Cabral e os indígenas não difere muito do encontro de Colombo com os nativos do Haiti. A percepção do europeu em relação ao habitante do Novo Mundo se dá de forma parecida, evidenciando a convicção de

supremacia do europeu. Desde o primeiro encontro, índios e espanhóis trocaram pequenos objetos, e Colombo não se cansou de elogiar a generosidade dos índios que davam tudo por nada. Apreciavam igualmente um pedaço de vidro e uma moeda de ouro. Não diferenciavam os valores e pequenas coisas lhes causavam grande prazer.

O encontro de Cabral com os nativos brasileiros não foi muito diferente. A Carta de Caminha registra:

Nicolau Coelho lhes deu então somente um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um dos homens pardos deu-lhe um sombreiro de penas de ave, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaios e um colar grande de continhas brancas. (CAMINHA /IN CASTRO, 1985, p. 76).

Portanto, o primeiro encontro iniciou-se com troca de cortesias, salientando uma das características dos moradores do local. O aceite da troca e a não violência leva os portugueses a entender que seria possível a construção de uma aliança com aquela tribo. O comportamento dos nativos brasileiros fez com que os integrantes da esquadra de Cabral se sentissem superiores àquele povo de modos tão diferentes e tão mansos que mesmo tendo arcos e setas nas mãos não os usaram contra o intruso visitante. Pelo contrário, obedeceram quando Nicolau Coelho fez sinal para que pousassem os arcos.

Quanto à visão do nativo em relação ao visitante inesperado, Bueno escreve:

Abandonando momentaneamente a perspectiva da proa, pode-se reler o instante daquele primeiro encontro pela perspectiva da praia, pela ótica daquele grupo de nativos nus que vislumbrou surpreso, a aproximação de velas enfunadas nas quais se realçava o assombroso símbolo da cruz da Ordem de Cristo. (BUENO, 1998, p. 91)

Portanto, na busca da terra prometida das tribos indígenas, o que os nativos encontraram na praia foi o “outro” o próprio mal disfarçado de amigos que presenteiam, dando ordens e depois se afastando, deixando-os admirados com a suntuosidade da armada.

Açoitada por ventos fortes durante a noite, a esquadra de Cabral partiu na manhã seguinte em busca de um porto seguro.

E, velejando nós pela costa, acharam os ditos navios pequenos, a mais ou menos dez léguas do sítio de onde tínhamos levantado ferro, um recife com um porto dentro, muito bom e seguro, com uma entrada muito larga. E meteram-se dentro e amainaram. As naus chegaram logo em seguida e, pouco antes do entardecer, amainaram igualmente, distantes do recife de mais ou menos uma légua. E ancoraram em onze braças. (CAMINHA *in* CASTRO, 1985, p. 76).

Encontrado o porto seguro, os desbravadores trataram de sondar o local e rumaram para terra firme com o intuito de investigar o morador da nova terra. Segundo Bueno Afonso Lopes foi o encarregado de ir à praia, encontrou-se com dezenas de moradores da terra, capturou dois e os levou para o navio. A cena foi observada por dezenas de outros moradores que, mesmo portando arco e flechas não fizeram uso deles. Os dois nativos foram conduzidos à presença de Cabral, Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolhau Coelho, Aires Correia e Pero Vaz de Caminha, numa cerimônia que era rotineira nos encontros entre os lusos e os soberanos do Congo e mercadores árabes da costa oriental da África. Os indígenas foram recebidos pelos europeus, e não se impressionaram com a riqueza das vestimentas ou com a hierarquia dos comandantes da nau. Neste contexto deu-se o primeiro encontro entre os indígenas brasileiros e os navegadores portugueses, preservado para a posteridade nos mínimos detalhes, precisão meticulosa e exatidão antropológica da visão do “outro” de Pero Vaz de Caminha:

A feição deles é parda, algo avermelhada; de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto. Ambos traziam o lábio de baixo furado e metido nele um osso branco, do comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão (...) encaixado de maneira a não prejudicar o falar, o comer e o beber. Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que verdadeiramente de leve, de boa grandeza e, todavia, raspado por cima das orelhas. (CAMINHA in CASTRO, 1985, p. 78).

Tal qual Colombo, ao descrever os nativos, Caminha faz elogios à forma física, à beleza de suas faces, à cor de sua pele e destaca a nudez como característica relevante. A descrição que Caminha faz em carta enviada aos reis de Portugal diz: “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse as suas vergonhas” (citado em CASTRO, 1985, p. 76). São duas visões praticamente iguais, salientando a nudez como característica marcante do “outro” que acabaram de encontrar. Salienta-se também a “inocência” no comportamento do indígena em não diferenciar o rosto das partes íntimas em apresentação pública. Caminha relata em sua carta que “as moças eram tingidas, de baixo a cima, daquelas tinturas; e certamente eram tão bem feitas e tão redondas, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, provocaria vergonha, por não terem as suas como a dela. Nenhum deles era circunciso, mas, ao contrário, todos eram assim como nós” (citado em CASTRO, 1985, p. 82). Para Caminha, em alguns aspectos o “outro” era igual a ele, no entanto, a semelhança era apenas em detalhes, pois o comportamento, a “etiqueta”, o conhecimento de hierarquia ficava muito distante do português.

Para Raminelli, a descrição dos indígenas não difere muito entre os autores, quase sempre ilustrada por aqueles que presenciaram acontecimentos que

demonstravam ações do comportamento “bárbaro e selvagem” do índio. (RAMINELLI, 1994) A descrição de Caminha, no entanto, apresenta o índio dócil e obediente, que não mostra resistência, apesar de serem muitos e estarem armados de arco e flechas. No primeiro contato, simplesmente baixaram seus arcos e dois deles acompanharam o colonizador até a embarcação.

Bueno, em comentário á narrativa de Caminha, ressalta que durante a celebração da primeira missa, os nativos acorreram à praia e observaram de longe o ritual. Ao término da celebração, os selvagens se ergueram e começaram a soprar em conchas e buzinas, saltando e dançando por um bom tempo. Ou seja, após assistir ao ritual do estrangeiro, mostraram aos visitantes seu próprio ritual. (BUENO, 1998)

Segundo Patrícia Seed, em *Cerimônia de posse na conquista europeia do Novo Mundo*, algo parecido aconteceu em 1504, quando Paulmier de Gonneville descreveu que o chefe carijó Arosca estava “feliz” durante a cerimônia em que se plantou a cruz, enquanto os outros nativos ficaram respeitosamente “silenciosos e atentos” (SEED, 1999, p. 83). Gonneville teria interpretado que as expressões faciais significavam uma aceitação tanto passiva quanto ativa.

Segundo Bueno, Caminha descreve o “outro” como bem cuidado e muito limpo, tão gordo e tão formoso que os compara com aves e animais monteses, aos quais “o ar faz melhor pena e melhores penugens que os domesticados” (p. 101). Caminha foi um dos primeiros a ver o índio como “bom selvagem”, conceito que se prolongaria pelos dois séculos seguintes, quando Montaigne e Rousseau defenderiam veementemente “a superioridade do ‘homem natural’ sobre o civilizado” (BUENO, 1998, p. 101).

Quanto à barbárie atribuída ao indígena sem cultura pelo colonizador civilizado, Michel de Montaigne tem uma visão diferenciada. No “*Ensaaios*” intitulado Canibais argumenta:

[...] não ver nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. E é natural, porque só se pode julgar da verdade e da razão de ser das coisas pelo exemplo e pela ideia dos usos e costumes do país em que se vive. A essa gente chamamos selvagens como denominamos selvagens os frutos, que a natureza produz sem intervenção do homem. No entanto, aos outros, àqueles que alteramos por processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificou, é que deveríamos aplicar o epíteto. (MONTAIGNE, 1996, p. 195)

Segundo Thiél (2006), o texto de Montaigne sugere a problematização do uso das palavras *bárbaro* ou *selvagem* na relação com o outro. A estudiosa acredita ser a noção de bárbaro, proposta por Montaigne, também etnocêntrica, pois seu julgamento dos povos nativos do Novo Mundo como comandados pelas leis naturais fundamenta-se em uma leitura de mundo elaborada a partir de valores europeus. “A colonialidade credita para si a existência do outro, pois o colonizador parece crer que o outro só existe a partir do momento em que se torna objeto de estudo” (THIEL, 2006, p. 38).

O barbarismo atravessou o Atlântico e encontrou solo fértil nas narrativas de viagem. Nos relatos, os índios eram considerados bárbaros de corpos nus, canibais na faina de esquartejar corpos e devorar a carne do inimigo. A língua destes indígenas não possuía três letras: F, L e R “cousa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medido” (GÃNDAVO, 1575, p. 27).

Em se tratando de narrativas de viagens, citamos também *Viagem à terra do Brasil*, de Jean de Léry, um sapateiro estudioso de teologia, que embarcou em 1556

com alguns artesãos para colaborar na tentativa colonizadora de Villegagnon de implantar no Brasil a França Antártica. Devido aos conflitos entre calvinistas e papistas na Europa, e sendo Léry seguidor de Calvino, foi exilado, viajando para o Brasil, onde permaneceu por um ano entre os indígenas. Durante muitos meses, observou e anotou o que viu:

O país era totalmente deserto e inculto. Não havia nem casas nem tetos nem quaisquer acomodações de campanha. Ao contrário, havia gente arisca e selvagem, sem nenhuma cortesia nem humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução; sem religião, nem conhecimento algum da honestidade ou da virtude, do justo, e do injusto, a ponto de me vir à mente a ideia de termos caído entre animais com figura de homens. Fazia-se necessário prover a tudo com toda diligência e tudo resolver enquanto nossos navios aparelhavam para o regresso, de modo que, invejosos do que havíamos trazido, não nos surpreendessem os selvagens e nos matassem. (LÉRY, 1951, p. 31)

A visão do “outro” que Léry apresenta difere em alguns pontos da visão de Staden, mas ambos temem os selvagens. A percepção de Léry é bem mais contundente, afirmando que os índios não têm humanidade, chegando muito próximos aos animais ferozes. Seriam, segundo sua visão, desonestos e sem religião. Além disso, considerou-os ladrões após o episódio em que índios se apropriaram de material que os franceses haviam trazido para a montagem de um posto que pretendiam seguro para os seguidores de Calvino, perseguidos na Europa.

Raminelli comenta que, na coleção *Grandes Viagens*, os europeus poucas vezes são retratados como agressores nas ilustrações das atrocidades da conquista. Hans Staden, por exemplo, aparece retratado junto aos tupinambás em diversas gravuras, porém a sua figura expressa sempre a submissão aos antropófagos. Em raros momentos, os portugueses, os franceses e os holandeses aparecem como

cruéis invasores das terras do Novo Mundo. O conflito bélico e a antropofagia constituem atributos dos “bárbaros”. Os espanhóis, no entanto, recebem um destaque especial e aparecem “queimando os nativos ainda vivos, lançando bebês aos cães ou decepando mãos e pés dos ameríndios” (RAMINELLI, 1994, p.125).

Jean de Léry cita Staden em nota de rodapé em sua descrição do “outro”, o selvagem americano:

Os rapazes têm por hábito furar o beijo inferior logo na infância, e usam no buraco um osso bem polido, alvo como marfim, feito à semelhança de uma carrapeta; e como a parte pontuda sai para fora uma polegada mais e fica o osso detido por um ressalto entre o beijo e a gengiva, eles o tiram e colocam como querem. (STADEN, citado em LÉRY, 1951, p. 101)

Em vários momentos na narrativa de Jean de Léry, Hans Staden é citado como fonte de referência no relato dos costumes dos tupinambás, como também na descrição dos animais, plantas e aves. Ao descrever as abelhas da América, Léry cita:

Segundo Hans Staden, havia três espécies de abelhas. A primeira parece com a de nosso país; a segunda é preta e de tamanho de uma mosca; a terceira do tamanho de um mosquito... Suas picadas não são dolorosas, pois vi muitas vezes os selvagens cobrir-se delas ao lhe roubarem o mel. E eu próprio o fiz embora estivesse nu. (STADEN citado por LÉRY, p. 142)

Léry ressalta que durante o ano que passou no Brasil (1556), contemplou com curiosidade adulta e crianças e quando os recordava, era como se os tivesse diante dos olhos, mas não conseguia descrevê-los com exatidão nem mesmo pintá-los com fidelidade. Era preciso vê-los em seu país, em seu habitat. A convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incitava à lascívia e à luxúria, mas a nudez grosseira era muito menos atraente do que comumente se

poderia imaginar. Ainda sobre a visão do “outro”, seus costumes e comportamento, Léry esclarece:

Eis em suma o que sei com referência à índole, vestuário e ornatos dos nossos tupinambás. Além disso, como trouxemos em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas, etc. mandamos fazer casacos e calções sarapintados para trocá-los com víveres, bugios, papagaios, pau brasil, algodão, pimenta e outras coisas do país que carregam em geral os nossos navios, vestem eles às vezes calças de marujo, outros somente casacos que lhes chegam às nádegas. Em geral, depois de se contemplar um pouco e passear com a vestimenta, o que não deixa de ser cômico, despiam-se e largavam os trajes em casa até que lhes desse de novo na veneta vesti-los. O mesmo fazia com os chapéus e as camisas. (LÉRY, 1951, p. 107)

O episódio relatado por Léry deixa claro o quanto à nudez do índio incomodava o europeu. O uso das vestimentas de forma inadequada faz com que o selvagem pareça “cômico” perante o colonizador. Mas, para o índio, não passam de objetos que ele usa quando quer e da forma que lhe pareça conveniente, sem nenhum significado relevante.

A troca destas vestimentas por animais e aves, principalmente o papagaio, também é destacada por Bueno (1998). O autor salienta que as toucas vermelhas da marujada causavam aos índios certo deslumbramento. Eles trocavam por graciosos papagaios e araras. A impressão que tais aves causaram entre os marinheiros e na corte foi tal que a Terra de Vera Cruz, antes de virar Terra do Brasil, “foi por cerca de três anos conhecida como Terra dos Papagaios” (BUENO, 1998, p. 103).

Para Léry os índios “não são ingratos”, principalmente os idosos, que nunca esquecem um presente recebido e sempre retribuem com qualquer coisa. Observou também que os selvagens pareciam gostar de pessoas alegres e brincalhonas, mas

se aborreciam com pessoas mal-humoradas e avarentas. Relata também que por mais bárbaros que sejam com seus inimigos “os selvagens parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa” (LÉRY, 1951, p. 200).

1.2 HANS STADEN NA LITERATURA BRASILEIRA

A versão com as gravuras de Theodor de Bry, produzidas a partir de desenhos de Staden, publicada em Frankfurt - Alemanha, em 1592, além de enriquecer o texto de *Duas viagens ao Brasil causou* no leitor impressionante fascínio. Os detalhes das imagens perturbadoras extasiaram a Europa letrada da época.

No Brasil, somente em 1892 a obra de Hans Staden foi traduzida, não se repetindo a consagração ocorrida na Europa, embora tenha servido de inspiração para algumas produções literárias. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo publicou, em janeiro de 1900, a versão com notas do geógrafo Theodoro Sampaio, traduzida direto do original alemão do botânico suíço Albert Löfgren, de 1557.

Staden se encontra numa posição singular na literatura de informação sobre o Brasil do século XVI. Pelo fato de ter vivenciado, em circunstâncias críticas, como prisioneiro, a cultura dos índios tupinambás, ameaçado constantemente, espancado e humilhado, consegue escrever com detalhes acontecimentos no local onde ocorreram ao mesmo tempo protagonista e observador da ação. Relata suas aventuras e desventuras em terras brasileiras de forma esclarecedora, sempre preocupada em comprovar com testemunhos e desenhos a veracidade dos fatos segundo seu ponto de vista.

Na obra de Gonçalves Dias e José de Alencar, nomes tutelares do indianismo romântico do século XIX, há indícios claros de leitura do livro de Staden, conforme relata Bastos:

Gonçalves Dias, nas notas explicativas sobre alguns de seus poemas indianistas, cita Staden várias vezes em francês e português. Sobre o assunto antropofagia, destaca uma nota ao poema I-Juca-Pirama. “A descrição das cerimônias com que eles [os indígenas] usavam matar os seus prisioneiros é rigorosamente exata”. José de Alencar cita Staden nas notas explicativas a Iracema e Ubirajara. (BASTOS, 2012, p. 2)

Para Bastos, Staden influencia a literatura por ter sido o único a vivenciar, numa posição de completo desfavorecimento, a cultura do indígena brasileiro. Os demais cronistas pertenciam aos círculos do poder e não correram os riscos que Staden correu. Evidenciando esses riscos, e sua influência na literatura brasileira, destacamos um episódio que, segundo Bastos, teria servido de inspiração para o movimento criado por Oswald de Andrade:

O filho do chefe Cunhambebe me atou as pernas dando três voltas em torno delas, e com os pés presos dessa forma tive de pular pela cabana. Eles riam e gritavam: “Lá vem nossa comida pulando!”. Perguntei ao meu senhor, que para lá me levava, se o tinha feito para matar-me ali. Ele respondeu que não, que era apenas costume tratar assim os escravos estrangeiros. (STADEN, 2010, p. 79)

De acordo com Bastos (2012), o *Manifesto Antropofágico*, peça teórica basilar do Modernismo brasileiro, teria tido origem numa brincadeira, bem ao modo irreverente daquela primeira geração modernista. Raul Bopp, participante da corrente antropofágica entre 1927 e 1929, conta que certa noite Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade jantava com um grupo de amigos, num restaurante especializado em rãs. Quando o prato principal foi servido, Oswald levantou-se e citando autores imaginários *provou* “que a linha da evolução biológica do homem, na

sua longa fase pré-antropóide, passava pela rã”, ao que Tarsila, no clima jocoso da *explicação*, comentou: “Em resumo, isso significa que, teoricamente, deglutindo rãs, somos uns... quase antropófagos”. Comenta então Raul Bopp: “*A tese, com um forte tempero de blague, tomou amplitude. Deu lugar a jogo divertido de ideias. Citou-se logo o velho Staden e outros clássicos da Antropofagia: ‘Lá vem a nossa comida pulando’*”. Alguns dias depois da noite das rãs, Tarsila do Amaral oferecia, para batismo do grupo, um quadro novo, O Antropófago (*ou Abaporu*, em tupi-guarani). Oswald de Andrade propôs, então “desencadear um movimento de reação, genuinamente brasileiro”, para o qual redigiu o *Manifesto Antropofágico* (BASTOS, 2012, p. 2). Assim, na visão de alguns autores, comentários divertidos entre amigos à mesa de um bar, sobre leituras da obra de Staden, serviram de raiz para um dos movimentos mais significativos na literatura brasileira.

A obra de Staden foi também adaptada por Monteiro Lobato, em versão infantil publicada em 1925, sob o título *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, “no qual as atribulações do arcabuzeiro alemão no litoral brasileiro são narradas na voz de Dona Benta” (BUENO *in* STADEN, 2010, p. 11).

Em relação à visão do outro, concluímos que tanto Colombo quanto Pero Vaz de Caminha possuem uma visão superficial e analisam o índio com informações pré-concebidas, a partir de estereótipos como a “generosidade” e a “covardia”, criadas por meio de relatos anteriores de outros viajantes como, provavelmente, o diário de Marco Pólo, que teve grande repercussão na Europa. Já a visão de Lèry é mais contundente, pois descreve não somente características físicas do índio, mas, tendo convivido com os selvagens, analisa também o comportamento ético e a honestidade, principalmente em relação à propriedade alheia. Mas não percebe como Hans Staden aprendeu que para o índio a propriedade individual não existia, e

que tudo que possuíam pertencia à tribo, defendida e vingada em ação conjunta nos confrontos com as tribos inimigas. Staden analisa o “outro” numa posição totalmente desconfortável. Vencido e prisioneiro, ameaçado constantemente de ser devorado em ritual antropofágico, ele entende que matar o inimigo é natural, porém o deixa horrorizado o fato de comer esse inimigo. Vemos, então, que seu julgamento é bastante subjetivo, calcado em suas crenças religiosas, e o “outro” é julgado a partir de critérios individuais. A visão de Staden em relação ao “outro” será analisada com minúcias em capítulo próprio deste nosso estudo.

2 A TERRA E O HABITANTE DO BRASIL NA VISÃO DO VIAJANTE EUROPEU DO SÉCULO XVI – HANS STADEN

Duas viagens ao Brasil é um relato das aventuras vividas pelo alemão Hans Staden, mercenário a serviço de exploradores europeus, que durante oito anos e meio viveu no Brasil. O livro foi publicado em Hessen, Alemanha, no ano de 1557, repleto de ilustrações que Staden esperava colaborassem para o entendimento da narrativa. De caráter histórico e literário, a obra narra as duas viagens que ele fez ao Brasil, em meados do século XVI. Dos cinquenta e três capítulos do livro, apenas os cinco iniciais são dedicados à primeira viagem. A epígrafe do primeiro capítulo diz bem dos objetivos declarados de Hans Staden, de Homberg, em Hessen, que se impõe como tarefa, **se a Deus agradar** (ênfase acrescentada), conhecer a Índia:

De que serve na cidade o guarda
E à poderosa nau sua viagem
Se Deus a ambos não resguarda?

Já de início verificamos a inserção da narrativa no modelo dos relatos de viajantes examinados no capítulo anterior deste trabalho: a dedicação a Deus da empresa aventureira, empreendida sempre sob a proteção divina. De maior interesse para esta análise é a segunda viagem, cujos incidentes são narrados a partir do sexto capítulo, e nesta, a narrativa da captura de Hans Staden e do tempo em que foi prisioneiro dos índios tupinambás, que se estende do capítulo dezoito, “Como fui capturado pelos selvagens”, ao cinquenta e três, “Como fui levado em Dieppe até a casa do capitão do Belleste, o navio que saiu do Brasil antes de nós e que ainda não regressou.” A narrativa se inicia e conclui com agradecimentos à Providência Divina, que Staden julga estar sempre interferindo a seu favor.

2.1 A MATERIALIDADE DA OBRA

Dentre as várias edições da obra em português, utilizamos a edição de 2010 da L&PM, intitulada *Duas viagens ao Brasil*, traduzida por Angel Bojadsen, a partir da adaptação de 1981 de Karl Fouquet para o alemão moderno. Um *facsimile* da edição original em alemão, de 1557, vem estampado nas primeiras páginas e a tradução para o português informa o título original e a dedicatória ao príncipe de Hessen:

História Verídica

E descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hesse até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com esta impressão

Dedicado ao Ilustríssimo e Glorioso Príncipe e Senhor Felipe, Landgrave de Hessen, onde de Katzenelnbogen, Diez, Ziegenhain e Nidda, meu misericordioso Senhor.

Com um prefácio do Dr. Johannes Dryander, conhecido como Eichmann, professor catedrático de Medicina na Universidade de Marburgo. (STADEN, 2010, p. 15) ²

Segue-se xilogravura ilustrativa de um indígena devorando uma perna humana, enquanto várias outras assam em uma fogueira. O título, autoexplicativo, recurso comum na época, chama a atenção do público para os fatos apresentados. A dedicatória evidencia a posição de Staden em relação às suas crenças e o agradecimento com muitas honras ao príncipe de Hessen, responsável pelo

² STADEN, H. *Duas viagens ao Brasil*: primeiros registros sobre o Brasil. Trad. Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM, 2010. A partir desta citação será utilizado somente o número da página entre parênteses nas referências á obra.

financiamento e publicação da obra. Conclui-se que o autor do prefácio, o doutor Johannes Dryander, é também o redator da obra de Staden, uma vez que afirma logo de início: “Hans Staden, que ora faz publicar este livro com seu relato sob forma impressa, pediu-me que revisse, corrigisse e, quando necessário, aperfeiçoasse esta sua História” (STADEN, 2010, p. 19).

Trata-se, portanto, de uma obra escrita por outra pessoa, com base no relato do viajante, embora se perceba nas palavras do professor Dryander a preocupação quanto à veracidade e coerência dos fatos narrados por Staden:

Hans Staden não narra e descreve suas viagens e experiências de acordo com relatos de outras pessoas e sim a partir de uma experiência pessoal aprofundada e certa, e sem erros. Ele não se deixa levar pela busca da fama e pela vaidade mundanas; ao contrário, quer unicamente servir à honra de Deus e testemunhar gratidão pela graça recebida de sua libertação. (p.19-20)

Confiante nos objetivos e na honestidade do autor, o médico recomenda o texto e se responsabiliza pela publicação. Mas, ao reconhecer sua interferência no original de Staden, deixa patente que modificou seu discurso. Portanto, a narrativa deixa de ser o registro direto das reminiscências de Staden e passa a ser a versão dos fatos como interpretados pelo médico, cuja função equivale ao *ghostwriter* dos nossos tempos. Cabe-lhe registrar os fatos testemunhados por Staden que, ao lado de suas agruras pessoais, relata fatos históricos da colonização — as lutas entre tribos indígenas e a exploração dos recursos de uma terra de ninguém. A narrativa de Staden não identifica os portugueses como donos da terra, mas igualados aos franceses, no relacionamento com os indígenas, amigos de um dos povos e, em consequência, inimigos do outro. Embora preocupado com seus próprios sofrimentos, Staden observa de maneira perspicaz, porém indireta, pois não faz julgamentos, o contexto da colonização incipiente do Brasil.

Alfredo Bosi analisa a correlação semântica entre as palavras colônia, culto e cultura: o verbo latino *colo*, ligado ao cultivo do solo, “é a matriz de *colônia*, enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar” (2000, p. 11). A própria etimologia da palavra, portanto, estabelece a relação de submissão e inferioridade, a partir do princípio básico do domínio gradual sobre a natureza que caracteriza as sociedades humanas. O processo de migração de grupos humanos, em busca de novos recursos, ilustra o princípio básico da colonização:

Novas terras, novos bens abrem-se à cobiça dos invasores. [...] Pode-se calcular o que significa para a burguesia europeia, em pleno mercantilismo, a maciça exploração açucareira e mineira da América Latina. Se o aumento da circulação de mercadorias se traduz em *progresso*, não resta dúvida de que a colonização do Novo Mundo atuou como um agente modernizador da rede comercial europeia durante os séculos XVI, XVII e XVIII. (BOSI, 2000, p. 20)

O texto de Staden é um testemunho do mecanismo, quando descreve as trocas de mercadorias entre europeus e índios. Há mais de uma referência a um francês, a quem chamam de *Karwattuware*, que vem negociar com os tupinambás e que, maldosamente os aconselha a matar o prisioneiro. O próprio Staden é objeto de troca ou presente entre membros importantes da tribo. O texto funciona, portanto, como arquivo para o que ele testemunhou pessoalmente.

O arquivamento de testemunhos é uma fase da operação historiográfica, aponta Paul Ricoeur. Além disso, no próprio interior da esfera histórica, o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição de arquivos, “ele ressurgue no fim do percurso epistemológico no nível da representação do passado por **narrativas**, artifícios retóricos, **colocação em imagens** (2007, p. 170) (ênfase

acrescentada)”. Arquivados na memória de Staden, os testemunhos do que viu e viveu ressurgem na forma impressa de texto e imagens pictóricas.

O livro, composto de capítulos curtos, está dividido em duas partes: a primeira, com cinquenta e três capítulos, é o relato dos acontecimentos das duas viagens. No estilo da época, de chamar a atenção para a “verdade” com títulos sugestivos como “história verídica” e “breve relato verídico”, o narrador prepara o leitor para os acontecimentos.

Na segunda parte, com trinta e oito capítulos, Staden descreve os modos e costumes dos índios tupinambás e descreve “alguns animais daquela terra”, comparando-os a animais conhecidos na Europa. Os capítulos independem uns dos outros e narram episódios isolados com começo, meio e fim, sem informações sobre o tempo em que ocorrem.

Os títulos descritivos de cada capítulo e as xilogravuras correspondentes, cujo desenho original alguns atribui a Staden, fornecem ao leitor uma ideia geral dos acontecimentos que compõem a trama, ou seja, a própria “história verídica” de Hans Staden. Bueno, no prefácio da edição que utilizamos, afirma que a autoria das gravuras pode ser especulada, mas dificilmente evidenciada:

As xilogravuras que ilustram — e tanto enriquecem — o texto, essas teriam sido produzidas a partir de desenhos feitos diretamente pelo jovem Hans, ou, quando menos, sob sua orientação. Com certeza, pagas por ele o foram, se é verdade o que afirma o douto doutor Dryander. (BUENO, in STADEN, 2010, p.10)

As imagens são tão impressionantes e detalhadas que mais tarde foram reproduzidas por Theodor de Bry e ilustram até hoje as versões da obra. Objetos e seres humanos são representados de maneira bastante desproporcional. Esse detalhe pode significar a importância da hierarquia entre eles para o autor dos

desenhos ou, ainda, a condição psicológica de Staden, que favorecia uma visão deturpada do entorno devido ao perigo de ser morto e devorado pelos índios.

O leitor seiscentista, atraído pela perspectiva de cenas de antropofagismo, certamente teve de refrear a curiosidade até o capítulo trinta e seis da primeira parte, intitulado “Como os selvagens comeram um prisioneiro e me levaram para a festa”, onde o destino de ser devorado pelos índios se torna mais concreto para Staden, que, de senhor de escravos em Bertioga, passa a ser escravo dos tupinambás.

2.2 DE SENHOR DE ESCRAVOS A CATIVO

Os cinco primeiros capítulos são dedicados à primeira viagem ao Brasil e a fatos ocorridos durante a permanência de Staden no nordeste brasileiro. As informações sobre o período em que as viagens ocorreram são contraditórias, pois o narrador diz que após chegar a Setúbal, em 29 de abril de 1548, fora a Lisboa, de onde partiu como artilheiro em um navio comercial. Após várias peripécias, “chegamos a Lisboa aproximadamente em 8 de outubro de 1549, depois de uma viagem de dezesseis meses” (p. 31), e teria permanecido ali “repousando um longo período”. Ocorre que, ao comentar a segunda viagem, Staden informa que “no ano do Senhor de 1549, no quarto dia após a Páscoa, içamos velas a partir de São Lucas”.

A esse respeito, é importante lembrar que se trata de uma narrativa de memória e que Staden, na época da primeira partida da Europa, era um jovem de uns vinte anos em busca de aventuras e não um navegador preocupado em registrar cuidadosamente todas as ocorrências em um diário de bordo, nem escrivão de uma esquadra a serviço do rei, o que fala em favor da ficcionalidade do texto. Por outro

lado, as informações sobre lugares, fatos e algumas figuras históricas e, principalmente sobre os nativos, são evidente resultado de observação atenta e têm o caráter mais objetivo do relato.

A segunda permanência no Brasil teria durado aproximadamente 4 anos, dos quais durante 9 meses esteve prisioneiro dos tupinambás. A partida se deu de Sevilha, na Espanha. Tendo combinado encontrar outros dois navios na chegada às terras brasileiras, o navio em que Staden viajava finalmente ancorou em algum ponto da costa, onde teriam encontrado “cinco barcos cheios de selvagens carijós, tribo amiga dos espanhóis, e um homem vestido e com barba, dizendo estar a serviço dos reis da Espanha, que informou: ‘Vocês estão no porto de Jurumirim, como os nativos o chamam, ou de Santa Catarina, como os que descobriram batizaram-no’” (p. 49). Como este era o lugar exato para o encontro combinado, ficaram aguardando a chegada dos outros dois navios, o que aconteceu após três semanas, mas apenas um deles ancorou, o outro se perdeu no mar. Quando tudo estava pronto para seguir viagem a caminho do Rio da Prata, sobreveio violenta tempestade que afundou o navio grande no porto. Sem condições de seguir adiante, parte da tripulação permaneceu durante **dois anos** na selva, enfrentando perigos e passando fome até decidir buscar ajuda em São Vicente, junto aos portugueses. Parece-nos inverossímil a tal permanência de dois anos na selva, mas que pode também ser explicada por falhas de memória ou pela criatividade do doutor Dryander, cuja participação se torna evidente. Staden narra na primeira pessoa do plural o que acontece depois do naufrágio do navio que deveria levá-los, a ele e aos espanhóis, a seu destino:

Portanto, não tínhamos vontade de ficar e permanecer ali [em Jurumirim] Decidimos que a maioria de nós deveria atingir por terra a província de Assunção, que ficava a

cerca de trezentas milhas de distância; o resto deveria igualmente chegar até lá, com o navio remanescente. (p. 52)

Na realidade, informa o narrador, ele estava entre os escolhidos pelo capitão para embarcar no navio pequeno que restava. Mas a sorte não parece sorrir para Hans Staden. Após uma tempestade, o barco despedaçou-se contra arrecifes em Itanhaém: “No primeiro choque o navio se desfez. Alguns pularam na água e nadaram até a terra, outros se agarraram a pedaços de madeira e também chegaram até a terra” (p. 54). Após recuperarem forças, os náufragos seguiram por terra para São Vicente. Foram bem recebidos pelos portugueses e hospedados por algum tempo. “Depois, cada um de nós procurou algum trabalho para ganhar seu sustento” (p.55).

Staden, que tinha experiência com armamentos pesados, foi contratado pelo governo português como artilheiro no forte de Bertioga. Auxiliado por um grupo colocado à sua disposição, passa a controlar o espaço estratégico localizado entre as terras das duas nações índias inimigas: os tupinambás e os tupiniquins.

A narrativa mostra-se importante como registro de costumes em vários momentos, por ser um relato de experiências vividas durante um período relativamente longo na terra do Brasil e na convivência com o habitante da terra. Assim, como visto acima, a narrativa assume caráter de testemunho de quem assistiu às primeiras fases do nascimento de nosso país, posição que Hans Staden parece ocupar sozinho na literatura de viagens sobre o Brasil.

Ao descrever as tarefas de que era encarregado em Bertioga, Staden refere também detalhes da vida cotidiana entre os índios, de seus usos e costumes, que se constituem em informações interessantes. A pesca e o cultivo de milho, por exemplo, eram regulados pela ameaça constante dos tupinambás. Em duas épocas

específicas do ano, os cuidados deveriam ser redobrados na prevenção de ataques: em novembro, quando o milho maduro servia para fabricar o cauim³, consumido nas comemorações de vitória após as expedições guerreiras, “com ela comem seus inimigos, quando aprisiona algum” (p. 60); e em agosto, quando a pesca era propícia, e os tupinambás aproximavam-se mais, perseguindo uma espécie de peixe que migrava do mar para a água doce para a desova. A descrição dos procedimentos técnicos utilizados na pesca são outras tantas informações importantes para a história das populações nativas do Brasil: “Eles pescam os peixes em grande número, com pequenas redes, também atiram neles com flechas e retornam com muitos deles fritos para casa. Também fazem deles uma farinha, que chamam de piracuí” (p. 61). As informações abundantes vêm sempre entremeadas de afirmativas sobre o objetivo único de Staden ao escrever o livro, exaltar a ação da misericórdia divina, responsável por socorrê-lo em todos os momentos em que sua integridade esteve em perigo.

Antes da captura, Staden fora senhor de escravos, fato que aceita com naturalidade: “Eu tinha um selvagem da tribo carijó, ele era meu guarda-costas” (p.61). Sua relação com o índio anônimo é claramente de senhor e servo. O índio era mandado à floresta para caçar, pois “só há o que a natureza providencia” (p. 61), onde deveria aguardar que, no dia seguinte, o próprio Staden fosse apanhar a caça. Em postura de superioridade e comando, trata o indígena como escravo que lhe deve obediência. Depreende-se de sua atitude que, para sua visão cultural superior de europeu, era normal escravizar outro ser humano. Afinal a prática é consagrada na região, como evidencia a descrição de um grupo de colonos portugueses: “A eles

3 O cauim é uma bebida alcoólica tradicional dos povos indígenas, destilada da mandioca ou do milho. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cauim>

vinha [m] somar-se trinta negros e escravos brasileiros, isto é, selvagens que pertenciam aos colonos” (p. 37).

Quando a situação se inverte e ele é capturado, sua postura sofre reversão drástica e descreve a escravização como um ato bárbaro e desumano:

Os homens vieram na minha direção e eu reconheci que se tratava de selvagens. Eles me cercaram, dirigiram arcos e flechas contra mim e atiraram. Então gritei: “Que Deus ajude minha alma!” Nem tinha terminado estas palavras, eles me bateram e empurraram para o chão, atiraram e desferiram golpes de lança sobre mim. Feriram-me – Deus seja Louvado – apenas numa perna, mas me arrancaram a roupa do corpo, um deles o casaco, um outro, o chapéu, o terceiro, a camisa, e assim por diante. (p. 62)

O registro das experiências de Hans Staden, pelo doutor Johannes Dryander, conserva a espontaneidade da narrativa oral. Parece-nos testemunhar a humilhação do desafortunado narrador, desnudado progressivamente. “Entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos”, diz Walter Benjamin, no antológico ensaio sobre o narrador na obra de Nikolai Leskov. Benjamin ressalta o valor da experiência vivida ou daquela que é passada de pessoa a pessoa como a fonte a que recorreram todos os narradores. Onde encontrar essas fontes? A resposta de Benjamin é aplicável à narrativa de Hans Staden: a tendência do povo é imaginar o narrador como alguém que vem de longe, na crença de que os viajantes têm muito a contar. A isso acrescenta:

Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro

comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1993, p.2).

De fato, as viagens enriqueceram muito a experiência de mundo do jovem Hans Staden, que parte para suas aventuras aos vinte anos de idade. Ele se enquadra, portanto, na categoria de “marinheiro comerciante”. Percebe-se, porém, no tom da narrativa o senso prático do homem preso a terra, que observa com interesse e descreve com precisão os detalhes do mundo à sua volta.

Staden permaneceu prisioneiro dos tupinambás durante 9 meses. Libertado, graças à própria astúcia, em uma negociação entre os indígenas e os marinheiros de um navio francês, retornou a sua terra, onde resolveu registrar sua experiência extraordinária e como fora salvo, segundo ele milagrosamente, por intervenção de Deus. A religiosidade é constante na narrativa e influencia, certamente, a intolerância do narrador com um povo pagão, adorador de ídolos. O choque entre culturas é radical. Na realidade, não deve ter ocorrido em nenhum momento, quer a Staden quer a seu *ghostwriter*, que sua relação com os indígenas é uma relação reversível entre um “eu” e um “outro”, seres humanos com sentimentos, direitos e modos de vida próprios.

2.3 O “EU” E “O OUTRO”

Como mercadoria de valor, Staden fica à mercê de seus algozes que, numa disputa de poder, brigam para ver quem fica com o prisioneiro.

Depois começaram a brigar por minha causa: um deles dizia que tinha sido o primeiro a me achar, o outro que tinha me capturado. [...] Eu estava ali e rezava e olhava ao meu redor, porque esperava o golpe a qualquer momento. [...] Finalmente, o chefe que queria me guardar tomou a palavra e disse que deviam [...] “me matar,

cauim pepica, isto é, preparar bebida, reunir-se, fazer uma festa e comer-me, todos juntos”. (p. 62)

Em meio à narrativa dos maus tratos e da crueldade dos indígenas “bárbaros e ameaçadores”, implora pela misericórdia divina:

Em meio à minha grande aflição e tristeza, pensava em coisas que jamais me tinham vindo à mente neste triste vale de lágrimas onde vivemos, e cantei, com lágrimas nos olhos, do mais profundo do coração, o salmo “Do fundo da miséria clamo pelo Senhor”, o que faria os selvagens dizer: “Vejam como berra, agora o lamento apoderou-se dele” (p. 65)

Os tupinambás observam com espanto, o que é confirmado pelo texto, a atitude contraditória de Staden que canta e chora ao mesmo tempo. Quanto ao narrador, faz um balanço da sua vida de mercenário, de acontecimentos que certamente lhe causam aflição, e não tem nenhum pudor em mostrar medo e covardia diante do perigo iminente.

Ponto relevante para nossa análise são as nuances da voz narrativa, observadas na descrição de “O que ocorreu durante o percurso até a terra dos Tupinambás,” assunto do capítulo vinte e um.

Então chegaram à conclusão de que não seria bom passar a noite na ilha e acampar, e atravessaram para a terra firme. Já era noite quando chegamos. Havia naquele lugar cabanas que tinham sido construídas anteriormente. Puxaram a nossa canoa para fora da água, fizeram fogo e me estenderam nas proximidades. Eu devia dormir numa rede, **o que eles chamam de ini**. São as camas deles. Amarram-nas pelas extremidades em dois postes sobre o solo, ou em duas árvores, quando estão na floresta. Por uma das pontas, amarrou numa árvore a corda que eu tinha no pescoço. À noite ficaram deitados à minha volta e me ridicularizaram e chamaram na língua deles: “Chê reimbaba indê”, que significa “Você é meu animal aprisionado”. Ainda antes do amanhecer, seguiram caminho e remaram o dia inteiro. Quando o sol indicava a horas das ave-marias e eles ainda estavam **a duas milhas do lugar onde queriam pernoitar**, uma enorme e

tenebrosa nuvem negra se formou e veio atrás de nós. Eles tiveram medo dela e remaram rapidamente para alcançar a terra. Mas perceberam que não iam conseguir escapar e disseram-me: “E mongetá nde Tupã t’okuabé amanasú jandé momaran eyma resé”. O que vem a ser: “Fale com seu Deus para que a grande chuva e o vento não causem dano”. Calei-me e rezei por Deus, como estavam pedindo: “Ó todo-poderoso, Senhor do Céu e da Terra, que ouviste e ajudaste desde a aurora da humanidade, quando implorado teu nome. Mostra aos descrentes tua misericórdia. **Faze-me saber se ainda estás comigo. Mostra aos selvagens pagãos que não sabem nada de ti que tu, meu Senhor, ouviste minha prece**”. (p. 66-67) (ênfase acrescentada)



Figura 1 - Hans Staden sendo levado como prisioneiro para Ubatuba
Fonte: <http://www.google.com.br/search?q=figuras+hans+staden&h>

Há algumas considerações de técnica narrativa sugeridas pelos trechos em destaque. Em primeiro lugar, o conhecimento de nomes de objetos — *ini* para rede —, e de costumes dos indígenas, que foi sem dúvida adquirida posteriormente. Da perspectiva do presente, o narrador reproduz o que viveu no passado. Trata-se de uma reprodução retrospectiva dos acontecimentos, sujeita a falhas e, em consequência, a mudanças e adaptações para se tornar compreensível, o que fala em favor da ficcionalidade do texto e levanta dúvidas a respeito de sua veracidade.

A compreensão da linguagem dos índios, reproduzida em forma escrita, porém, requer exame mais detalhado. A passagem acima desperta um questionamento prioritário na análise de narrativas de viagens e aventuras em lugares estranhos: “Como explicar que o narrador compreende tudo o que é dito na língua do habitante da terra?” A narração do primeiro encontro entre o “eu” que narra e “o outro” que é objeto do narrado — quando os indígenas discutem para decidir com quem ficaria o prisioneiro — é feita com detalhes que indicam a postura dos índios e as razões apresentadas para disputar a posse de objeto tão precioso. Mas, em nenhum momento antes da captura fora mencionado que Staden entendia a língua dos índios. Durante os dois anos que passou em Santa Catarina, o convívio do protagonista se deu com uma tribo carijó e não consta que ele tenha aprendido sua língua. Também não é mencionada a forma de comunicação com seu escravo, da mesma tribo, em Bertioga.

Staden é levado à aldeia de Ubatuba. Lá chegando, é humilhado pelos índios e obrigado a dançar com eles. Tentou convencê-los de que não era português, dizendo ser francês — na disputa mesquinha entre tribos e exploradores de diferentes nacionalidades, promovida pelo colonizador europeu, os franceses eram “amigos” dos tupinambás —, mas sem sucesso. O francês, chamado de *Karwattuware* pelos indígenas, identifica Staden como português, por não ter entendido o que lhe fora dito em francês. Percebe-se a situação desesperadora de Staden, ameaçado pelos selvagens, que a todo instante ameaçam comê-lo, e abandonado por um europeu cristão. A atitude do francês que se nega a colaborar, quando uma simples afirmação teria sido suficiente para salvar sua vida, e ainda aconselha os índios a devorá-lo, leva o narrador ao desânimo completo.

Então pensei no versículo de Jeremias, no Capítulo 17, onde está escrito: “Amaldiçoado seja o homem que confiar nos homens”. Depois disso fiquei muito abatido. Mas antes ainda rasguei um pedaço do tecido de linho que eles me tinham dado – sabe-se lá como foi para nas mãos deles – e que eu tinha amarrado no meu ombro, pois estava muito queimado de sol. Joguei-o aos pés do francês. Se devia morrer, por que deveria continuar a tratar de minha carne para os outros? (p. 75).

A confiança na Providência Divina, porém, logo supera a apatia e ele faz nova tentativa de salvar-se, desta vez pela lisonja, elogiando as habilidades guerreiras do chefe Cunhambebe, no capítulo 28, “Como me levaram a Cunhambebe, seu chefe máximo, e como me trataram ali”. A apresentação feita pelos guardas, entretanto, não é nada lisonjeira para Staden – “Eis o escravo, o português”. A frase “Lá vem nossa comida pulando” é uma das referências à obra de Staden a se tornar conhecida na história da literatura brasileira, como vimos. O que quer que Staden ou seu *ghostwriter* tenham pretendido expressar, possivelmente revolta diante da indignidade a que um branco, civilizado e cristão era submetido, o efeito seria cômico da frase perdura até hoje. Embora amarrado como um porco no espeto, Staden ainda confia na própria habilidade de trazer Cunhambebe para seu lado, com elogios que fazem o chefe levantar-se e andar “cheio de satisfação de um lado para o outro à minha frente”.

Do chefe Cunhambebe eu já tinha ouvido falar muito. Devia ser um grande homem e também um grande tirano que gostava de comer carne humana. [...] “Você é Cunhambebe, você ainda vive?”. “Sim, respondeu ele, “eu ainda vivo.” Então muito bem”. Disse eu, “ouvi muito de você, e que você é um homem muito habilidoso.” Ele levantou-se e andou cheio de satisfação de um lado para o outro à minha frente (p. 78).

Ao mesmo tempo em que procura, astuciosamente, demonstrar respeito por Cunhambebe, Staden menospreza as crenças e objetos sagrados dos índios. Relata

que há entre eles homens com poderes especiais, a quem chamam de pajé, que percorrem os territórios uma vez por ano e, em cerimônias restritas aos homens, evocam espíritos, cujo poder de fazer previsões transmitem aos objetos sagrados dos índios – os maracás. Staden descobre que a voz profética não é do maracá, mas do próprio feiticeiro. Os tupinambás chamam os chocalhos de “querido filho” e pedem-lhe tudo de que necessitam, exatamente como os cristãos pedem ao “verdadeiro Deus”:

No início, quando cheguei entre eles e me falaram dos maracás, pensei que talvez fosse uma ilusão do diabo. Pois me contaram várias vezes como essas coisas falavam. Quando, depois fui à cabana onde estavam os adivinhos que deviam fazer os maracás falar, todos tiveram de sentar-se. Mas eu saí da cabana quando reconheci a fraude e pensei comigo mesmo: que gente tola e iludida. (p. 155)

A visão que Staden tem do “outro” é de presunçosa e de desprezo. A princípio acredita ser o ritual “coisa do diabo”, mas, quando de sua presumida “posição superior” de europeu percebe o engodo, classifica o ritual de fraudulento e os índios de “gente tola e iludida”. Mas o que ele faz pedindo ao seu Deus para livrá-lo da morte não é também uma representação?

As crenças do “outro” bárbaro são ridículas, mas a fé do “eu” que narra é baseada em abstrações metafísicas, incompatíveis com a mentalidade primitiva do “selvagem”. Apesar disso, tenta convencer os índios do poder de seu Deus:

Pouco depois o irmão do meu segundo senhor veio em pessoa a minha cabana, sentou-se e começou a se lamentar e disse que seu irmão, sua mãe, os filhos de seu irmão, todos tinham adoecido, e o irmão mandara que viesse me ver para que conseguisse do meu Deus a cura deles. Ele completou: “Meu irmão acha que o teu Deus está zangado”. Respondi: “Sim. O meu Deus está zangado, porque seu irmão queria me comer” (p.85)

Staden tenta atribuir a doença do indígena ao fato de comerem carne humana. Com isso espera fazer com que eles, temendo as consequências dos seus atos, desistam de comê-lo. Para tentar salvar-se invoca diante dos índios, em vários momentos, o poder do seu Deus, que atende aos que têm fé e castiga os ímpios. Por vezes, a crença dos índios em seus poderes tem efeito contrário: “Então se zangaram os índios comigo e disseram em sua língua: O homem mau, o santo, foi quem mandou o vento, pois durante o dia olhou ele nas peles do trovão” ⁴ (p. 92). Utiliza-se frequentemente, porém, do medo inspirado pelos fenômenos naturais, que atribui à ira do seu Deus, para convencer os índios de que seriam castigados se o devorassem.

A narrativa da vida entre os tupinambás tem início com a captura de Staden na floresta próxima ao forte de Bertioga, no capítulo 18, “Como fui capturado pelos selvagens”. O primeiro parágrafo, que explica o motivo de estar na floresta no momento em que os índios se precipitam sobre ele, com grandes gritos, “como é costume entre os selvagens” é característico da literatura do eu. “**Eu tinha** um selvagem da tribo dos Caiapós; ele era **meu** guarda-costas. Ele **me** trazia caça e normalmente **eu ia** para a floresta com ele”. A hierarquia do “eu” narrador, revelada na predominância absoluta da primeira pessoa nos verbos e pronomes, é reforçada, primeiramente pela passividade atribuída ao “outro”, referido apenas em sua relação com o narrador: “**ele** era **meu guarda-costas**” e “**ele me trazia caça**”. Algumas linhas abaixo, o guarda-costas e caçador passa a ser o “meu escravo” que “eu havia enviado alguns dias antes para a floresta.” Mas o narrador se utiliza ainda de outros recursos para impressionar o leitor, não só com o perigo que corria, mas com a superioridade de seu ponto de vista de “eu” cristão, temente a Deus. A descrição

4 O livro encadernado de couro que um marinheiro havia dado a Staden.

das ações dos indígenas, em discurso indireto e terceira pessoa, são interrompidas por um grito espontâneo de confiança —“Que Deus salve a minha alma”— e, mais adiante, por uma demonstração de tranquilidade, própria das almas superiores: “Eu estava ali e rezava e olhava ao meu redor, porque esperava o golpe a qualquer momento” (p. 61-63).

Por outro lado, o ritual da morte de um prisioneiro congrega todos os membros para o desempenho de tarefas específicas, além do preparo de adornos e utensílios especiais.

Nesta ocasião produzem boa quantidade de vasos nos quais colocam sua bebida, e queimam também recipientes especiais para as coisas com as quais o pintam e enfeitam. Confeccionam, ainda, ramos de penas e os amarram à maça com a qual o matam. (p.160)

Pelo relato de Staden, podemos perceber que na comunidade indígena não só os homens cumprem um papel, mas mulheres e crianças têm funções definidas e específicas. Isso fica claro no exemplo da descrição detalhada do tratamento dispensado a um prisioneiro:

Quando trazem para casa um inimigo, os primeiros a bater nele são as mulheres e as crianças. Depois colam nele penas cinza, raspam-lhe as sobrancelhas, dançam em volta dele e atam-no direito, de forma a não poder fugir. Depois lhe dão uma mulher que o alimenta e também se entretém com ele. Se ela tiver um filho dele, criam-no até que fique grande e depois, quando lhes vem à mente, matam-no. (p. 160)

Staden narra de forma indireta à relação acontecida entre o prisioneiro e a mulher que o alimenta e com ele tem relações sexuais, como se os fatos não tivessem acontecido com ele próprio. Quando se refere à sua condição de prisioneiro nunca menciona relações íntimas com a mulher que lhe fora designada

para companhia. Podemos deduzir que esta omissão se deva aos preceitos religiosos, já que ele faz esforço para destacar o quanto é privilegiado como recebedor das graças divinas. Portanto, pode ter preferido não se apresentar aos leitores como homem fraco e pecador, sujeito aos apelos da carne.

Dando continuidade à descrição do ritual, Staden esclarece que, após o algoz golpear o prisioneiro, executando a parte que pertence ao bravo que o capturou, passa para as mulheres a tarefa de continuar os procedimentos do ritual. Percebe-se que as funções são bem divididas entre os membros da comunidade:

Imediatamente as mulheres pegam o morto, arrastam-no para cima da fogueira, arranca toda a sua pele. Depois que a pele foi limpa, um homem o segura e lhe corta as pernas acima do joelho e os braços rente ao tronco. Quatro mulheres pegam os pedaços, andam ao redor das cabanas em gritaria de contentamento. Dividem tudo entre si. “As mulheres comem as vísceras, da mesma forma que a carne da cabeça. O cérebro, a língua e o que mais as crianças puderem apreciar, elas comem. Quando tudo tiver sido dividido, voltam para casa, e cada um leva seu pedaço” (p. 165-166).

Também a preparação corporal é importante para os indígenas, nas mais variadas atividades. Eles se pintam e se enfeitam de maneira diferenciada, dependendo da ocasião. Os rituais se revelam como acontecimentos sociais, para o qual têm suas regras definidas pela tradição, como o convite estendido às tribos amigas vizinhas, em algumas ocasiões. Staden descreve minuciosamente a cerimônia de preparação:

Assim que todos os que vêm de fora estiverem reunidos, o chefe da cabana lhes dá as boas-vindas e diz: “Agora venham e ajudem a comer o vosso inimigo”. Um dia antes de começarem a beber, amarram a muçurana [corda] ao redor do pescoço dele e pintam a ibira-pema com a qual o matarão. [...] De madrugada, bem antes do amanhecer, eles vêm e dançam e cantam ao redor da maça com a qual deverão

matá-lo, até o raiar do dia. Muitas pessoas puxam a corda de ambos os lados. Deixam-no assim por algum tempo e põem à frente dele pequenas pedras, para que possa atirá-las contra as mulheres que andam em torno dele e lhe dizem, de forma ameaçadora, como querem comê-lo. As mulheres estão pintadas e, depois de ele ter sido [morto e] esquartejado, deve andar em volta das cabanas com os quatro primeiros pedaços. Isso para grande regozijo dos remanescentes. (p. 162-163)

Como representação das cenas do ritual antropofágico, apresentamos uma ilustração de Theodor de Bry, com base nos desenhos de Staden, que se transformaram em xilogravuras e posteriormente em pinturas:



Figura 2 - Hans Staden e os canibais

Fonte : <http://www.google.com.br/search?q=figuras+hans+staden>

A narrativa de Staden é repleta de detalhes, e após ser representada nas xilogravuras e nas pinturas de De Bry, colaborou para criar no imaginário europeu a imagem estereotipada de um Brasil de gente selvagem. Staden, como viajante e narrador, assume postura semelhante àquela descrita por Todorov, no que diz

respeito aos viajantes do Novo Mundo: ao narrar seus contatos com os indígenas, tinham ideias pré-concebidas que interferem na narrativa. O antropofagismo é uma dessas referências. No entanto, o texto de Staden apresenta diferença estrutural importante: ele viveu pessoalmente as experiências de quase vítima de um desses rituais. Para assegurar a veracidade do relato lá está o frontispício informativo, com o aval do doutor Johannes Dryander. Ademais, seria necessária imaginação muito rica para criar com tantas minúcias, confirmadas pelas xilogravuras, cenas tão convincentes e realistas.

Alguns autores questionam a maneira como foi lida na Europa a questão do canibalismo dos indígenas, relatada por viajantes como Staden e Léry. Michel de Montaigne, no século XVI, em seus *Ensaíos*, argumenta que o ritual praticado pelos selvagens não é mais bárbaro do que as atrocidades cometidas pelos seus contemporâneos, considerados civilizados:

Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé; como não somente o vemos, mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos, e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado (MONTAIGNE, 1996, p. 197)

O fato de matar outros seres humanos não surpreendia Staden, que participou de vários episódios de pilhagem de navios, cuja tripulação era morta ou aprisionada. O que o deixava horrorizado era não o assassinio de outros humanos, mas o consumo da carne:

Quando retornei à cabana, Alkindar, um dos meus dois senhores, perguntou-me se eu agora via como tratam seus inimigos. Eu disse: “Sim. Que vocês os comam, me parece

horrível, mas não me surpreende tanto que vocês os matem”. Ele respondeu: “Bem, isso é costume entre nós. Com os portugueses fazemos o mesmo”. (p. 93).

2.4 DO INFERNO AO PARAÍSO

Apesar da situação de perigo constante e ameaça de ser devorado, Staden, deixa de lado por alguns momentos o seu inferno e passa a ver o paraíso que está a sua volta. Descreve a beleza da terra, a exuberância da natureza e a presença de animais e plantas exóticas. Encontramos entre seus comentários os mais variados animais, desde insetos como as abelhas até os bichos-de-pé enfrentados pelos índios. Também se encontram descrições e detalhes sobre animais como veados, macacos, tatus, lagartos e saruês (uma espécie de gambá). Tentando caracterizá-los, compara-os com animais conhecidos na Europa, como por exemplo:

Naquela terra existem veados como entre nós em Hessen e dois tipos de porcos selvagens, dos quais uma espécie corresponde ao nosso porco selvagem e a outra tem a aparência de um jovem leitão. Estes últimos chamam-se tanhaçutatu e são muito difíceis de apanhar nas armadilhas que os nativos usam para pegar animais. (p.172)

Comentando sobre a capivara, informa:

Um animal chamado capivara vive na terra e na água. As capivaras comem o junco que fica nas margens onde há água doce. Quando temem alguma coisa, fogem para a água e vão para o fundo. São maiores que um carneiro e têm uma cabeça parecida com a de uma lebre. Embora maior, mas com orelhas pequenas, uma calda curta e pernas bastante longas. O pêlo é preto-acinzentado. Tem três dedos nos pés e em terra vão rapidamente de um lugar com água para outro. A carne tem sabor de carne de porco. (p. 174)

Staden descreve não só a aparência e a forma de caçar esses animais, mas faz comparações sobre a alimentação europeia e a dos índios. Percebemos na narrativa informações fantasiosas, como por exemplo: “Há também naquelas terras muitos **tigres** que despedaçam gente e causam grandes danos, e ainda um tipo de **leão**, a que chamam leopardo, que significa algo como leão cinza, e muitos outros animais estranhos” (p.173-174). Como no Brasil não existem tigres e nem leões, fica impossível a identificação destes animais.

Staden relata que muitos pássaros estranhos viviam no Brasil. Falando sobre a espécie guará piranga, conta que as penas eram muito valiosas para o enfeite e adornos dos selvagens. Esses pássaros buscavam sua alimentação no mar e faziam ninhos nos arrecifes perto da costa. A comparação também é usada para dar uma noção das características do pássaro:

Eles são do tamanho de uma galinha, têm um bico alongado e grandes pernas como as garças, embora menos longas. O guará piranga tem uma particularidade: as primeiras penas que nascem nos filhotes são de cor cinza clara. Quando atingem a idade de voar, ficam de cor cinza escura. Depois mudam de cor e o pássaro inteiro fica tão vermelho quanto é possível ser vermelho (p.176).



Figura 3 - O guará
Fonte: Marcos Wasilewski (2011)

Pela descrição minuciosa de Staden, podemos identificar esses pássaros como os guarás que ainda hoje vivem na costa brasileira e podem ser encontrados no Parque Nacional de Superagüi.

Em relação às plantas, o que mais chamou sua atenção na densa floresta brasileira e mereceu destaque no relato foi a árvore de jenipapo. Compara o fruto a uma maçã, cujo suco os selvagens usavam para pintar o corpo. Descreve que, quando o suco entrava em contato com a pele, no início parecia água, mas depois de algum tempo a pele ficava preta como se fosse tinta: “Isso perdura até o nono dia, mesmo quando se lavam muitas vezes” (p.177).

Fazem parte do relato detalhes sobre o plantio, desenvolvimento e colheita do algodão, que servia aos índios para confeccionar redes, tanto para repouso quanto para a pesca. Também descreve minuciosamente o processo de plantação, colheita e utilização da pimenta e da mandioca pelos índios.

Considerando que o objetivo deste capítulo foi identificar a visão do “outro”, ou seja, a visão do europeu em relação aos habitantes do Novo Mundo, concluímos que Staden procurou manter o que julgava ser sua superioridade de europeu

colonizador durante todo o tempo em que ficou prisioneiro. Mostrou respeito e admiração em relação à coragem do chefe Cunhambebe, mas sua intenção era ganhar-lhe a confiança para escapar do cativeiro e evitar ser devorado pelos índios. Com essa intenção, zombou da crença dos indígenas, desrespeitando sua cultura. Procurou demonstrar poderes especiais sobre os fenômenos da natureza controlando a chuva e o vento, tentando intimidar os índios, com a ameaça de castigos pelo seu Deus todo-poderoso.

O interesse primordial do livro, evidentemente, reside no canibalismo dos nativos que Staden atribui principalmente ao ódio e ao desejo de vingança, e não à simples necessidade de alimento físico. Quando estão guerreando uns contra os outros, acompanham os ataques com gritos ameaçadores: “Sobre você abata-se toda desgraça, você será minha comida, estou aqui para vingar em você a morte do meu amigo, tua carne será, ainda hoje, antes que o sol se ponha, o meu assado” (p.157).

3 A IMAGEM DO BRASIL NO EXTERIOR E O TURISMO

Para a discussão das representações do espaço e do homem brasileiros utilizamos como embasamento teórico principalmente os autores Rosana Bignami e Mario Jorge Pires. Em seu estudo, Bignami faz uma retrospectiva da imagem do Brasil desde os primeiros viajantes que aqui chegaram e mostra como essa representação vai sofrendo sobreposições de estereótipos, mudando com o tempo, mas sem alterar fundamentalmente a concepção inicial. É justamente a existência, ou não, de diferenças na imagem do Brasil entre a percepção inicial exposta por Staden em sua obra, e a percepção atual, apreendida através das respostas dos entrevistados, que esta pesquisa pretende levantar. Qual a visão do “nativo” de hoje, habitante de Superagüi, que consideramos seja diferente do brasileiro do litoral em geral, por ser um remanescente do caçara, vivendo até certo ponto em isolamento da sociedade de hoje numa área de preservação. É possível encontrar no caçara de Superagüi resquício do enfrentamento entre habitante nativo (índio) e viajante europeu?

Já Pires concentra-se no século XIX, nos movimentos de transformação que o mundo sofre a partir do século XVI com as grandes navegações, no impulso dado pelas riquezas e as mudanças decorrentes das descobertas, e discute também as raízes do turismo no Brasil em sua tese de Doutorado.

De acordo com Bignami para o marketing de lugares e serviços no turismo “pode-se dizer que não importa tanto qual imagem irá representar um produto, mas o que importa é que ela seja atrativa e principalmente que ela não se distancie inadequadamente da realidade” (BIGNAMI, 2002, p. 52). O consumidor compra uma imagem e espera que esta imagem seja o mais próxima da realidade, que seja cumprido tudo que lhe foi prometido. Como o produto turístico não pode ser avaliado

fisicamente antes da compra, principalmente no caso de lugares, pois a produção e o consumo acontecem simultaneamente, a imagem se torna importantíssima no processo de decisão do cliente.

Durante o processo de decisão de compra, o consumidor irá avaliar o produto a partir de informações adquiridas por meio de folheteria, cinema, informações de amigos, anúncios publicitários, narrativas de viagem e outros. No turismo, uma imagem pode atrair o cliente, mas se as condições de infraestrutura do local não atenderem às expectativas, e se a estrutura social for problemática, a avaliação da qualidade do atrativo será prejudicada, criando uma imagem negativa da região.

Para compreender a problemática ligada aos estereótipos nacionais, devemos buscar primeiro esclarecer qual a imagem que os estrangeiros têm do Brasil.

Analisando a formação dessa imagem, podemos recorrer aos referentes históricos como a Carta de Pero Vaz de Caminha, os relatos das missões estrangeiras e os dos viajantes aventureiros que estiveram no Brasil. Na Carta, Caminha descreve a terra como uma visão do paraíso:

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem de nós desde ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte léguas de costa. A terra é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa. A terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho (...). As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem (...). (CASTRO, 1985, p.1)

A visão de Caminha parece revelar um paraíso na terra, um lugar grandioso e com água em abundância, solo fértil e clima agradável. Grandes arvoredos, praias

formosas, um conjunto de elementos que favorecem o aproveitamento das possibilidades: “querendo aproveitá-la, tudo dará nela”. A descrição nos remete ao próprio jardim do Éden.

Dentre os relatos de viagem, destacamos o de Hans Staden, que ao lado lindas paisagens e animais exóticos, salienta a ferocidade dos selvagens que por pouco não o havendo devorado em ritual de canibalismo. De um lado, o deslumbramento com tanta beleza e suntuosidade da vegetação; do outro, o medo de ser sacrificado em cerimônia antropofágica dos índios tupinambás, dos quais foi prisioneiro por 9 meses. A diferença na narrativa de Staden vai além do aspecto exótico encontrado nas descrições do povo e do território brasileiro, na admissão do medo com relação ao outro. Nesse sentido, a obra de Staden revela-se primordial e digna de estudos, pois revela uma nova relação entre o europeu e o Novo Mundo.

Entre os objetivos das grandes navegações estava a exploração de matérias-primas e a difusão do cristianismo. Para isso, os exploradores precisavam dominar o mundo recém-descoberto com um mínimo de conflitos. É através de obras como a de Staden que podemos, hoje, entender e desvendar fatos e até mesmo intenções que, veladas, manifestavam-se nas formas de dominação da época:

Os massacres indígenas, a catequização, o sistema escravista, foram alguns dos fatos que denunciam a imposição de um sistema e de uma ideologia para beneficiar o continente europeu. Outros aspectos, menos aparentes, são verificáveis nos discursos formados na época, por meio dos relatos científicos e expedições, artes, literatura, entre outros. (BIGNAMI, 2002, p. 80)

Para a autora, as formas adotadas nas representações artísticas apontam duas direções: visões do paraíso e do inferno. De um lado, a imagem do paraíso representada na pintura de palmeiras projetadas contra um céu azul e calmo, que protege animais e homens em perfeita harmonia. De outro, a visão do inferno em

xilogravuras que mostram com detalhes macabros de mulheres canibais e rituais antropofágicos. (Figura 3) e no relato de Staden absorvidos pelo imaginário europeu. “As pessoas têm o corpo de cor marrom avermelhada. Isso vem do sol, que as queima assim. É um povo hábil, maldoso e sempre pronto para perseguir e comer os inimigos” (STADEN, 2010, p.140).



Figura 4 - Pintura de Theodor de Bry

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres> acesso dezembro 2012

Segundo Raminelli, as cenas de guerra entre os nativos multiplicam-se nos primeiros relatos de viagens publicados na Europa a partir de meados do século XVI. Na coleção *Grandes Viagens*, ilustrada e editada por Theodor de Bry, há inúmeras imagens dedicadas às batalhas entre os nativos. Os brancos também aparecem no meio dos confrontos, portando e disparando armas de fogo. Em uma gravura, por exemplo, De Bry retrata uma aldeia em pleno combate, cercada por centenas de guerreiros munidos de arco e flecha. O povoado possui uma paliçada de forma circular. No interior do cercado, os índios defendem a tribo e apontam

flechas para os inimigos, alguns deles encontram-se caídos e alvejados mortalmente. Na fortificação nativa, quatro cabanas protegem mulheres e crianças, que demonstram, pelos movimentos, o temor em relação ao desfecho do evento. O ilustrador ainda acrescenta à composição crânios humanos suspensos por varas dispostas junto à paliçada, sendo este um indício do canibalismo. O gosto pela guerra é seguramente um dos principais elementos do “bárbaro” americano.

Apesar disso o índio acabou sendo representado como o “bom selvagem” de que falava Rousseau, o ingênuo e inferior habitante das novas terras, que deveria ser catequizado e elevado à condição de cristão. Bignami comenta o fato de estarem os livros dos viajantes repletos de imagens perturbadoras de sacrifícios humanos, martírios e monstros. Segundo Bignami, as primeiras imagens inquietantes destacando os hábitos canibais na América são as gravuras das cartas de Américo Vespúcio no século XVI. Outras imagens da escola quinhentista portuguesa retratam o índio sendo catequizado ou uma mescla do índio com demônios, numa alusão ao medo do desconhecido e a repulsa aos costumes indígenas.

Para Raminelli, as gravuras denunciam a guerra, a antropofagia e o barbarismo:

A cartografia portuguesa do século XVI também elegeu a guerra e o canibalismo como motivos apropriados para caracterizar a Terra de Santa Cruz. A imagem do Brasil se confunde com índios nus, segurando artefatos bélicos ou em pleno festim canibal. Muitas vezes, há nos mapas as seguintes inscrições: Canibales, Brasil Canibales e Canibales carnibus vivente. Os habitantes da colônia americana portam cocares e tangas de penas ou encontram-se despidos de qualquer vestimenta, trazendo nas mãos arcos e flechas. Os índios, por vezes, carregam o pau-brasil em direção ao litoral, em menção à primeira atividade econômica da colônia. (RAMINELLI, 1994, p. 125)

Deste modo, as primeiras imagens da América clamam pela colonização como forma de reverter a “selvageria” e implantar no novo território uma “civilização”:

As guerras entre os selvagens povoam as imagens pictóricas produzidas entre os séculos XVI e XVII. A cartografia, a pintura e a literatura de viagem reproduzem em detalhes a ferocidade dos combates travados entre os nativos da costa do Brasil. A visão europeia muitas vezes aproxima os índios dos turcos, aos citas e aos normandos, pois o barbarismo atenua as fronteiras culturais dos povos ainda não cristianizados. (RAMINELLI, 1994, p. 120)

Segundo Bignami (2002), a ideia de paraíso terrestre já existia no imaginário da época, reforçada pela publicação de *Utopia*, de Thomas More, em 1516. Numa crítica à sociedade de então, o autor inglês idealizava uma sociedade de seres falíveis vivendo em harmonia numa ilha fantástica na costa brasileira, apresentando a solução para a humanidade nas terras recém-descobertas. Em 1671, o inglês John Milton publica *O paraíso reconquistado*, onde aborda a descoberta do paraíso. Voltaire, em 1759, publica *Cândido*, no qual descreve um Eldorado de mil maravilhas. Diderot, em 1772, em *Adenda à Viagem de Bougainville* *cita* um paraíso de sonhos, em que seus habitantes se dão à prática sexual sem limites (BIGNAMI, 2002, p. 82). Ao longo dos séculos XVI e XVII a imagem que se tinha do Brasil era de Eldorados e Éden, abismos e monstros, bons selvagens e canibais.

A dualidade de paraíso e inferno permanece, embora a visão dos autores e artistas seja particularizada, distorcendo a realidade e fantasiando perante a suntuosidade e o exótico. Não se pode dizer que todos os seus relatos sejam falsos, mas devem ser lidos e interpretados com certa cautela:

A difusão dos estereótipos do bárbaro e do demônio constitui uma forma de absorver a diversidade cultural encontrada no Novo Mundo. O índio seria integrado ao imaginário ocidental, recebendo, portanto, uma classificação e um valor. Contudo, a maneira de visualizar o índio vincula-se igualmente ao mundo colonial e

às disputas em torno da conquista, da catequese e do emprego dos índios como mão-de-obra. O bárbaro seria então um escravo ou um cristão em potencial. Mais uma vez, as querelas entre colonos e jesuítas permitem apreender como o conceito aristotélico ganhou novas colorações no âmbito colonial. (RAMINELLI, 1994, p. 134)

De acordo com Pires (1991), podemos constatar um movimento mundial de transformações no ato de viajar que, começando no século XVI, cresce e se modifica em proporções revolucionárias até meados do século XIX:

As novas condições econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas, advindas da Revolução Industrial, não modificam apenas drasticamente a maneira de se produzir, mas tornaram possível a introdução de novos elementos na civilização urbana. Dentre eles, ganha realce a viagem para o lazer e para a saúde, numa proporção até então pouco conhecida, usufruída por quantos haviam se beneficiado da abundância econômica e da revolução nos transportes, divisores de águas para o turismo moderno. (PIRES, 1991, p.24)

Para o autor, as transformações proporcionaram um grande interesse nas pessoas em viajar, e o Brasil como destino turístico encontrava-se numa situação sem entraves, pois o pacto colonial deixara de existir no momento que o príncipe regente D. João assinou a carta de Abertura dos Portos, em 1808. O café firmava-se como um novo produto, voltado para o mercado externo, o que levava ao desenvolvimento econômico e político dos fazendeiros que, influenciados pelo modo de vida dos europeus, acompanhavam as tendências, inclusive a moda das viagens.

A expansão do comércio, das viagens, da tecnologia e das ciências irá atualizar a imagem exótica do paraíso com índios, pássaros e plantas. Pode-se distinguir, “após o período do mercantilismo e das grandes navegações, um fato histórico de importância que teve repercussões em todas as instâncias: a Revolução Industrial” (BIGNAMI, 2002, p. 85). A autora ressalta que com o advento da

Revolução Industrial mudaram as formas de produção, proporcionando o crescimento das cidades, o avanço tecnológico e o progresso das ciências, alteraram-se comportamentos sociais e abriu-se caminho para o Iluminismo. A ideia de igualdade pela razão e o avanço tecnológico possibilitaram um novo diálogo entre os continentes, e o século XVIII se encerrou com um olhar mais aberto às questões do pluriculturalismo. O movimento cultural que abrangeu várias áreas do conhecimento humano caracterizou o surgimento de uma economia global, que teve seu ponto de origem na Europa e acabou se expandindo pelo resto do mundo. (BIGNAMI, 2002, p. 86).

Ainda segundo Bignami, além de relatos de viagens, foram publicados romances de destaque na literatura da época, entre eles *Robinson Crusoe*, (1719) de Daniel Defoe e *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift. A Europa vivia um momento de expansão e reflexão. Montesquieu publica *O espírito das leis* (1748), Diderot termina *A enciclopédia* (1751), Rousseau, *O contrato social* (1762), Adam Smith, *A riqueza das nações* (1776) e Kant a *Crítica da razão pura* (1788).

Para o Brasil esse período foi marcado pela vinda da Família Real e pela Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, que abre os portos brasileiros às nações amigas, processo importante para a emancipação política, dando início à internacionalização do país colaborando para modificar os hábitos de parte da população brasileira, influenciada pelos costumes europeus.

Segundo Pires, “o número de embarcações de várias bandeiras que, a partir de então, começaram a entrar em portos brasileiros, estimulou enormemente as atividades ligadas ao comércio de importação e exportação” (PIRES, 1991, p. 37). Com este comércio, foi possível uma comunicação mais ativa com os costumes europeus, e o Rio de Janeiro, beneficiando-se do *status* de abrigar a Família Real,

passou por grandes transformações. Para o autor, a cidade assumiu características de jovem metrópole que foi descrita minuciosamente pelos viajantes que por ela passavam como Luccock, que escreveu sobre a construção das residências. Na opinião desse viajante, o gosto apurado dessas casas não se deve apenas à presença da Corte, mas também a muitos estrangeiros de diversas nacionalidades que aos poucos foram imprimindo novos hábitos à população local. A presença de estrangeiros até então não permitida, faz com que, livre dos entraves, muitos viajantes ou visitantes, alguns até por interesse científico, passem a descrever as terras brasileiras, os aspectos urbanos, as condições de vida e o cotidiano das pessoas.

De acordo com Bignami, o nascimento da imprensa brasileira, com Hipólito José da Costa, em 1808, que lança em Londres o *Correio Braziliense*, seguido do Jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, de certa forma desperta a curiosidade em comparar as informações que vêm à tona na mesma época pela divulgação da Carta de Pero Vaz de Caminha. Reacendeu-se no imaginário do europeu a situação histórica do século XVI, mas com uma visão mais apropriada, e com informações atualizadas do cotidiano e do urbano, embora não suficientes para desfazer o velho estereótipo de paraíso. Com o início das Ciências Sociais no Brasil e a aplicação das teorias europeias na formação da autoimagem nacional, altera-se a visão dos séculos anteriores, eliminando canibais e monstros, mas misturando índios, negros e brancos na mesma raça. A imagem do povo brasileiro se torna mais complexa, entram em cena as cidades e as atividades urbanas, conferindo uma identidade nacional própria, e não mais apenas uma imagem contraposta à do europeu. Essa nova visão foi sendo aos poucos assimilada tanto no exterior como no próprio país (p. 87).

O artista alemão Johann Moritz Rugendas, que permaneceu no Brasil de 1822 a 1825 e de 1845 a 1846, retratou o cotidiano e a vida na cidade, mas as imagens ainda são emolduradas por palmeiras e céu azul, reforçando a imagem de paraíso. A grande contribuição de sua obra está exatamente nas vistas panorâmicas do Rio de Janeiro, que agradaram estrangeiros e brasileiros e serviram de inspiração a uma série de imagens imortalizadas pelo cinema, e difundidas por meio de cartões postais turísticos, colaborando para firmar algumas imagens-símbolo do Brasil. Proliferam-se obras dessa fase histórica representando índios, negros e brancos em inúmeras atividades e situações. Sobretudo em Debret, que esteve no Brasil de 1816 a 1831, se veem representações características da vida cultural brasileira, onde convivem harmoniosamente as raças, numa espécie de “simbiose perfeita”, destacada em seu livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. As imagens de um país edênico foram aos poucos adquirindo contornos mais cosmopolitas. Começam a ser representadas atividades urbanas, famílias, ruas e paisagens organizadas nos moldes europeus e, principalmente, começa a aparecer imagens simbólicas de país independente, tendo a paisagem tropical como elemento de identidade da nação, agora Império (BIGNAMI, 2002, p. 90).

Com o advento do rádio, da televisão, do cinema e na literatura nacional iniciou-se uma trajetória de difusão mais elaborada da imagem nacional no exterior. Em tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, Antonio Carlos Amâncio da Silva defende que a formação da imagem do Brasil se deu a partir de referentes históricos como a Carta de Caminha, os relatos dos viajantes e das missões estrangeiras no século XIX, e também das obras de artistas que aqui estiveram. Esse teria sido o conjunto de fontes originais, que o cinema se incumbiu de divulgar e perpetuar (SILVA, 1998, citado por Bignami, 2012, p. 98).

3.1 TURISMO – PLANEJAMENTO, CARACTERÍSTICAS E PARTICULARIDADES

O turismo caracteriza-se pela ausência de um objeto próprio de estudo e pela interdisciplinaridade. Não possui técnica própria e nem é ciência com autonomia ou independência. É constituído por outras ciências, além de utilizar técnicas comuns de outros campos ou especialidades (ANDRADE, 2000). Desta forma pode ser estudado e analisado de forma abrangente com inúmeras interferências de diversas áreas como economia, psicologia, administração, antropologia e muitas outras, o que dificulta o entendimento do fenômeno social e o devido planejamento da atividade.

O turismo é um fenômeno social de caráter complexo, que pode ser interpretado de formas variadas, de acordo com a função que venham a assumir as pessoas relacionadas a ele. Porém, independentemente do ponto de vista particular dos diferentes setores dedicados a essa atividade, o turismo, sob a perspectiva conceitual, não é nada mais do que um conjunto de relações e fenômenos produzidos pelos deslocamentos e a permanência de pessoas fora do seu lugar normal de domicílio, motivadas fundamentalmente por uma atividade não lucrativa. (ACERENZA, 2002, p. 57)

O turismo é uma atividade relacionada com a educação, o prazer, o descanso e a recreação. Portanto, o turismo é uma forma particular de uso do tempo livre, uma forma especial de recreação e atende a vários critérios de motivação.

Considerando o critério da motivação, podemos analisar o turismo agrupando-o em duas grandes divisões: o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo motivado pela busca de atrativos culturais. Sendo o turismo um dos veículos mais importantes para o intercâmbio cultural, o seu planejamento deve proporcionar oportunidades responsáveis e bem geridas aos integrantes das

comunidades receptoras, assim como deve proporcionar aos turistas a experimentação e a compreensão da cultura e do patrimônio de uma localidade.

O patrimônio classifica-se em duas grandes divisões: natureza e cultura. De acordo com Barretto:

Atualmente há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos. (BARRETO, 2000, p. 11)

Desta forma, a autora afirma que o patrimônio passou a ser definido como um conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e condições de vida de todos os segmentos da sociedade e não somente os que representam a elite social. O fazer humano consiste também em criar receitas, modos de relacionamentos com seus vizinhos, criar ciência, sabedoria, ditar a moda do vestir-se, construir a história, são hábitos, usos e costumes que não se guardam em museus como obras de artes, mas que fazem parte do cotidiano da sociedade e devem ser preservados para a posteridade.

Pode-se afirmar que o patrimônio de uma sociedade deva ser compreendido como mais um recurso à disposição das comunidades para seu desenvolvimento. Essa concepção de patrimônio como recurso econômico, capaz de gerar emprego e renda, está associada ao crescimento do turismo, e à necessidade das pessoas em conhecer cada vez mais a diversidade das regiões, dos territórios nacionais e de todo o planeta.

O crescimento contínuo e desordenado das cidades, a especulação imobiliária, as mudanças dos comportamentos, os novos valores e estilos de vida

podem gerar impactos irreversíveis nos patrimônios de uma sociedade, pois são fatores resultantes da sociedade globalizada.

Fazendo parte do conjunto de patrimônios de uma determinada comunidade, além de cidades, edifícios, instrumentos e outros bens materiais, estão hábitos, usos e costumes. O patrimônio cultural se tornou um dos principais elementos no processo de planejamento e ordenação da dinâmica de desenvolvimento e é um dos itens estratégicos na afirmação de identidade de grupos e comunidades (FONSECA, 1997). Nesta perspectiva, é de grande importância que se obtenha a consciência de que o patrimônio de uma sociedade é um fator de desenvolvimento para ela, sendo necessária uma gestão adequada para que esse fator seja usado de maneira a beneficiar a comunidade.

Américo Pelegrini apresenta vários exemplos de patrimônios usados para fins culturais e que viabilizam a manutenção de heranças culturais, assim como o consumo da própria cultura (PELLEGRINI FILHO, 1993). Para o autor, a revitalização do patrimônio, tem contribuído para o desenvolvimento dos lugares; quando as comunidades percebem que a riqueza da identidade representa um impulso à continuidade da herança cultural e a geração de emprego e renda por meio da atividade turística. Sobre o binômio cultura e turismo, destaca-se que:

Turismo é uma atividade que, além dos aspectos econômicos, desenvolve aspectos socioculturais de grande importância, utilizando dentro da sua dinâmica, processos culturais de muita relevância e abrangência. Estabelecendo, desta maneira, uma tênue relação entre as áreas de cultura e turismo, podemos dizer que esta relação ainda encontra-se bastante tímida em termos de parcerias de atuação e ações integradoras. (CAMPOS *et al*, 2006, p. 130)

Para os autores, a dinamização dos setores necessita de políticas que visem à inter-relação entre cultura e turismo que possibilite ações integradas na

conformação do produto turístico de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável.

O turismo, além de importante instrumento de promoção social e de dinamização econômica, é também, e principalmente, uma atividade cultural:

Conhecer lugares, assistir à apresentação de manifestações artísticas, degustarem pratos peculiares de cada região, compartilhar com nativos a experiência de uma feira local, é conhecer elementos que dizem respeito a pessoas e suas sensibilidades, suas normas e valores, suas emoções. É um exercício de se colocar por alguns momentos na condição do outro que experimenta cotidianamente aquilo que, aos turistas, é proporcionado fortuitamente. (NEVES, 2003, p. 59).

Para a autora o desejo do turista é apreender o outro. Se a cultura é um processo dinâmico, em que novos usos são dados aos produtos culturais, também o turismo participa desse processo. A relação entre patrimônio e turismo é dinâmica e deve gerir-se de modo sustentável para a atual e para as futuras gerações.

Sendo hoje o turista estrangeiro um representante característico do século XXI, que busca o conforto da tecnologia, mas ao mesmo tempo reconhece a necessidade de manutenção do patrimônio como elemento de identidade, é primordial que entenda que a herança cultural é referenciada sobre um passado, e este deve ser preservado. Do visitante atual espera-se que seja capaz de absorver tudo que uma comunidade pode lhe oferecer, e que além das paisagens deslumbrantes, perceba a cultura dessa comunidade, seja ela sofisticada, avançada e altamente globalizada, seja de hábitos simples e conservadora da tradição dos antepassados. E que o viajante de hoje, ao contrário dos “visitantes” europeus dos séculos XV e XVI levem do lugar somente fotos e deixem ali boas lembranças.

4 A TERRA E O HABITANTE DO BRASIL – NA VISÃO DO VIAJANTE EUROPEU DO SÉCULO XXI – SUPERAGÜI ↔ TURISTA

Deparar com o texto de Hans Staden que descreve Superagüi, em seu relato de viagem em 1550, como um porto seguro onde seu navio foi salvo da tempestade, e a tripulação bem recebida por índios e portugueses que ali viviam, despertou a curiosidade de analisar a relação visitante-visitado nos dias atuais. Tivemos o privilégio de ser apresentada ao “paraíso na terra” por Carlos Augusto Cornelsen (Pakho) em março de 1998. Desde então, as visitas são constantes, pelo menos uma vez ao ano. E a cada visita, o interesse pela cultura, pelos usos e costumes desse povo hospitaleiro tem crescido até tornar-se objeto de estudo deste trabalho.

Em seu relato, Staden (2010) escreve com detalhes a maneira como o navio que o trouxe ao Brasil foi empurrado por uma grande tempestade, no dia 24 de novembro de 1550, contra os arrecifes daquela região. Ao entardecer, um barco trazendo alguns nativos aproximou-se do navio, mas a comunicação não foi possível, pois falavam línguas muito diferentes. Houve oferta de presentes como facas e anzóis. Ao anoitecer os nativos retornaram ao navio, juntamente com dois portugueses, o que possibilitou a comunicação. Foi então que ficaram sabendo que estava em Superagüi, o que julgavam ser uma ilha situada a cerca de treze milhas de São Vicente, vila que pertencia ao rei de Portugal. Também receberam a notícia de que a ilha de Santa Catarina, destino da esquadra, ficava a trinta milhas ao sul. Os nativos da região de Superagüi eram os tupiniquins, amigos dos portugueses, não oferecendo, portanto, perigo aos visitantes.



Figura 5 - Frente ao porto de Superagüi
Fonte: STADEN (2010, p. 46)

4.1 CARACTERÍSTICAS E SINGULARIDADES DA ILHA DE SUPERAGÜI

Após a abertura do canal do Varadouro em 1953, para beneficiar a navegação, Superagüi deixou de ser uma península e tornou-se uma ilha artificial. Pertence ao município de Guaraqueçaba, que está situado no litoral norte do Paraná (IBAMA, 2007). O Parque Nacional do Superagüi (PNS) foi criado pelo Decreto-lei nº 97.688, de 25 de abril de 1989, com o objetivo de proteger e preservar os ecossistemas ali existentes, assegurar a preservação dos recursos naturais, proporcionarem oportunidades controladas para uso pelo público, promover a educação e a pesquisa científica. O Parque possui uma área total de 33.988 ha, pertencente à Área de Preservação Ambiental – APA, de Guaraqueçaba. Sua localização, que pode ser visualizada na Figura 1, está entre as coordenadas Norte: 25°12'21,79"S e 48°10'39,33"W; Sul: 25°29'18,50"S e 48°17'28,43"W; Leste: 25°13'49,60"S e 48°01'31,38" e Oeste: 25°24'48,32"S e 48°20'35,12"W, fazendo parte do Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia e Paranaguá.

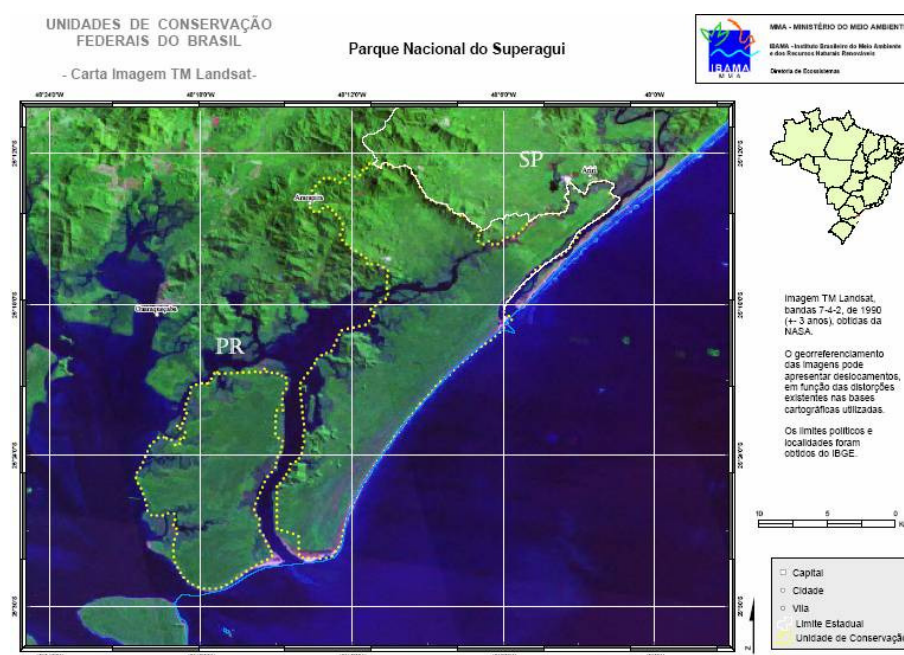


Figura 6 – Localização do Parque Nacional do Superagüi.
Fonte: <http://www.brazadv.com/images/superagui.jpg>, Junho/2007.

Este complexo apresenta aproximadamente 5.800 km² e se estende por 200 quilômetros de litoral, desde o norte da Estação Ecológica da Juréia, em São Paulo, até Pontal do Sul, no Estado do Paraná. Compreendem as ilhas de Superagüi, Peças, Pinheiro, Pinheirinho e parte do continente, chamado Vale do Rio dos Patos. É considerado um dos mais importantes berçários marinhos do Atlântico Sul e um dos cinco ecossistemas costeiros mais notáveis do mundo.

Superagüi, que em tupi-guarani significa “super água” ou, ainda, “rainha dos peixes”, numa provável referência à abundância pesqueira da região, segundo o IBAMA (2007) tem ecossistemas que incluem floresta Atlântica, restinga, mangues, dunas e praias. Em relação à fauna, podem ser encontradas no Parque espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, como o mico-leão-de-cara-preta (*Leontopithecus caissara*), o papagaio-de-cara-roxa ou chauá (*Amazona brasiliensis*), a suçuarana (*Felis concolor*) e o bugiu (*Alouatta fusca*). Engloba, também, áreas de estuário, ilhas, planícies litorâneas, Serra do Mar e planalto e

atualmente compreende várias Unidades de Conservação. Dessas, destaca-se, além do Parque, a Estação Ecológica de Guaraqueçaba, com 14.000 ha, criada para proteger os mangues e as áreas de restinga. Essa região também foi declarada, em 1991, Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, pela UNESCO.



Figura 7 - Papagaio-de-cara-roxa

Fonte: http://www.spvs.org.br/projetos/pcr_index.php

Superagüi foi habitada por índios tupiniquins e carijós até a chegada dos portugueses. Em meados do século XIX, o sul do Brasil encontrava-se já

“pontilhado” de colônias de imigrantes europeus. Uma das primeiras foi estabelecida em 1852 na Ilha de Superagüi, inicialmente com 15 famílias, por iniciativa do cônsul suíço Perret Gentil. Entre os imigrantes, destacava-se o professor e pintor suíço William Michaud, que fez vários desenhos e aquarelas, que retratam costumes e paisagens de Superagüi.

Fatores climáticos adversos e o isolamento contribuíram para que a colônia parasse de crescer no final do século XX. Certas ruínas no meio da mata, os sobrenomes de alguns pescadores e algumas características físicas europeias são reminiscências dessa época.

Segundo Pedroso Jr. e Sato, a região abriga mais de 50 comunidades que vivem basicamente da pesca artesanal. Nas últimas três décadas esta região tem passado por uma intensificação nos processos de transformação econômica, social e cultural, advindos principalmente da limitação do acesso de seus moradores aos recursos naturais. Isso decorre da criação de Unidades de Conservação – UC, que restringem o uso desses recursos, bem como do aumento da demanda turística, da especulação imobiliária, e da forte redução da prática da agricultura para a especialização e intensificação das atividades de pesca. (PEDROSO JR e SATO, 2007)

O conhecimento tradicional dos moradores mais antigos da Ilha de Superagüi está registrado, entre outras marcas, nas letras das músicas do fandango, dança folclórica própria da região. Antigamente, o fandango era realizado durante o período das colheitas, como festejo de comemorações pelo sucesso obtido e como agradecimento do proprietário da plantação aos vizinhos que o auxiliaram, uma vez que o trabalho era coletivo. Atualmente, a sua manifestação está relacionada ao

turismo e este é um dos aspectos positivos do turismo no local, uma vez que a prática folclórica tem sido preservada graças a ele.



Figura 8 - Senhor Alcides⁵
Fonte: A autora (2012)

O fandango é um elemento cultural da vila que atrai muitos visitantes para o Bar Akdov, onde a festa acontece e os moradores percebem a importância de

⁵ 95 anos habitante mais idoso da vila, que ainda participa das apresentações do Fandango para os turistas que visitam a ilha.

preservar a cultura, não só pelo benefício econômico que a manifestação popular pode atrair, mas também porque sentem a valorização de sua arte e dos saberes locais.



Figura 9 – Fandangueiros, moradores locais e visitantes festejam juntos o fandango.
Fonte: FARIAS, A. S. de. Janeiro/2008.

O carnaval em Superagüi é comemorado de forma diferente. As crianças e adultos se fantasiam com máscaras de monstros, capas de chuva, botas de borracha e luvas. O importante é não deixar à mostra nenhuma parte do corpo para não serem reconhecidos. Andam pela vila assustando as pessoas. A brincadeira consiste em assustar os moradores e turistas sem serem identificados. Antigamente confeccionavam suas próprias máscaras com farinha, cola e papel. Atualmente compram as máscaras no mercadinho da vila. Os moradores da vila dizem que as máscaras servem para afastar os “maus espíritos do inverno”.



Figura 10 - Carnaval em Superagüi – mascarado
Fonte: A autora (2012)

Como atrativo natural em Superagüi, destaca-se o passeio de barco para observar a revoada dos papagaios-da-cara-roxa na ilha dos pinheiros. Este passeio é muito procurado pelos turistas estrangeiros e também pelos outros turistas que visitam a ilha. Outro atrativo de destaque é a Praia Deserta, com 37 km de extensão, ainda com características naturais. Na praia pode-se fazer caminhadas, passeios de bicicletas, ou simplesmente contemplar a natureza.



Figura 11 – Pôr-do-sol em Superagüi
Fonte: A autora (2012)

Destacamos a seguir algumas cenas do cotidiano de Superagüi:



Figura 12 - Coleta do lixo por funcionários da prefeitura de Guaraqueçaba
Fonte: A autora (2012)



Figura 13 – Coleta do lixo
Fonte: A autora (2012)

Veículo de tração animal usado para recolhimento do lixo que posteriormente é transportado para Guaraqueçaba de barco. Observe-se a espécie de fralda utilizada pelo animal para que não polua as areias da praia com matéria orgânica.



Figura 14 – Bar e mercearia Vila Butuca
Fonte: A autora (2012)

A quantidade de insetos conhecidos como “butucas” é tão grande em Superagüi, que os habitantes batizaram uma vila com seu nome. Para lembrar aos turistas a existência deste inseto, colocaram o nome também num ponto de encontro, o BAR MERCEARIA VILA BUTUCA



Figura 15 – Bar do Magal
Fonte: A autora (2012)

Bar do Magal: onde a juventude se reúne à tarde e à noite com os amigos



Figura 16 – Lazer dos moradores
Fonte: A autora (2012)

Tarde de domingo: os moradores aproveitam a sombra das árvores à beira-mar. Enquanto apreciam a paisagem, colocam a conversa em dia.



Figura 17 – Carioca e Denise
Fonte: A autora (2012)

Carioca e Denise olhando o mar enquanto descansam do trabalho na pousada Sobre as Ondas.



Figura 18 - Meio de transporte mais comum utilizado em Superagüi
Fonte: A autora (2012)



Figura 19 - Golfinho: umas das atrações mais esperadas pelos turistas que chegam à Ilha de Superagüi
Fonte: A autora (2012)



Figura 20 – Peixe cação
Fonte: A autora (2012)

Peixe Cação pronto para ser comercializado na própria região ou exportado para Curitiba e São Paulo.

Obs. Uma das manifestações humorísticas preferidas dos moradores utiliza o cação como personagem, ao indagar ao turista: “Sabe a diferença entre cação e tubarão? - O cação você come, e o tubarão come você!”



Figura 21 - Guarás
Fonte: A autora (2012)

Guarás:⁶ pássaro citado por Hans Staden (2010, p. 176), cujas penas, de vermelho intenso, eram usadas na decoração dos objetos e adorno pessoal dos tupinambás.



Figura 22 – Casa de alvenaria
Fonte: A autora (2012)

⁶ Este pássaro havia desaparecido da região e retornou recentemente. É difícil fotografá-lo sem equipamento especial, pois muito arisco, não permite aproximação.

Em Superagüi existem casas de alvenaria, confortáveis e bem construídas.



Figura 23 – Casa de madeira
Fonte: A autora (2012)

Mas ainda existem antigos casebres de madeira, construídos rusticamente.



Figura 24 - Biblioteca da comunidade
Fonte: A autora (2012)



Figura 25 - Telessala para cursos de ensino a distância – Instituto Federal do Paraná
Fonte: A autora (2012)



Figura 26 - Marcel Muniz Squenine e seu filho
Fonte: A autora (2012)

Descendentes do pintor suíço William Michaud, um dos primeiros estrangeiros a chegar a Superagüi, que retratou a ilha em seus quadros.



Figura 27 – Destroços de navio
Fonte: A autora (2012)

Madeira de navio naufragado na praia, que hoje se encontra soterrado. Moradores acreditam seja o navio espanhol em que viajou Hans Staden. Testes de carbono já foram realizados, mas os resultados nunca foram divulgados.

Para alcançar um dos objetivos desta pesquisa que é verificar a visão do morador de Superagüi em relação ao turista estrangeiro, entrevistamos alguns moradores e a respeito do convívio entre pessoas de culturas tão diferentes.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ENTREVISTA ORAL COM OS HABITANTES DE SUPERAGÜI

Para análise das respostas das entrevistas realizadas com os moradores de Superagüi, foram considerados os 56 (cinquenta e seis) entrevistados. A maioria nasceu na ilha, os demais moram na comunidade há mais de 20 anos. Suas residências dispõem energia elétrica, banheiro com vaso sanitário, fossa séptica, gás de cozinha, água encanada que vem de mina natural e não recebe tratamento da companhia de saneamento. Aparelho de TV, antena parabólica e geladeira fazem parte dos equipamentos elétricos domésticos na maioria das casas. Metade dos

entrevistados respondeu que possui telefones fixo e celular. Apenas um entrevistado respondeu que tem computador e acesso à internet. A coleta do lixo é feita pela prefeitura de Guaraqueçaba, mas somente de dezembro a fevereiro quando há turistas na região. No restante do ano os moradores queimam ou enterram o lixo no quintal da própria residência.

As doenças mais comuns entre a população são a gripe e a hipertensão. Quando precisam de médico, têm que ir de barco até Guaraqueçaba ou Paranaguá. Nos casos mais graves deslocam-se até Curitiba. A vila tem um posto médico, em que apenas uma enfermeira atua uma vez por semana. O uso das ervas medicinais é frequente. As mais usadas são hortelã, erva-cidreira, boldo, quebra-pedra, folha de abacate, folha de “insulina”, pata-de-vaca, guapê, broto de goiaba, folha de pitanga, folha de batata-doce. As ervas são colhidas no quintal das casas e o uso é transmitido de geração em geração.

Quanto aos hábitos alimentares, destacam que desapareceram ou foram modificados devido a circunstâncias adversas. Todos disseram que gostam de comer o peixe defumado, mas hoje não é mais possível porque não pode usar o fogão a lenha. A retirada da madeira está proibida por lei, o que impede inclusive o uso da lenha adequada para a defumação. A carne de animais como paca, tatu, tamanduá, também fazia parte da alimentação do nativo. Também comiam banana verde assada, aipim com café, melancia com farinha, biju de farinha de mandioca feito por eles mesmos nas casas de farinha, onde reuniam as crianças para ajudar no preparo. Todos esses hábitos estão sendo deixados de lado à medida que as leis de preservação vão alterando os costumes e as atividades de sobrevivência.

Sendo uma área de preservação ambiental, é permitido cultivar somente uma pequena horta de ervas e temperos. Todos os produtos necessários para suprir

as necessidades básicas são comprados nos mercados de Paranaguá. O transporte é feito de barco, desde uma caixa de leite ou uma geladeira, até madeira, cimento e tijolos para construção e reforma das casas. O preço do combustível usado nos barcos encarece os transportes e consequentemente o preço das mercadorias revendidas nos pequenos mercadinhos da vila. A alimentação básica consiste em arroz, feijão, peixe, legumes, verduras, frutos do mar e pouca carne vermelha.

A pesca ainda é a atividade predominante. As pessoas que trabalham direta ou indiretamente com turismo, fora da temporada também se dedicam à pesca inclusive as mulheres. Para os jovens da vila, o ensino médio só é ofertado à noite. Não há muitas opções de ocupação durante o dia. Sem emprego, com tempo livre, os jovens tornam-se presa fácil das más companhias, adquirindo maus hábitos e gerando conflito familiar e também na comunidade.

Os problemas mais graves que incomodam os moradores da vila são o alcoolismo e o uso de drogas. A comunidade sabe quem usa droga e não pode fazer nada. Não há tratamento médico nem ajuda para os dependentes. Como não há polícia na vila, os próprios moradores tentam afugentar os traficantes, mas quanto aos usuários não conseguem resolver o problema e as consequências são preocupantes, pois o jovem fica à mercê dos oportunistas.

Os habitantes de Superagüi não percebem somente os problemas. Também relatam estar satisfeitos com as melhoras ocorridas na vila, como, por exemplo, água encanada, luz elétrica, telefone, maior número de professores na escola, mais salas de aula, coleta de lixo, o telecentro, a construção do trapiche e de pontes. O turismo foi citado como causa da melhora nas pousadas já existentes, abertura de novas pousadas, e também outros empreendimentos como padarias e mercadinhos, que aumentaram o número de empregos na vila, mas isso ainda não é suficiente.

Os moradores contam que antigamente prevalecia o catolicismo como religião. Uma igreja foi construída bem no meio da vila e o padre vinha uma vez por mês de Paranaguá. Mas com o tempo as visitas foram rareando e os pastores evangélicos foram assumindo o controle. Atualmente os evangélicos são maioria, e por causa disso as festas religiosas da Igreja Católica, que eram realizadas para toda a vila, tornaram-se restritas a menos da metade dos moradores. Continuam acontecendo procissão de barcos, bingos, bailes e quadrilhas para comemoração do dia de São Pedro, protetor dos pescadores, Santo André e Bom Jesus.

A diversão preferida dos moradores é “ver a maré”. Passeiam na praia ou ficam sentados na frente de suas casas olhando o mar. Os relacionamentos amorosos acontecem geralmente por iniciativa da mulher. Os casamentos são realizados na Igreja da vila ou, saindo de barco, os moradores da vila casam-se em Paranaguá ou Guaraqueçaba. É natural a convivência por alguns anos antes que o casamento aconteça. Também é comum os casais fugirem, morarem juntos e depois casarem oficialmente. Os registros dos nascimentos são feitos em Guaraqueçaba e os sepultamentos no cemitério da própria ilha, em que o acesso é possível somente de barco.

Considerando que o objetivo principal desta pesquisa é verificar a visão do “outro” e, no caso específico, saber como o morador de Superagüi percebe o visitante estrangeiro, apresentamos a seguir alguns comentários registrados nas entrevistas.

Denise Correia de Ramos, 39 anos, estudou até o ensino médio na Ilha, pescadora e comerciante, dona da pousada Sobre as Ondas:

“Eles vem traz os guias, ou quando vem só, traz o dicionário..., acho que é legal eles virem, vêm atrás da natureza, que não existe mais no local que eles moram,

eles têm educação ambiental. Eles fotografam tudo, fotografa a janela das casas, as casas pequenas, as pessoas da Ilha, nativas, os bichos”.

Pedro Michaud Miranda, 78 anos, completou o ensino fundamental na Ilha, pescador aposentado e fandangueiro. Aprendeu a tocar viola pela força de vontade, apenas observando outros tocarem:

“Muito... (...) a gente conversa por gesto... teve uma turista alemã que chegou pra mim e me chamou pelo nome”.

Camila Muniz Correia Squenine, 21 anos, estudou até a 6ª série do ensino fundamental na Ilha. Dona de casa, diarista nas pousadas:

“Eu nunca tive problema com eles... (...) são pessoas legais. Querem saber das pessoas, dos bichos, a cultura da Ilha. Apesar dos meus avós, pai e avô do marido, serem fandangueiros, eu nunca vi a dança. Tenho o CD em casa por causa do meu marido”.

Marcel Muniz Squenine, 26 anos, terminou o ensino médio na Ilha, é pescador e também artista: desenha pinta e é artesão. É bisneto de Michaud.

“Eles se interessam tanto pela natureza quanto pela cultura, já levei em Barbado pra ver a casa da farinha, que é cultura. Eu falo um inglês básico e sempre pergunto sobre o país de origem do turista, gosto de aprender sobre a cultura deles”.

Jair da Silva Araujo, 44 anos, professor, concursado pelo município de Guaraqueçaba, ministra aulas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental e é secretário da escola local, onde trabalha em 3 períodos. Estudou na Ilha até a 4ª série e depois em Guaraqueçaba, onde fez magistério. Começou a fazer faculdade, mas não finalizou:

“Estou escrevendo um livro sobre a vida do pescador. Consegui recuperar o hino do pescador. É difícil preservar a cultura da Ilha sem interferência das de fora, pois as pessoas vão muito a Paranaguá e se deixam influenciar. Eu quero manter a tradição do fandango, ensinar na escola, mas não tenho apoio. O turista gosta de ver... é importante manter os costumes”.

Adrozina Muniz Correa, 48 anos, estudou até a quarta série do ensino fundamental na Ilha. Cozinheira em pousada:

“Eu não atendo o turista, passo para outra pessoa. Eles cuidam do ambiente, recolhem o lixo por aí, são legais”.

Clementino Santos Correia, 92 anos, estudou até a 4ª série do ensino fundamental na ilha, mora sozinho e consegue ler sem óculos:

“Boa presença, respeitam a cultura”.

Clarinda Gonçalves Mendes, 65 anos, dona de casa:

“Eles me perguntam sobre o peixe quando estou limpando aqui na pousada. Eu não falo com eles, só mostro o peixe. Tenho vergonha, não entendo eles”.

Percebemos pelas respostas que a maioria dos relacionamentos se dá de forma superficial. Apenas a pessoa que fala inglês encara a relação como não só um trabalho, mas uma forma de ampliar conhecimentos e praticar a língua. A maioria considera positiva a presença dos estrangeiros e não enxerga nenhuma ameaça no convívio, até elogia a atitude deles em recolher o lixo por onde passam, cuidando assim do meio ambiente. Existe uma atitude de aceitação, pelo povo da ilha, da presença do “outro”. Porém, esse “outro” nunca entra em sua casa. Apenas “fotografa pela janela”, o que denota a distância que os moradores fazem questão de manter.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS POR MEIO DE QUESTIONÁRIOS ESCRITOS APLICADOS AOS ESTRANGEIROS EM SUPERAGÜI

Para identificar a visão atual dos estrangeiros em relação ao morador de Superagüi, analisamos as respostas dos questionários aplicados aos turistas que visitaram a ilha de janeiro a março de 2012. Neste período estiveram visitando a comunidade 9 (nove) estrangeiros: 7 (sete) homens e 2 (duas) mulheres, com idade variando entre 27 e 60 anos, todos com grau de escolaridade superior. Os países de origem dos turistas são: Alemanha (2), Austrália (2), França (1), Itália (1), Suíça (1) e Holanda (2). Não foi solicitada a identificação dos respondentes.

Quando perguntados sobre a imagem que tinham do Brasil antes da viagem, todos assinalaram a natureza selvagem, as paisagens deslumbrantes, os animais exóticos, o carnaval, sol e praia. A maioria dos estrangeiros esperava encontrar também desigualdade social, samba, favela, caipirinha, malandragem, diversidade cultural e povo alegre. Apenas um turista esperava encontrar mulatas sensuais, prostituição, candomblé e corrupção. Percebemos com estas respostas que a imagem que o estrangeiro tem do Brasil não mudou muito em relação àquela do europeu do século XVI. A beleza da paisagem e a esperança de contemplar animais exóticos continuam fazendo parte dos desejos dos turistas como fazia parte dos interesses dos viajantes do Séc. XVI. Staden destacava em seu relato a descrição e o encantamento com a cor vermelho intenso do guará e com a beleza exuberante das araras e papagaios.

A imagem de “paraíso” com animais exóticos é reforçada pelos guias turísticos distribuídos na Europa, numa tentativa de motivar o turista a empreender uma viagem para encontrar um lugar ideal, utópico, distante das dificuldades do cotidiano. Um dos roteiros mais procurados pelos turistas é a observação da

revoada dos papagaios-da-cara-roxa que no final da tarde retornam à ilha. O guará, que havia desaparecido, retornou à região e pode ser admirado pelos turistas.

Em relação às imagens confirmadas quando chegaram ao Brasil, destacaram: favelas, sensualidade das mulheres e alegria do povo, sol e praia. Nestas respostas encontramos, mesmo que sutil, a percepção do “outro” habitante das terras brasileiras. A alusão à sensualidade da mulher brasileira não se limita à descrição de características físicas. O próprio organismo oficial de turismo – EMBRATUR - responsável pela divulgação do Brasil no exterior como produto turístico, exibia até pouco tempo em seus folhetos paisagens deslumbrantes e mulheres de biquínis em poses sensuais. A exposição excessiva dessas imagens foi interpretada de forma deturpada e o país passou a ser “o lugar de sexo fácil”, levando muitos turistas a se deslocar até o Brasil em busca de aventuras “com mulheres lindíssimas, sensuais e de fácil acesso” (BIGNAMI, 2002, p.114).

Quanto ao que lhes causou surpresa, responderam: O Brasil é um país muito mais desenvolvido do que se imagina na Europa. Encontra-se bem organizado e com boas estradas. O sistema de transportes está bem estruturado, com ônibus e aeroportos. Destacaram também a contradição entre regiões exploradas industrialmente e outras totalmente preservadas. Percebemos nestas respostas que no imaginário do estrangeiro continua a visão de “lugar selvagem” descrito por Staden e outros cronistas. Imaginam que a modernidade e os recursos da tecnologia ainda não chegaram ao Brasil, o que denota uma visão clássica do colonizador em acreditar que o “outro” é sempre inferior e atrasado em relação ao desenvolvimento do país. Um exemplo de tecnologia avançada que surpreende o estrangeiro é o processo de apuração das eleições para os cargos políticos existente no Brasil.

Os respondentes comentaram sobre a quantidade e a variedade da comida brasileira como, por exemplo, o churrasco suculento e a diversidade e sabor das frutas tropicais. A fertilidade do solo e abundância das águas foi destacada por Caminha (“nesta terra em se plantando tudo dá”) e reforçadas nos relatos de Staden.

Em relação aos aspectos culturais, mencionaram como interessante a colonização suíça. A apresentação do fandango também agradou ao turista, que declarou nunca ter visto nada parecido em outro lugar e a experiência em participar do evento como gratificante. O que percebemos nas respostas é que há um certo interesse em ver e participar das manifestações culturais, mas este não é o objetivo principal da visita.

Quanto à visão do “outro”, os respondentes destacaram a abertura do povo para aceitar o desconhecido, comentando que as pessoas são adoráveis, amigáveis e humildes. Criticam, porém, uma “certa inércia” e indiferença perante assuntos políticos de “interesse pessoal”. Apontaram, ainda, a desigualdade social, a falta de disciplina e de organização como ponto negativo na comunidade. Constatamos pelas respostas que o estrangeiro continua vendo o morador de Superagüi com a mesma superioridade que Staden acreditava ter diante do nativo. A percepção que o turista estrangeiro tem do morador da ilha é muito parecida com a mostrada nos relatos dos viajantes europeus do século XVI. Embora Staden tenha feito uma descrição diferente da de Colombo e de Caminha, em sua narrativa também deixou evidente a superioridade que pensava ter sobre os Tupinambás. Mostrou respeito em alguns momentos, mas este não passava de artifício para enganar seu captor na tentativa de escapar do cativo.

Quanto ao desenvolvimento da atividade turística na região, os profissionais de turismo recomendam o acompanhamento de guia especializado, com domínio de outras línguas, principalmente o inglês, para atender aos turistas. A ideia de que a região turística precisa se adaptar aos interesses dos visitantes também é compartilhada e vista como “direito adquirido” pelos turistas. Em seus apontamentos, eles reclamaram que não puderam ter as informações que queriam em relação à fauna e à flora, porque não encontraram placas informativas em inglês e não tiveram guia especializado que falasse a “língua deles”.

Portanto, fica claro no discurso do visitante que o habitante de Superagüi deve aprender a língua do europeu para atender aos seus desejos. Além de preservar o “paraíso” para seu deleite, o estrangeiro pensa que os moradores deveriam se adaptar aos hábitos e costumes do que vem em busca da beleza natural, extinta em seu país de origem. Isso nos remete há cinco séculos atrás, quando os nativos foram obrigados a aprender a língua do colonizador.

Instados a oferecer sugestões e críticas, os respondentes destacaram que o lugar precisa “manter o rigor na preservação da natureza e evitar turismo de massa”. Ou seja, deve-se manter o “paraíso preservado”, mas ao mesmo tempo permitir que retornem e convidem amigos para usufruir das belezas naturais de Superagüi. Outra sugestão foi que se preserve não somente Superagüi, mas todas as áreas naturais ainda existentes, permitindo, porém, a visita de turistas, plantando nas mentes de cada um a necessidade de preservação do habitat.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial desta pesquisa era de que a visão estereotipada do colonizador em relação ao colonizado presente nas narrativas escritas do século XVI continua ainda hoje na visão dos turistas que visitam a ilha de Superagüi. Para buscar respostas que pudessem comprovar nosso ponto de vista, tomamos como ponto de partida a obra *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden, uma vez que percebemos em sua narrativa uma visão deturpada e contraditória dos brasileiros já no século XVI, ao relatar suas experiências junto aos índios tupinambás, que o aprisionaram e o mantiveram cativo durante nove meses.

Seu julgamento é pautado em critérios subjetivos, com base tanto em preceitos religiosos quanto em sua convicção da superioridade do europeu colonizador sobre o povo colonizado. Durante todo o tempo em que ficou prisioneiro dos tupinambás, descritos por ele como “bárbaros e selvagens”, tentou intimidar o opositor ridicularizando os rituais religiosos da tribo, sem nenhum respeito à cultura nativa. Diante dos perigos que se lhe apresentavam, invocava “seu deus”, afirmando aos índios que ele era “mais poderoso do que os deuses deles”. Mesmo quando reconhece qualidades e grandes feitos nas atitudes do inimigo, sua intenção era apenas ganhar aliados para resolver seu próprio problema, como por exemplo, ser devorado em ritual antropofágico.

Os relatos dos viajantes europeus muito contribuíram para a formação e divulgação de preconceitos e estereótipos culturais em relação ao Brasil. Conseguimos identificar nos relatos estudados, tanto na obra de Staden como nos diários de Colombo e na Carta de Caminha, uma visão superficial do nativo. A leitura por esses escritores de relatos anteriores como, por exemplo, o diário de Marco Pólo, pode ter contribuído para uma visão pré-concebida e estereotipada do nativo.

É patente em todos os relatos a ideia de um nativo generoso e inocente. Impressionava o colonizador a troca de presentes como pedras preciosas e animais exóticos, valiosos para o europeu, em troca de espelhos e miçangas sem nenhum valor comercial. Os índios também são vistos como covardes perante a invasão do colonizador, pois mesmo armados com arcos e flechas, não os usavam para defesa contra os europeus.

Jean de Léry, que como Staden conviveu com os selvagens, apresenta uma visão um pouco diferente. Embora apresente os nativos como ladrões e desonestos por se apropriarem de suprimentos dos franceses, elogia a gratidão demonstrada por eles, principalmente os idosos, que não esquecem um presente recebido. Ao analisar o comportamento do nativo, percebe que se alegram com pessoas bem-humoradas e se aborrecem com pessoas sovinas e apesar de considerá-los “bárbaros” com os inimigos, “os selvagens parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa” (LÉRY, 1951, p. 200).

Para verificar nossa hipótese sobre a continuidade da visão deturpada do estrangeiro em relação ao Brasil e seu povo, a análise das respostas aos questionários aplicados demonstrou que a imagem do Brasil no exterior criada pelos relatos de viagem permanece praticamente a mesma. A ideia de “paraíso e inferno” continua presente na mente dos estrangeiros. Além disso, a imagem estereotipada de palmeiras, céu azul, praia, sol, mulheres lindíssimas e sensuais, é aceita também no próprio território nacional.

Os meios de comunicação tentam vender o Brasil como produto turístico difundindo e reforçando a imagem de povo alegre e hospitaleiro, aberto para receber o turista sem restrições. A ideia de “paraíso”, criada anteriormente pelos relatos de viagem, e reforçada pelas propagandas institucionais, atrai o turista estrangeiro que

vem em busca de contato com a natureza, animais e povo exótico. O “inferno”, que antigamente era representado por monstros e canibais, atualmente está figurado nos perigos idealizados na expectativa de visitar uma favela, no medo do desconhecido e na propalada violência das grandes cidades. A diferença cultural continua atraindo os viajantes, como atraía no passado. O “outro” continua a procurar o “outro”, que lhe é igual, mas diferente.

As diferenças culturais não devem gerar conflitos, pelo contrário, devem ser motivo de orgulho e valorização do patrimônio de um povo. Os componentes do patrimônio cultural, bem como os atrativos naturais, devem ser conservados de forma adequada, para que a interação entre visitante e visitado não seja prejudicial aos envolvidos. A relação entre patrimônio e turismo é dinâmica e deve ser organizada pensando em minimizar os impactos negativos, possibilitando um aprendizado da cultura do “outro”.

No Brasil, a mistura de heranças culturais distintas chama a atenção do mundo, oferecendo um produto diferenciado que, se bem estruturado e planejado, pode gerar empregos e divisas, possibilitando uma distribuição mais adequada de renda para os envolvidos na atividade turística.

O turista estrangeiro do século XXI está habituado ao conforto da tecnologia, mas reconhece, ao mesmo tempo, a necessidade de manutenção do patrimônio como elemento de identidade. Para que essa manutenção se efetive, é primordial que a herança cultural, referenciada sobre um passado, seja preservada. Do visitante atual espera-se que seja capaz de absorver o que uma comunidade pode lhe oferecer, mas que, além das paisagens deslumbrantes, perceba a cultura dessa comunidade, seja ela sofisticada, avançada e globalizada, seja de hábitos simples, que ainda conserve a “inocência” dos antepassados.

Cabe aos profissionais do turismo equalizar as dificuldades geradas pelas imagens estereotipadas e ideias preconcebidas com que os turistas chegam ao país. Para amenizar os conflitos e proporcionar aos envolvidos uma relação de convívio harmonioso e aprendizado mútuo é necessário planejamento minucioso da atividade turística, considerando a valorização da cultura e o bem estar social. As ações devem estar pautadas em políticas públicas de incentivo e resgate da cultura de um local, contemplando programas de conservação e uso adequado dos elementos culturais como atrativo turístico. Para que essas ações resultem em benefício para uma comunidade faz-se necessário a participação nas discussões, decisões e nos resultados econômicos.

Na comunidade de Superagüi o turismo é percebido como importante pelos sujeitos que participam direta ou indiretamente das atividades voltadas à prática turística, como, por exemplo, os proprietários de pousadas, *campings*, restaurantes e alguns poucos pescadores que abastecem o mercado de pescados. Já para os demais habitantes da Ilha, que têm pouca participação nessas atividades, o turismo é visto como um vilão, que traz sujeira, lixo e drogas. Neste último caso, vale mencionar que o uso de bebidas alcoólicas, bem como de entorpecentes na Ilha, não pode ser relacionado diretamente à frequência de visitantes.

O fenômeno do turismo acarreta diversas implicações ao se “apropriar” de determinado território (RODRIGUES, 2006). No caso da ilha de Superagüi, percebe-se a boa relação que existe entre os visitantes e a população local, principalmente através das festas do fandango. Contudo, o aumento da demanda gera problemas de ordem infraestrutural, principalmente em relação aos dejetos e resíduos sólidos que são deixados na Ilha pelos visitantes.

Percebemos pelas respostas que a maioria dos relacionamentos se dá de forma superficial. A relação entre visitante e visitado funciona apenas como relação de trabalho, e não de forma que poderia ser mais rica e servir para ampliar conhecimentos e interagir culturalmente. A maioria considera positiva a presença dos estrangeiros e não enxerga nenhuma ameaça na presença deles, considerando que eles até contribuem para cuidar do meio ambiente. Existe uma atitude de aceitação, pelo povo da ilha, da presença do estrangeiro, mas este não é aceito como um “igual”, e os habitantes fazem questão de manter certa distância, inclusive em certos casos não interagindo por considerar que “não entendem” o turista.

No posfácio de seu livro, Hans Staden deseja ao leitor a misericórdia e a paz de Deus. Ele lembra ao leitor que “descrevi tão brevemente minhas viagens terrestres e marítimas, pois apenas quis narrar o início delas quando estive em poder do povo selvagem e cruel” (p.179). Ao finalizar nosso trabalho, reconhecendo que também tratamos “brevemente” o assunto, uma vez que pela riqueza do material que nos foi legado pela literatura de viagem, existe um universo ainda a ser estudado, propomos algumas ações que pensamos sejam importantes para a preservação da riqueza cultural do povo de Superagüi, ao mesmo tempo em que contribuam para que o turista seja adequadamente introduzido na percepção “real” dessa cultura.

Consideramos necessária a identificação de potencialidades levando em conta os atrativos naturais e culturais, estabelecendo políticas de preservação que possibilitem o resgate e a valorização da memória cultural local. Também sugerimos a delimitação de áreas que representem elementos culturais, históricos e naturais expressivos para ser visitadas, com elaboração e proposição de itinerários para passeios e indicações de roteiros temáticos que possibilite o aproveitamento do

atrativo, sem causar danos ou intervenção por parte do visitante na essência do lugar. Desenvolvimento de programas e projetos que promovam a revitalização de atividades tradicionais como a pesca e a preparação do peixe, bem como de manifestações da cultura popular e folclórica, entre as quais o fandango, que atrai especialmente o interesse dos visitantes. Seria de grande valia o estímulo estatal à realização de encenações artísticas tradicionais, com ampla divulgação tanto dentro como além do circuito litorâneo.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, M. A. **Administração do turismo**: conceituação e organização. Bauru: EDUSC, 2002.
- ANDRADE, J. V. de. **Turismo**: Fundamentos e Dimensões. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- BARRETTO, M. **Espaço público**: usos e abusos. In: YÁZIGI, E., CARLOS, A. F. A., CRUZ, R. de C. A. da. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2000.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BASTOS, A. **Hans Staden e o modernismo brasileiro**: a antropofagia em questão. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/15935184/Hans-Staden-E-O-Modernismo-Brasileiro>>. Acesso em 10/12/12.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialista. IN: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria Literária**: abordagem histórica e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.
- BUENO, E. **A viagem do descobrimento**: a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- CAMPOS, C. J. *et al.* Viabilizando a relação entre cultura e turismo: diretrizes para o estabelecimento de políticas integradas entre dois setores. **Turismo — visão e ação**. Itajaí, v. 8, n. 1, p.129 – 140, jan/abr. 2006.
- CANDIDO, A. **Iniciação à leitura brasileira**: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFCH/USP, 1999.
- CARLOS, A. F. A., CRUZ, R. de C. A. da. **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CASTRO, Silvío. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**: o descobrimento do Brasil. Porto Alegre: L & PM, 1985.
- COLOMBO: *Carta de Colombo*. Citado em BELASCO, S.& JOHNSON, L. The Bedford **Anthology of American Literature**. Vol. 1. Boston: Bedford/St. Martin's, 2008 . P'gins71

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e política**: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Rouanet. Volume I. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BIGNAMI, R. B. V. **A imagem do Brasil**: construção, desafios e vantagens competitivas. São Paulo: Aleph, 2002.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, IPHN, 1997.

FRIEDMAN, N. **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Revista USP, São Paulo: n. 53, p. 166-182, mar/maio 2002.

GÂNDAVO, P. M. **História da província de Santa Cruz** (1575). Disponível em www.nead.unama.br. Acesso em 28 fev. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Trad. Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LÉRY, J. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: Livrarias Martins, 1951.

MECCHI, L. **O olhar estrangeiro**. documentário de Lúcia Murat (Brasil, 2005). Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/olharestrangeiro>. Acesso 18 nov. 2012.

MENEZES, U. T. B. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, E., CARLOS, A. F. A., CRUZ, R. de C. A. da. **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1999.

MONTAIGNE, M. **Ensaio**. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Nova Cultura, 1996. v. 1. (Os pensadores).

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

NEVES, B. A. de C. Patrimônio Cultural e Identidade. In: MARTINS, J. C. O. (org.) **Turismo, Cultura e identidade**. São Paulo: Rocca, 2003.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo**: Desenvolvimento, Planejamento e Organização. São Paulo: Atlas, 2005.

PEDROSO JR, N. N.; SATO, M. **Percepção da fauna terrestre e conservação no Parque Nacional de Superagüi através da educação ambiental**. Disponível em <<http://www.ufmt.br/revista/arquivo>> Acesso 15 nov. 2012.

PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papirus, 1993.

PETROCCHI, M. **Turismo, planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 1998.

PIRES, M. J. **Raízes do Turismo no Brasil**. 2. ed. Barueri: Manole, 2002.

RAMINELLI, R. **Imagens da Colonização** – A representação do índio de Caminha a Vieira. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da FFCH-USP. São Paulo: 1994.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2010

RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo: desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEED, P. **Cerimônia de posse na conquista europeia do novo mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**: primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre: L & PM, 2010.

THIÉL, J. C. **Pele silenciosa, pele sonora**: A construção da identidade indígena brasileira e norte-americana na literatura. 06/10/06. 361p. Tese de Doutorado apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras. UFPR, Curitiba, 2006.

TODOROV, T. **A conquista da América:** A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TÍTULO DO PROJETO: DUAS VIAGENS EM DOIS TEMPOS: A VISÃO DO OUTRO

Instituição: Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE

Curso: Mestrado em Teoria literária



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa sobre os hábitos culturais dos moradores da Superagui e também a suas impressões relacionadas aos turistas estrangeiros que visitam a região.

Sua participação não é obrigatória e será mantida em sigilo. Você precisa decidir se quer participar ou não. A qualquer momento poderá retirar o seu consentimento.

Os dados da pesquisa e as imagens fotográficas podem vir a ser publicados/divulgados respeitando a sua privacidade. Qualquer dúvida pergunte à pesquisadora com quem você esta conversando neste momento.

Este estudo é importante para o desenvolvimento acadêmico da pesquisadora.

Sua participação nesta pesquisa consiste em responder a entrevista e posar para fotos se for de seu agrado.

Esta pesquisa apresenta como benefícios levantar material científico sobre os hábitos culturais da comunidade e não apresenta riscos advindos de sua participação.

Irene Camilo

(41) 9605-2970 – irenecamilo@hotmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do participante

Assinatura

APÊNDICE B: Questionário aplicado aos turistas estrangeiros em Superagui

I am a graduate student in the Program of Literary Studies at UNIANDRADE (Campos de Andrade University Centre, Curitiba, Paraná, Brazil), and at present doing research for my MA thesis. This questionnaire aims at identifying tourists' vision of the Superagui community, their habits and socio-cultural characteristics. The informed data will be treated confidentially. We thank you for your cooperation.

1) Country of origin: _____

2) Age ☐ 18 to 24 ☐ 25 to 39 ☐ 40 to 59 ☐ from 60 upwards

3) Sex: ☐ M ☐ F

4) Profession : _____

5) Marital Status: ☐ Single ☐ Married ☐ Divorced ☐ Widow/ widower

6) Education: ☐ Fundamental ☐ Médio ☐ Superior ☐ Mestrado ☐ Doutorado

7) What is the objective of your trip?

☐ Tourism ☐ Work/business ☐ Research ☐ Other: _____

8) What was your perception of an image of Brazil before your actual visitation? (Check all your options)

☐ Variety and uniqueness of flora and fauna ☐ Spectacular landscape ☐ Sun and beaches ☐ Sensual mulatto women ☐ Caipirinha ☐ Carnival ☐ Soccer ☐ Samba ☐ Candomblé
☐ Slums ☐ Corruption ☐ Prostitution ☐ Violence ☐ Social disparity ☐ ☐ Malandragem ☐ Lazyness ☐
☐ Hospitable and friendly people ☐ the Brazilian jeitinho (a special way of getting around difficulties) ☐ Racial
 miscigenation (...) ☐ Social responsibility (...) ☐ Environmental education

9) What was your perception of an image of Brazil after your actual visitation? (Check all your options)

☐ Variety and uniqueness of flora and fauna ☐ Spectacular landscape ☐ Sun and beaches ☐ Sensual mulatto women ☐ Caipirinha ☐ Carnival ☐ Soccer ☐ Samba ☐ Candomblé
☐ Slums ☐ Corruption ☐ Prostitution ☐ Violence ☐ Social disparity ☐ ☐ Malandragem ☐ Lazyness ☐
☐ Hospitable and friendly people ☐ the Brazilian jeitinho (a special way of getting around difficulties) ☐ Racial
 miscigenation (...) ☐ Social responsibility (...) ☐ Environmental education

10) What surprised you most?

ABOUT SUPERAGUI

11) How did you learn about Superagui? (Check all your options.)

☐ Newspapers/magazines ☐ Radio/TV ☐ Travel agencies ☐ Friends/family ☐ Internet
☐ Other _____

12) Did you have any difficulties getting to Superagui? (Check all of them)

☐ Transportation ☐ Lack of road markers ☐ Lack of information

Write your commentaries.

13) How long did you stay on the island?

Você voltaria A à Superagüi? Recomendaria aos amigos?

Sugestões/críticas:

APÊNDICE C: Roteiro de Entrevista com os moradores⁷

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES

Sou aluna do programa de mestrado em Teoria Literária da Uniandrade e o objetivo desta pesquisa é identificar hábitos culturais da comunidade de Superagüi e também registrar as impressões dos moradores relacionadas aos turistas europeus que visitam a região. Os dados levantados serão tratados confidencialmente. Agradecemos sua participação.

- 1) **Sexo:** _____ 2) **Idade:** _____
 3) Estudou na ilha? _____ Onde? _____
 4) **Ocupação:** _____
 5) **Estado civil:** () Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo
 6) **Grau de instrução:** () Fundamental () Médio () Superior () Mestrado () Doutorado
 7) **Você nasceu na ilha?** _____
 8) **Quanto tempo mora aqui?** _____
 9) **A família desempenha alguma atividade relacionada ao turismo?** () Sim () Não
 10) **Em caso afirmativo, indicar o tipo de atividade:**

☐	Hospedagem	☐	Comercio de alimentos	☐	Artesanato	☐	Outros
--------------------------	------------	--------------------------	-----------------------	--------------------------	------------	--------------------------	--------

11) A casa tem água encanada?

() Sim () Não

12) A casa tem energia elétrica?

() Sim () Não

13) Como o esgoto da sua casa é tratado?

☐	Jogado a céu aberto	☐	Lançado no rio/mar	☐	Vai para fossa séptica	☐	Outros
--------------------------	---------------------	--------------------------	--------------------	--------------------------	------------------------	--------------------------	--------

14) O que você faz com o lixo?

☐	Coletado
☐	Separa e encaminha para reciclagem
☐	Joga em terrenos abandonados
☐	Enterra
☐	Queima
☐	Outros

15) Quais equipamentos domésticos você tem em casa?

☐	Televisão
☐	Antena parabólica
☐	Geladeira
☐	Freezer
☐	Telefone fixo
☐	Telefone celular
☐	Computador
☐	Acesso a internet

16) Onde costuma fazer as compras da para casa?

⁷ SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce (Coord.). Projeto zona de educação para o ecodesenvolvimento: sudoeste da microbacia do Rio Sagrado, Morretes, APA de Guaratuba. Blumenau: FURB, 2008. (Adaptado pela autora)

	Nas mercearias de Superagüi		Nos mercados de Paranaguá		Mercados em Curitiba		Outros
--	-----------------------------	--	---------------------------	--	----------------------	--	--------

17) Quais as principais deficiências do comercio local?

	Falta de variedade
	Prazo de pagamento
	Horário de funcionamento
	Outros

18) O que a família costuma comer diariamente?

	Legumes e verduras		Frituras		Congelados		Arroz e feijão
	Frutas		Carne suína		Carne bovina		Doces
	Frango		Peixe/ frutos do mar		Carne de caça		Outros

19) Quais hábitos alimentares você aprendeu com seus pais e atualmente não pratica mais? Por que?

20) Costuma usar plantas medicinais? () Sim () Não

21) Quais as plantas mais utilizadas?

22) Onde você as obtêm?

	Do quintal		Do mato		Compra		Outros
--	------------	--	---------	--	--------	--	--------

23) Com quem você aprendeu a utilizar as plantas?

	Familiares		Vizinhos		Sozinho		Outros
--	------------	--	----------	--	---------	--	--------

24) Quais são as doenças mais comuns na família?

	Gripe		Diabetes		Hipertensão		Doenças cardíacas
--	-------	--	----------	--	-------------	--	-------------------

25) Quando ficam doentes, o que costumam fazer?

	Procura o hospital de Guaraqueçaba
	Procura o hospital de Paranaguá
	Procura hospital em Curitiba
	Procura o posto de saúde da vila
	Procura benzedadeiras
	Outros

26) O que você costuma fazer nas horas livres?

	Viajar
	Praticar esportes
	Jogar cartas ou sinucas
	Frequenta bares
	Assiste TV
	Participa de cultos religiosos
	Leitura – livros/revistas
	Vai à praia
	Poluição dos rios/mar
	Outros
	Desmatamento
	Desemprego
	Serviço de saúde

27) Em sua opinião quais são os problemas mais graves na região de Superagüi?

	Alcoolismo
	Drogas
	Outros

28) Pratica alguma religião? () Sim () Não - Qual? _____

29) A família costuma participar de festas locais? () Sim () Não

30) Quantas festas existem por ano e o que comemoram?

31) Fale sobre o fandango

32) Fale sobre o carnaval

33) Como são realizados os casamentos na ilha?

34) Alguma coisa foi feita para melhoras a vida dos moradores nos últimos tempos?

35) Quais são suas impressões relacionadas ao turista estrangeiro?

36) Você consegue se comunicar com os turistas estrangeiros? Como?

37) Eles mostram interesse pela cultura local? Como você percebe isso?

38) Na sua opinião, o que o turista estrangeiro vem buscar em Superagüi?

39) Sugestões:

40) Críticas:

APÊNDICE D: Transcrição de algumas entrevistas gravadas pela autora com os habitantes de Superagüi. A escrita está de acordo com o vocabulário usado pelo entrevistado.



Figura 28 - Denise Correia de Ramos
Fonte: A autora, 2012.

Denise Correia de Ramos, 39 anos, cursou ensino médio na Ilha, pescadora comerciante, dona da pousada Sobre as Ondas.

Tem água encanada, parte do esgoto vai pra fossa e outra parte para o rio.
Tem TV, geladeira, freezer, antena parabólica, internet.

Lixo é coletado e parte é queimada.

Gosta de ouvi músicas no rádio.

Compras da casa, pousada, roupas e calçados faz em Paranaguá e em Curitiba.

Base da alimentação saladas, frutas, feijão, bife e frutos do mar como siri.

O que gostava de comer quando criança que hoje não come mais?

Comida da mãe: Arroz com siri cozidos juntos, feijão com carne de sol, quibebe, alimentos que a mãe colhia da horta. Peixe seco com banana, o peixe era defumado no fogo.

Você faz uso das plantas medicinais, quais?

Faço, erva cidreira, boldo, tanchai, quebra - pedra, folha de abacate, folha de insulina, pata da vaca, folha do guapê – para diabetes, broto da goiaba para cortar diarreia, folha de pitanga para banho de assento e cistite, folha de batata doce - gargarejo para dor de dente, folha de pitanga também para dor de cabeça, porque ela é bem gelada.

Com quem você aprendeu?

Com a minha mãe e a minha tia Helena Michaud

Quais as doenças mais comuns na sua família?

Pressão alta, diabetes só Carioca (esposo)

E quando fica doente pra onde você vai?

Paranaguá ou Curitiba.

E antigamente, você procurava benzedeira?

Procurava. Por causa do Flavinho (filho). Ele tinha sapinho e ele dizia que tinha benzer, aí eu levava... minha tia também vinha benze ele com arruda, ela tinha uma folha que ela fazia a reza dela. Ela mandava compra pano virgem preto cortava tudo quadradinho e mel rosado. Tinha que limpar a boquinha dele todo dia com aquilo, quando juntava nove paninhos, levava pra ela e ela queimava e ela o benzia. 3 mês e acabaram Foi 3 meses certinho. E acabou (...)

E outra coisa que ele tinha o umbigo pra fora, uma hérnia, e ela mandava fazer tudo que é simpatia, por moeda, por milho e joga pra galinha preta, corta os nozinho da árvore, passar no umbigo dele e colar na árvore de novo, quando os nozinho colasse na árvore de novo o umbigo dele melhorava.

E melhorou?

Melhorou, o umbigo dele voltou pra dentro, é bem bonitinho (...) quando ele tinha diarreia ela benzia e já parava.

E quando você esta de folga, o que gosta de fazer?

Eu gosto de ver as orquídeas, andar bastante, conversar com as pessoas da Ilha, lembrando o passado (...)

O que mais te incomoda, agora, na região de Superagüi?

O lixo, o alcoolismo, a droga (...) as pessoa vem de fora, fuma na frente das crianças daqui (...) a maioria das crianças daqui sabe já o que é a droga porque é aberto. A maioria da rapaziada usa já, maconha, crack. (...) às vezes não é nem turista, é gente que vem pra estraga mesmo...

Você acha que a Ilha está precisando de um programa de prevenção as drogas através do posto de saúde?

Tinha que ter (...) porque já tem bastante gente usando... e controle da polícia

Você tem religião?

Sou católica, mas vou em todas as igrejas, um dia na católica, um dia na evangélica... me sinto bem em todas, me acolhem bem... eu vou.

E as festas?

Eu vou em todas, vou no bingo vou no leilão de frango assado, de bolo, de prendas... (...) nunca ganhei nada, só vou lá e gasto bastante. Depois termina no forró e em briga, por causa da bebida e drogas.

E fandango?

Fandango é mais na época de verão, pra turistas

Gosta de fandango?

Gosto.

Antigamente tinha o fandango, geralmente, depois do mutirão, você já participou alguma vez?

Eu ouvia eles falarem, mas não me lembro, não, porque eles não levavam criança. Era chamado de 'sapo', a mãe ia, mas nós não ia...(…)

E o carnaval?

Era divertido, tinha bloco, o pessoal saía, durante o dia e a noite. O pessoal saía de máscara pra ninguém conhecer a pessoa, as mãos tudo coberta, o corpo deformado, pra ninguém saber quem era, não podia falar também. Aprontava com os outros. (...) e só pode tirar a máscara quando o outro descobre quem é você.

E você sabe de onde surgiu esta tradição?

Não sei... antigamente... (...) e fazem até hoje. (...) Meu tinha um purungo e já fazia o olho, os dentinhos e colocava na cabeça, ou então fazia e colocava uma vela dentro e deixava pra assustar as pessoas ... aí depois já veio mais moderno, já compra (...)

O charme das máscaras, então, é assustar as pessoas.

Assustar e fazer com que elas não reconheçam você... manter a identidade escondida...

Como foi seu casamento?

Eu não casei, só noivei e fugi... Deixei uma carta pro meu irmão entregar e ele entregou só depois de um mês, dois meses...

Conta um pouquinho dessa história.

Conheci o Carioca aqui na Ilha. Eu tinha 13 anos, ele veio aqui, mas tinha aliança, era casado. Depois de 3 anos encontrei ele de novo lá na Ilha do Mel, daí ele já tava separado (...) começamos a namorar, mas daí a mulher lá (patroa) não deixava, porque achava que eu era muito nova e meu pai recomendou um monte,

daí ela descobriu que eu tava ficando com ele, daí ele chegou e falou pra ele que se ele quisesse me namorar tinha que vir aqui falar com os meus pais, porque ela não ia deixar. Daí ele veio (...) se o senhor autoriza a gente namorar, mas tem que falar com a mãe dela (...) daí o pai deixou a gente namorar. (...) nós íamos ao baile (...)

Ele não podia casar ainda, porque era casado ainda, e a minha mãe queria tudo certinho, então resolvemos fugir (...) aí fomos pra Curitiba.

(...) o irmão esqueceu-se de entregar a carta... (...) a mãe ficou até doente (...) moramos 5 meses com a mãe dele... Eu não sabia fazer nada... O primeiro arroz queimou tudo... Não sabia... A mãe dele que ensinou. Ensina a lavar roupa, passar (...) ele que quis voltar.. Eu não queria, porque não tinha casa aqui. Ele vendeu o carro o comprou um barco e veio. (...) fiquei dois meses lá em Curitiba e ele aqui...

Faz 23 anos que estão casados.

O que melhorou na Ilha nos últimos anos?

Luz, turismo, pousada, restaurante, escola, trapiche.

Qual sua impressão do turista estrangeiro.

Eles vêm traz os guias, ou quando vêm só, traz o dicionário..., acho que é legal eles virem, vêm atrás da natureza, que não existe mais no local que eles moram(...) eles têm educação ambiental.

Você acha que eles se interessam pela sua cultura?

Se interessam. (...) Eles fotografam tudo, fotografam a janela das casas, as casas pequenas, as pessoas da Ilha, nativas, os bichos.



Figura 29 – Waldeir da Silva Teixeira
Fonte: A autora, 2012

Waldeir da Silva Teixeira, Carioca, 52 anos, ensino fundamental incompleto em Curitiba e Rio de Janeiro, pescador e comerciante do ramo de hospedagem e comércio de alimento, têm a pousada “Sobre as Ondas”. Nascido no Rio de Janeiro, Duque de Caxias, mora na Ilha há vinte e cinco anos.

O que você costuma ver mais?

Televisão.

O que gosta de assistir?

Filmes.

Onde costuma fazer suas compras para a casa e pousada?

Curitiba.

E as compras de roupas e calçados?

Paranaguá e Curitiba.

Por que não compra no comércio da região?

Muito caro.

Qual a base da sua alimentação?

Arroz, feijão e carne vermelha.

O que mudou no seu hábito alimentar de quando era criança para agora?

Praticamente continua a mesma coisa. Antigamente eu não comia polenta, verdura... Hoje eu gosto.

Tua família usa plantas medicinais?

A mãe usa.

Doenças mais comuns na família?

Coração e diabetes.

Quando você precisa de médico vai aonde?

Paranaguá.

O que gosta de fazer nos seus momentos livres?

Ver filmes.

Quais os problemas que mais incomodam na Ilha?

Alcoolismo e drogas.

O que poderia ser feito para amenizar estes problemas?

Falta um posto policial.

O posto policial resolveria este problema?

Resolver, resolver, não resolve, mas ficaria mais escondido, está muito largado (...) não tem lei, não tem polícia.

Você tem religião?

Católico não praticante.

Você participa das festas locais?

Participo de todas.

Como acontecem essas festas?

A comunidade se junta, faz a arrecadação de brindes e faz competições. Tem a festa de santo Andre, tem a Junina. Tem procissão, tem bingo, tem leilão de frango assado.

Como que você chegou a Superagüi?

Eu era policial, nós viemos demarcar para fazer um posto aqui, e naquela época fomos almoçar no seu Herondino que atendia as pessoas de fora com refeição e Denise ficou mexendo comigo, mas eu nem olhava, eu era casado e não tava nem ai. Ai quando eu tava indo embora olhei do trapiche e ela mexendo comigo de volta, pensei “que guria assanhada”, aí subi no barco e fomo pra Ilha do Mel. Logo em seguida me separei da minha mulher, aí saí da polícia, peguei um barco de camarão pra eu pescar e entreva em Superagüi. Ai comecei a namorar ela lá na Ilha do Mel (...) aí vim pra cá, cheguei no bar, me cheguei perto do pai dela e peguei uma cerveja pra tomar com ele e pedi pra falar com ele e disse que queria namora a filha dele lá na Ilha do Mel, porque o Chico não está deixando e ele deixou. E a gente começou a namorar. Depois a gente foi morar junto, levei ela pra Curitiba.

E depois, quem quis voltar pra Ilha?

Eu, ela não queria voltar, por ela não teria voltado, porque aqui era tudo muito difícil, não tinha luz, não tinha água. Aqui tudo era muito difícil.

E por que você quis voltar pra cá?

Nunca gostei de morar em cidade grande.

E como vocês fizeram?

A gente foi morar com o sogro, depois alugamos uma casinha que não tinha forro, não tinha nada, tinha que encher a casa de ‘boa noite’ pra conseguir dormir.

E agora, você continua sendo pescador?

Sou no verão quando dá eu vou e no inverno é direto.

O que foi feito em Superagüi nos últimos dez anos para melhorara a vida da comunidade?

A educação que melhorou cem por cento, o trapiche, a luz, a água encanada

O que você acha do turista estrangeiro?

Ele vem pro Brasil pensando que aqui só tem bicho e ficam deslumbrados com tudo, com a paisagem com a estrutura de a gente morar, o que a gente tem

Esse turista, ele vem só pela paisagem ou pela cultura de Superagüi?

Ele vem pela cultura, alguns conhecem a historia de William Michaud e vêm pra conhecer, outros vem pelo Parque Nacional.

Alguns perguntam pelo fandango? Eles já vêm com essa informação?

Não. Nunca ninguém perguntou, eles perguntam sobre **William Michaud, o mico e o papagaio.**

Você consegue se comunicar com o estrangeiro?

Pouco, eu não falo inglês, nem alemão... Alguma coisa a gente entende (...) eles são muito respeitadores.



Figura 30 – José Squenine
Fonte: A autora, 2012.

Jose Squenine, 77, ensino fundamental incompleto na Ilha, nascido em Barbados, era agricultor e pescador.

Esgoto da casa vai para a fossa, o lixo é coletado. O lixo da Ilha vai para Guaraqueçaba de barco.

Em casa tem energia elétrica há 9 anos, tem TV, antena parabólica, geladeira, fogão a gás.

Usa o telefone público que funciona bem.

Gosta de ouvir música no rádio.

As compras de casa, roupas e calçados faz ora na Ilha, ora em Guaraqueçaba.

Base da alimentação: arroz, feijão, peixe e verdura.

Antigamente, o que o senhor usava para temperar o peixe?

Tudo, tudo, erva, cebolinha, manjeriço, chicória, alfavaca.

O que o senhor comia quando criança que hoje não come mais?

Carne de caça.

O senhor usa plantas medicinais?

Usava, antigamente usava bastante... Sabia fazer aquelas plantas medicinais (...) mas hoje em dia plantar plantas medicinais o povo vê e já cobiça.... daí vem gente que não pode ter mais.

E que plantas medicinais o senhor usava?

Usava pra dor de cabeça, enjoo, dor de barriga, tinha uma porção de planta a gente conhecia... Hoje em dia ninguém usa mais essas coisas.

E o senhor aprendeu a usar com quem?

Com as pessoas aí... Todo mundo sabia usar.

Quais as doenças mais comuns na sua família?

Gripe.

O senhor procurava benzedeira?

Também... Aqui na Vila não tem mais... De primeiro nossos médico era aqueles entendido... E bom... Uma vez me envenenei com o fígado peixe que comi (...) fiquei 72 horas fora do ar, a boca cerrada, fiquei sem um fio de pelo no corpo, saiu a pele da mão e dos pés (...) aí o médico de ervas deu o remédio pro pai que deveria dar pra mim.

O que o senhor faz nas horas livres?

Quando estou de folga estou mexendo com as minhas ferramentas, às vezes toco lá no bar, ele me dá uma gorjetinha, dá uma bebida pra nós...

Quais os problemas de Superagüi que o incomoda hoje?

Pra mim não me incomoda de nada.

O senhor tem religião?

Eu sempre sou católico.

E as festas religiosas, como são?

Eu não mete mais, antigamente eu trabalhava, agora não mais... Eu já gostei muito de festa. (...) eu organiza a festa, tocava... Agora não quero mais.

No carnaval o senhor usava máscara?

A gente mesmo fazia... Pegava um punhado de barro assim, fazia a caricatura que a gente queria, fazia uma cola, forrava de papel e depois que ela se enxugava colocava na cabeça e aí... Saía pra brincar.

E de onde veio essa tradição?

A tradição foi a gente mesmo que invento... Fazia as fantasia de bruxa de lobisomem.

E o que o senhor acha do fandango?

O fandango é uma tradição que vem de muito tempo atrás... (...) nós fazia cada mutirão...

Então o fandango era pra comemorar a colheita?

(...) para o plantio, pra plantar, pra recolhe a madeira... De dia dava de comer e de bebê e de noite dava fandango... Quando era pra puxar o barco pesado do mar... Se não tivesse o plantio não tinha festa.

O instrumento também eram vocês que faziam?

É a viola de nós toca era nós que fazíamos da madeira, a madeira melhor era a caxeta (...) e as corda nós comprava em Paranaguá.

E com quem o senhor aprendeu a tocar?

Quando eu tinha esse tamanho e ia com papai no mutirão não podia ficar em casa... E quando era de noite sentava perto de banco e ficava olhando... Ninguém me ensina ninguém pego na minha mão... Só no olha eu aprendi, eu meu irmão tocava e cantava que é uma beleza.

E tinha muita festa de casamento?

Tinha.

E como foi a sua?

De primeiro era uma festa muito importante, quando gostava da moça...

Nos últimos anos foi feito algo pra melhorar a vida da comunidade?

Olha, o que foi feito foi por nossas mãos mesmo... O trapiche.

E a associação dos moradores?

Tem associação, mas não funciona... Nada se resolve.

O que o senhor acha do turista estrangeiro?

Eles querem mais ver a paisagem e gostam da comida, vê a cultura que tem.



Figura 31 - Antonio Alves Cardoso
Fonte: A autora, 2012.

Antonio Alves Cardoso, 70 anos. Primeira série do ensino fundamental, casa simples, luz de vela, água de poço, usa lenha para cozinhar e não tem banheiro na casa. Católico, mas não vai à igreja, ligação direta com Deus. Quanto à sua impressão sobre os turistas estrangeiros acha que valorizam a sua cultura, pois, gostam de ouvir suas histórias. Cuidam da natureza, pois, recolhem o próprio lixo e também o lixo dos outros que encontram pelo caminho.

Como é que o senhor veio morar aqui, nesta cabana?

Aqui foi uma dificuldade muito grande... Morava lá na praia... Bem lá na frente, tinha cerca de gado... Tinha minha criação de galinha... Eu morava com a minha mãe lá, minha filha e o meu neto. Ela era solteira, a menina, tinha 14 anos... E daí a maré veio vindo... veio vindo... e pinchou a casa de alvenaria e daí quando vi que ela ia pincha minha casa, aí fui obrigado a coloca o neto pra pesca, sabe... e daí encostou essa tábuia aí ele (neto) me ajudo a arma e daí passamos pra cá, e daí vim pra cá.

Há quanto tempo o senhor está aqui?

Há 6 anos

E em Superagüi, há quanto tempo o senhor mora? Nasceu aqui?

Nasci na Ilha do Mel, e vim pra cá com 8 anos... o meu pai era pescador e ele gostava de lavoura, de plantar e ele veio pra cá...

E como o senhor casou?

Tinha fandango lá no Espinheiro... fandango assunta muita coisa ... namoro de fandango é namoro de sítio.... é diferente de namoro de cidade

E como é o namoro de sitio?

Namoro de sítio é... você sabe como é que é, ...é um namoro que você namora com aquela moça... e depois novamente vira tua namorada, e ali com... com

muita cautela,... com muita vergonha porque tem o pai, tem a mãe... E Então é assim. Aquela casa que a gente namora com a moça, tem umas irmã que ainda é mais bonita que aquela... a gente não conhece a mais bonita... e na hora que a coisa está pegando a gente conhece a mais bonita...

E o que faz seu Cardoso?

É obrigado a fica com aquela mesma, (risos)

O senhor casou e trouxe sua esposa para morar aqui?

Aqui não, lá frente, na outra casa. (...)

Três coisas que não se pode confiar, a primeira são mulher, maré, cavalo e criança. Mulher vai embora, o cavalo se não cuida vai embora, também, a maré cresce rápido... criança, você lava bem lavado coloca uma roupa limpa daqui a pouco sujou de novo. (...)

Qual sua relação com Deus?

Eu tenho um santuário aqui, isso aqui basta pra gente estar com Deus.

Deus é tudo na nossa vida, na vida do ser humano. Quem não obedece a Deus não adianta de nada. Deus é tudo pra nós.

O senhor foi batizado na religião católica?

Católica

O senhor disse que quando morava aqui, na praia deserta, recebia uns amigos índios. Eles vinham com a família?

É eles vinha com a família, 8, 9 família. Ficava perto da casa da gente no meu rancho. Eu cozinhava pra eles, porque... a comida deles era uma comida que não agradamos nós. Era uma comida diferente

O que eles comiam?

Eles comiam peixe, comiam caça, polenta de fruta uma mistura...

E o senhor não gostava?

Não, não gostava

E o que o senhor fazia pra eles comerem?

Eu cozinhava um arroz, cortava linguiça, fazia aquela farofa de farinha de milho que ele(cacique) gostava... eles comia muito... Tinha muito mais sabor o que eu fazia do que ele fazia, entendeu?

O senhor usava temperos diferentes?

Diferentes e... Tanto que ele falou pra mim... O selvagem mesmo, o índio selvagem comia mesmo carne crua que eles caçavam, agora, como eles já tava domesticados eles usava sal, mas muito pouquinho sal.

O que o senhor aprendeu com eles?

Aprendi a fazer balaio, sapé pra construir uma casa, aquele líquido coloca assim no sape pra fica igual asfalto... Tirava da figueira, aquele leite da figueira(...) e passava no sapé pra não deixar entrar água. (...) Pra mordida de cobra pro veneno não ir pro coração eles amarravam trucuá, trucuá é mato, é um cipó que dá aqui no mato, embolava aquele trucuá e apertavam ali, o veneno não ia pro coração(...)

E o sabugueiro, pra que serve?

O sabugueiro pra bota o sarampo pra fora (...)

O seu contato com os índios durou quanto tempo?

Uns seis anos, eles vieram ali do Morro das Pacas... Aí eles saíram dali por causa do IBAMA.

Falando do fandango seu Cardoso, quando o senhor era criança o senhor já conhecia o fandango. Como o senhor o conheceu, lembra?

Conheci o fandango com o meu velho pai com esse trabalho de roça, a roça você... Você limpava, roçava, depois derrubava aquelas madeiras grandes, depois queimava, depois fogueava tudo e depois juntava tudo à roça de melancia juntava a semente de melancia, juntava tudo à roça e depois quando a roça... A melancia tava grande cavava tudo e aí você ia à cidade comprava arroz, comprava feijão, comprava batata, comprava essas coisa, comprava a carne de boi que... Que... Tinha muita gente que não gosta de carne de boi e aí ia lá e matava e matava o peixe, meu pai ia lá e salgava e dessalgava... Aí quando vem aos pouco o pessoal... Quando dava vinte homens, vinte mulheres, e... Acabavam com a roça no dia... Então quando o home ia chegando e o café... O café na chegada deles e, casa... Depois aquele grande café barbaridade pra aquele povo, porque a coisa tudo baratinha, o dinheiro dava. E aí ia tudo pra roça, tudo trabalhar, chegava lá, tudo já tava arrumada, embaixo de uma árvore de grão. E as mulheres chegavam ali, cada um com seu facãozinho (...) e daí cavava, cavava ali, quando era meio dia saía o almoço, carne com feijão, peixe... Debaixo daquela árvore muito bonita (...) cachaça era pouca(...)

Vinha pra casa, se levava bem lavado, os violeiros já iam lá pra sala... Aquele galpão grande assim... Cercado de banco da canela preta(...) e daí ia tipo afiando a viola, daí saía a janta e daí lá pelas oito horas saía o fandango. o fandango

Sempre esse ritmo...

Sempre esse ritmo, mas era um ritmo deferente desse daí porque esse ritmo só tem... Como se diz...bailado... Você dança ali, o direito mesmo é um bailado, um batido, um bailado, um batido(...). Hoje já não tem mulher suficiente pra dança, por aqui não tem, agora pra lá de Guaraqueçaba tem... Aí se a mulher faz a volta pra

lá... É um bailado(...) e aí acabava aquela roça, aí de manhã cedo saía um café bem caprichado e aí o povo ia embora...

O trabalho da roça era de mutirão e então o fandango começou com o final de cada mutirão?

Isso (...) e uma viola de cera, não é uma viola de sertanejo... Você pode vê que é uma viola pequena... Foi o índio que fizeram.

Os índios fizeram os instrumentos e vocês aprenderam com eles.

Os mais antigos aprenderam com eles... Isso não é de hoje... (...) isso tem mais ou menos uns quatrocentos anos (...) a batida do fandango é a batida da rabeca, é ela que dá o ritmo....



Figura 32 - Clementino Santos Correia
Fonte: A autora, 2012

Clementino Santos Correia, 92 anos, nascido na Ilha (Canelinha), ensino fundamental incompleto na Ilha, mora sozinho.

Não tem ninguém na família que trabalhe com turismo.

Casa com água encanada, luz, televisão, geladeira, fogão a gás.

Na TV só assiste ao jornal.

O que senhor comia quando era criança e hoje não come mais?

Não, o que eu comia de mantimento quando era criança... Eu continuo (...) o mais comum é o peixe, com arroz e feijão. O peixe era secado no sol, era o peixe cambira.

O senhor tinha plantava?

Plantava.

Caçava também?

Caçava.

O que o senhor caçava?

Matava tatu, matava paca.

O senhor usa plantas medicinais para fazer remédio?

Usava, quando a minha esposa tava viva... Ela tinha todo tipo de planta no quintal... Agora acabou.

Quando o senhor fica doente aonde o senhor vai?

Sempre vou ao médico.

O senhor vai a Paranaguá ou Guaraqueçaba?

Guaraqueçaba.

O senhor está aposentado?

Sim, de pescador.

O senhor faz rede?

Fazia, agora não faço mais, a vista está fraca.

Fazia pra vender também?

Não, fazia só pra mim.

O que o senhor gosta de fazer para se divertir?

Minha família mora muito longe então não vou visitar (...)

O senhor que mora bem no centro da Vila percebe algum problema com os jovens de alcoolismo, drogas...

Ah, sempre que, a gente não vê todo dia, mas quando amanhece o dia a gente fica sabendo.

De drogas?

É.

O que o senhor acha que poderia ser feito para mudar a questão da droga aqui?

Olha, o meu filho ele é presidente da associação aqui... Ele convocou uma reunião pra falar sobre isso.



Figura 33 - Arlindo Alves dos Santos
Fonte: A autora, 2012

Arlindo Alves dos Santos, nascido na Ilha, 64 anos, estudou na Ilha, não completando o primário.

O senhor me conta um pouco sobre essa Associação. O consiste... Pretende-se, se busca...

A Associação de Moradores?

É, essa que o senhor estava na reunião.

Esse é benefício pra... Muito benefício pro lugar respeita a pesca, respeita que aqui é... um Parque... Então eles formaram um Parque na área dos habitantes... Que aqui pelo mapa que se conta que... O nosso 'cabeça' que veio de lá de Curitiba, trouxe o mapa de lá que não constava habitante no lugar.

Não constava no mapa que aqui tinha habitantes? E que para se tornar Parque precisava considerar a presença de vocês?

Isso.

Então chegaram aqui e encontraram vocês?

Lá no mapa não tinha como habitante... Que aqui só existia onça, as caças assim, papagaio-da-cara-roxa... habitante não existia, era o que constava lá no mapa.

E essa Associação que vocês formaram que você acabou a reunião, é a Associação dos Moradores?

Não, isso aí é um grupo Mopear.

Mopear, o que é esse grupo?

Esse grupo Mopear é... é um grupo que cada lugares têm o cipoeiro, tem o sem terra... é uma rede que fazem um grupo.

Uma cooperativa?

É tipo uma cooperativa, então traz benefício pra cada setor, setor de lugar, então cada um trabalha em conjunto, se reúne tudo eles de um lugar de outro

Quem é o presidente desse grupo?

Esse é... não tem presidente... ele trabalha aqui com... primeiro aqui começou com um líder... mas só que nosso líder que tinha aí ele começava a...

como se diz... encher a cara que dizer... coisa que não... aí a turma o tirara fora. Agora está o Zico, o Claudio e o Guairá, eles que tão liderando.

Estão liderando essa associação dos pescadores, e vocês juntos trazem benefício pra quem pesca?

Sim.

Como comercializar e esse tipo de coisa?

É em tudo, pra ajudar o pescador.

E qual a sua profissão hoje?

Minha profissão é o comércio,

Mas o senhor também é pescador?

É a gente pesca, e tem o comércio pra...

O senhor só tem essa sorveteria ou tem mais alguma coisa?

Não, não, só a sorveteria. Tinha uma embarcação, mas já se desfez,

Com relação aos seus hábitos alimentares: o que o senhor comia antes que hoje não come mais? O que o senhor comia antes de aqui se tornar um Parque?

Ah, alimentação aqui tinha tudo, meus pais tinha roça... Era tudo natural, e hoje em dia é só comprado.

E o que o senhor tem saudades de comer?

Ah, tenho saudade de comer aqueles legumes, lá natural...

(...)

Na sua família se usa plantas medicinais?

Na minha família não.

O senhor tem religião?

Congregação Cristã no Brasil

(...)

O que o senhor acha que está mais incomodando vocês, no que se refere a problemas com o jovem: drogas, alcoolismo, desemprego...

Aqui o que mais incomoda aqui é... a autoridade, não deixa a pessoa pescar tranquila, e outra a coisa dessa droga.

(...)

No que se refere às drogas, o que o senhor acha que deveria ser feito para melhorar?

Mais fiscalização.

O senhor sendo evangélico, não participa das festas na Ilha... do fandango, do carnaval...

Não...

O que o senhor acha que foi feito de bom na Ilha pra ajudar a comunidade nos últimos anos?

Melhorou por causa disso aí, tudo por intermédio desse grupo...a escola, a saúde.(...)

O que o senhor acha do turista estrangeiro?

O turismo é muito bom pro lugar, mas que venha trazer os beneficio também

Vocês acham que é uma coisa boa desde que seja bem organizado?

É.

O senhor consegue se comunicar com o turista estrangeiro?

Estrangeiro tem algum que não. Male mal,

O senhor acha que o turista estrangeiro mostra interesse pela sua cultura ou vem só pela paisagem?

Só pela paisagem.



Figura 34 - Floriza Michaud do Rosario
Fonte: A Autora, 2012

Floriza Michaud do Rosario, 51, ensino fundamental incompleto na Ilha. É comerciante, tem a pousada Magal, um bar e mercearia, além de artesã. Mora com o companheiro há 20 anos, teve sete filhos. Nascida na Ilha.

Tem TV, antena parabólica, geladeira, freezer, telefone fixo, celular, computador com internet, fogão a gás. Gosta de TV para assistir novela e jornal. No radio ouve as orações do padre Reginaldo. Faz suas compras em Paranaguá. Alimentação base arroz, feijão, peixe e verduras.

Você lembra de alguma coisa que comia quando criança que não come mais?

Caça de capivara, tatu, pássaros, quati, veado, porco do mato

Você usa plantas medicinais?

Uso tanchai, pico-pico, erva cidreira, camomila, capim limão, melissa

Aprendeu com quem?

Com a minha parteira, ela me ensinou muita coisa.

Quais as doenças mais comuns de sua família?

Na minha família não tem nenhuma... gripe... e eu tenho depressão

O que gosta de fazer em seu tempo livre?

Gosto de fazer crochê e cuidar das minhas orquídeas

O que mais te incomoda na ilha de Superagüi?

A droga

O que você acha que poderia ajudar a combater esse problema?

Eu acho que o que poderia ajudar era ter policial aqui,

Você tem religião?

Sou católica.

Participa das festas religiosas?

Participo, ajudo, vou no bingo, dou brindes, mas não danço.

Gosta do fandango?

Gosto mas não vou.

E o carnaval?

Eu curto trabalhando.

Já colocou máscara?

Não, não gosto.

Nos últimos dez anos foi feito algo para melhorar a vida de vocês aqui na Ilha?

Eu acho... A única coisa que foi feita pra melhorar foi o trapiche e a escola, que melhorou e muito...

Você participa da associação de moradores?

Participo.

Vai as reuniões?

Vou.

O que você acha do turista estrangeiro?

Olhe... Eu acho que eles são.... São pessoas muito boas pra pagarem, não perguntam preço... E eu não converso muito com eles... Comunico-me pouco com eles,

Qual é o interesse do turista? Cultural ou pela paisagem?

Eu acho que se interessam mais pela paisagem, pela cultura... Pouco... Perguntam sobre o fandango.



Figura 35 - Ailton Neves
Fonte: A autora, 2012

Ailton Neves, 53 anos, nasceu em Cananeia, mora desde os 19 anos na Ilha. Estudou até o ensino médio no local. Pescador e tem uma pousada na Ilha há treze anos. Desde 2005 é vereador, no momento é vice-prefeito.

Como vice-prefeito, o que você acha dos problemas na Ilha? O que é mais grave? O desemprego, drogas, falta serviço de saúde ou existem outros que você queira mencionar?

Olha, eu acho que alguns dos maiores problemas que nós estamos, já... tentando resolver que é a área da saúde, porque não temos médico pra ficar aqui 24 horas.

Com a sua força política o senhor não consegue trazer um medico pra ficar aqui?

Não consigo. Eu consigo um uma vez por semana pra ficar aqui uma, duas horas. E o problema sério é o medicamento, porque é só com receita médica. Temos o medicamento no posto, mas o enfermeiro não pode dá o remédio porque não tem a receita. Esse é o problema mais serio que nós temos aqui. Porque na área, por exemplo, da educação, quando eu entrei na Câmara em 2005, nós tinha só até a quarta série. Então foi uma briga muito grande... e hoje eu temo até o ensino médio, então nós desenvolvemos bastante a parte da educação e estamos contentes porque sala de aula tinha três, agora tem seis... Estão desenvolveu bastante a parte da educação. Problema de lixo na Ilha, hoje está muito bom, tem um trabalho aí... Vamos faze a limpeza de um barracão pra guarda e separa, então temo um trabalho melhor. Agora, o único problema mais sério que eu vejo em Superagüi é a área da saúde. Saúde nós não conseguimos avançar.

E o desemprego?

Na verdade aqui na Ilha não tem muito como falar em desemprego porque é um ela é um Parque Nacional, não se pode praticamente ter nada. O único desenvolvimento hoje seria é o turismo, mas ainda é o início de jornada, então... Eu acho que essa parte é muito fraca, o desemprego. Muitos nativos continuam na área da pesca.

O jovem vai ser pescador?

Vai ser pescador ou vai ter que ir pra fora.

Ou trabalha em turismo nas pousadas que ainda é muito pouco, por que não tem emprego pra muita gente.

Isso. Na verdade o turismo nosso aqui é dois mês, uma batida no carnaval e aí pronto, aí acaba.

Aí tem de pescar...

Aí tem que pesca.

Se ele não gostar de pescar...

Não tem o eu fazer, até porque o serviço que tem aqui é muito pouquinho. É funcionário da prefeitura e só.

E o alcoolismo, incomoda?

Na verdade acho que, pelo tamanho da nossa Ilha é normal, não temos muitos problemas com essa parte, inclusive nós... Eu tenho muito contato com a policia de Guaraqueçaba. Tenho acompanhado bastante coisa... Eles nem precisa se incomodar de vim aqui, porque não temo problema nessa parte. Já teve mais feio um pouco com problema de troca entrando na ilha, mas nós começamos... Eu comecei a, não abertamente, porque aqui não pode fazer isso abertamente, mas fui lá conversar com eles. Aí na hora certa eles vieram, andaram dando uma batida aí. Mas depois diminuiu bastante.

Conseguiu identificar os focos do problema?

Eles vieram umas três vezes e depois diminuiu bastante.

Você acha que eles estão mais intimidados com a presença da policia?

Ah, com certeza, o pessoal que mexe com essa parte aí está mais cauteloso.

É porque eu tenho visto polícia andando por aí. Eles estão vindo só quando são chamados ou estão dando umas batidas incertas, pra ver se pegam alguma coisa.

Não, eles tão dando uma batida, inclusive agora no carnaval eles querem ficar os quatro dia aqui em Superagüi... Então quatro policiais ficar fixo aqui pra... Evitar... Que... O fluxo... Evitar vandalismo, alguma coisa... E pra mostra que eles tão presente também... Eu tenho um bom contato com o coronel,

Você tem um bom relacionamento com a polícia...

A hora que eu precisar deles é só eu ligar que eles vêm mesmo... É só que... Pra eu ligar é só se for um caso muito...

E para manter os policiais aqui ou manter um posto, você tem a intenção de fazer esse pedido... Qual sua ideia sobre isso?

Na verdade eu já fiz um pedido de um posto policial, eu aproveitei a associação de moradores, peguei um documento da associação dos moradores, mais a outra associação feminina, fiz um documento, os dois assinaram junto comigo reivindicando o posto... (...)

O que você acha do turista estrangeiro? Qual a sua impressão sobre ele? Você acha que ele vem pela paisagem, cultura... Você consegue, se comunicar com ele, os recebe em sua pousada?

Já recebi vários e continuo recebendo, só que é um grande problema pra nos pra se comunicar, essa é parte mais difícil pra nós.

O mais difícil é a comunicação?

É a comunicação, porque aqui ninguém é avançado m estudo pra...

Faltam várias pessoas pra falar pelo menos o inglês...

Isso.

E, uma sugestão: um curso de inglês mais intensivo na escola, aos sábados... Domingos, você não teria condições de conseguir?

Olha, eu consegui trazer pra cá um curso de inglês e... Eu trouxe um curso de informática e inglês. Setenta pessoas fizeram o curso de informática e nove fez inglês. Só que... é um curso só básico, então... A pessoa fez ali o curso, pegou o certificado, mas não praticou, mas... Devia de continuar e não continuou, pouco tempo assim, não consegue desenvolver, Igual a nossa escola também, tem aula de inglês só que também é só... Alguma coisa que está no livro, não passa daquilo... se comunicar aqui não tem ninguém.

Não tem ninguém que consiga entender o idioma...

Não... Então esse é o problema do turismo estrangeiro.

Mas você acha que ele respeita a cultura de vocês, ele demonstra interesse?

Ele mostra inclusive o francês, eu recebi muito francês na pousada quando abriu a Renault em Curitiba. Então os franceses vinham diretos pra minha pousada... aí ele queria... Ele vinha muito atrás do Michaud. Eles queriam saber... Só que era difícil se comunicar com eles... O que ajudava nós é que eles trazia uma pessoa que... ajudava nós...

Um intérprete

Isso

Você gostaria de receber mais turistas, desde que tivesse intérprete para o idioma.

É

Você acha que seria bom pra Ilha continuar com o turismo estrangeiro?

Seria com certeza.

Você acha que eles respeitam vocês.

Respeitam, são bons.

São educados?

São educados.

Cuidam do ambiente, da preservação...

Perfeitamente.

A única dificuldade é a comunicação?

É a comunicação.

Não seria a ideia de um aperfeiçoamento, uma ou duas pessoas. Ninguém tem interesse de trabalhar Até como funcionário público, que recebesse que servisse de intérprete, será que não é possível isso.

Alternativa pra gente... Tentar fazer, só que... Hoje eu não sei... como fazer, mas seria bom...

Com relação ao fandango, o que você acha? É uma manifestação cultural que eu estou vendo que está acabando... o povo está velhinho, não estão mais com energia, não tem nenhum jovem aprendendo, o que você acha disso?

Olha... eu... sinceramente eu acho que fandango não vai passar muito... daí acho que ele vai acabar por aí mesmo... na minha opinião, porque... eu vejo assim, não tem muito incentivo pra juventude... porque assim... quando na festa junina... no inverno ainda, na festa da escola, eles fazem fandango e a criançada gosta demais... só que... falta incentivo.

Falta um incentivo de uma secretaria da cultura, por exemplo?

Isso.

Ter um grupo folclórico?

Guaraqueçaba tem. (...) Nosso secretário centralizou só lá... oitenta por cento do turista que vem pra ilha quer ver o fandango... é uma atração que eles querem ver.



Figura 36 - Luciara Pires
Fonte: A autora, 2012

Luciara Pires, 27 anos, casada, estudou até o ensino médio na Ilha e faz faculdade à distância em Curitiba, Uniselvi. Vai à Curitiba uma vez por semana para as suas aulas.

Trabalha no telecentro, como tutora, que é emprestado para o Instituto Federal do Paraná Aulas, via satélite. É tutora do curso de pesca.

Trabalha também no restaurante Crepúsculo, que é do sogro.

Marido pescador e também ajuda no restaurante.

Casa com água encanada, fossa, o lixo é coletado. Tem televisão antena parabólica, geladeira, telefone fixo, celular, computador com acesso a internet, fogão a gás.

Ouve músicas variadas na rádio, gosta de ouvir o programa do padre Reginaldo, gosta de assistir a novela, jornal, futebol.

Eu vejo que as mulheres aqui na Ilha são muito independentes, não se preocupam com a opinião dos outros, com a autorização dos maridos. Você também é assim?

Sim, todas elas são assim... é porque... desde criança a gente tem que trabalhar pra comprar a coisa pra gente, e depois que casa continua assim mesmo.

(...)

Eu com a minha sogra a gente faz camiseta e coloca no restaurante pra vender. Tem a associação das mulheres, que funciona mais do que a Associação dos Moradores (...)

Como foi seu casamento?

Foi bem tradicional... namorei, noivei e depois casei. Teve festa. A gente convidou todo mundo da Ilha, veio mais gente de fora... foi na igrejinha aqui na Ilha, o padre veio e celebrou o casamento e depois teve a festa no restaurante do Zé. A gente casou dia 19 no civil em Guaraqueçaba e dia 26 de fevereiro na igreja aqui. Vai fazer um ano que eu e a gente casamos. Foi a última festa de casamento que teve.

Qual a base da alimentação de vocês?

Arroz, feijão, verdura, legumes, frutas, peixe, carne vermelha.

E o peixe seco?

A gente faz ainda, mas é mais no inverno.

Alguma coisa que você comia quando criança que hoje não come mais?

Na casa da avó banana assada no café da manhã, a tarde... daí elas colocavam a banana numa caneca e batia, e depois colocava o café quente... a gente achava uma delícia....

Costuma usar plantas medicinais?

Eu tomo bastante chá... pra infecção, pico-pico, quebra pedra, chá de folha de maracujá.

Tem no quintal?

Sim

Aprendeu a usar esses chás com a família?

Com a família.

Quais as doenças mais comuns na sua família?

Gripe.

Quando vocês ficam doentes que procuram?

A gente vai direto pra Guaraqueçaba

O que gosta de fazer nas horas livres?

Vou à praia, leio, gosto de assistir, às vezes jogo sinuca...

Quais os problemas que incomodam vocês na Vila?

O problema maior aqui é as drogas.

E pra você qual seria a solução?

Eu acho que deveria vir palestrantes de fora, ter um posto policial...

Você tem religião?

Católica.

E as festas religiosas?

Eu participo de todas, ajudo a organizar, dou prendas...

O que tem no leilão?

O leilão é de frango assado.

E no bingo?

Já teve bicicleta, ventilador, jogo de mantimentos.

E depois tem o que?

Tem forró.

E você gosta?

Não gosto muito, não.

E o fandango?

Também não gosto, acho bonito, os senhores ali tocando... mas eu não vou não...

E o carnaval?

Carnaval eu gosto.

Usa máscara?

Nunca usei... só brinco o carnaval.

Pra você, quais os benefícios realizados nos últimos anos para a Ilha?

A luz, a água, aqui mudou cem por cento... está tendo mais emprego com o turismo... mais chance de estudar.

Você participa das duas associações?

Sim.

Você recebe turista estrangeiro no restaurante? O que acha deles?

São legais, gastam bem... mas é uma dificuldade pra se comunicar com eles...

Você acha que eles se importam com a sua cultura ou só com a paisagem?

Eles perguntam, acham tudo lindo...



Figura 37 - Poceidãoio Jorge da Silva
Fonte: A Autora, 2012

Poceidãoio Jorge da Silva, 79, estudou um pouquinho em Santa Catarina, nasceu em SC, mora na Ilha desde 1973. Ele foi para Pontal do PR e depois para Ilha do Mel, até chegar em Superagüi. Pescador. Aposentou-se em 79 por invalidez. Hoje tem um camping.

Casa com água de poço, esgoto na fossa, casa com banheiro.

O lixo é coletado o ano todo. Tem energia elétrica, televisão, geladeira, freezer, celular. Usa o telefônico público, quando funciona. Usa fogão a gás.

As compras de casa, na Ilha e em Paranaguá.

Base da alimentação arroz, feijão e peixe, pouca carne vermelha. Frutas e verduras muito pouco, pois é muito caro.

O que o senhor comia antigamente que hoje não come mais?

Carne de caça, que era muito saborosa: capivara, quati, cateto, paca, peixe defumado com banana. Agora não tem mais e a banana está muito caro.

O senhor usa plantas medicinais?

Folha de hortelã, folha de baleeira para dor, reumatismo, você mói ela e depois mistura com álcool, o sabugueiro também é bom pra tudo, faz uma salada com sabugueiro e não põe sal e depois comem, limpa tudo, pra furúnculo também.

Quais as doenças mais frequentes na sua família?

Pressão alta.

Quando o senhor precisa de medico pra onde vai?

Guaraqueçaba.

Sua religião?

Evangélico há 20 anos.

O senhor participava das festas da Ilha?

Não

E o fandango?

Ah, dancei muito...

Carnaval?

Carnaval sempre dancei também.

Como foi seu casamento?

Foi maravilhoso, meu primeiro casamento foi com 27 anos (...) fiquei viúvo

O senhor foi pedir a mão da noiva?

Mas é claro.

O que foi feito, nos últimos anos, para melhorar a vida de vocês?

Olha, a melhora que nós tivemos foi aceitando a graça... frequentando, observando... (...) muito maravilhoso a luz, a água, a coleta do lixo.

O senhor participa da Associação dos Moradores?

Participo.

O senhor participa da reunião?

Não mais, porque eles só gritam e não resolvem nada.

O que o senhor acha do turista estrangeiro que vem aqui?

É muito bom, um casal de alemão mandou um postal da Alemanha. Ficamos amigos. Eles ficaram de voltar. Só o homem fala português. Eu guardei o postal e fiquei muito feliz com a graça de Deus.

Como é o contato com eles, como eles conversam com o senhor?

Tem alguns que sempre tem um guia, outros, por gestos.

Eles pedem para o senhor contar sobre sua cultura?

Perguntam muito... como era, como que é agora.



Figura 38 - Ciro Dias
Fonte: A autora, 2012

Ciro Dias, 55 anos, estudou um ano no Paraná Alfabetizado na Ilha, nasceu em Rio dos Patos, está em Superagüi há 44 anos. Trabalha com camping e é pescador.

Casa com água encanada, esgoto vai para a fossa. O lixo é separado e coletado, porem somente na temporada. Tem energia elétrica, geladeira, TV, celular, computador, antena parabólica, telefone fixo. Usa somente fogão a gás.

Na TV gosta de assistir programas religiosos e jornal.

Compra de casa, roupas e calçados faz em Paranaguá, não compra na Ilha porque é muito caro.

Base de alimentação é o peixe, pouca carne. Pouco come verduras e legumes, pois na Ilha é muito caro.

Que tipo de alimento comia quando era criança e hoje não come mais, além da carne de caça.

Comida caseira: banana, arroz, mandioca, café que a gente plantava, mudou porque agora tem que comprar.

Que carne de caça gostava de comer?

Tamanduá, cateto, tatu...

Usa plantas medicinais?

Não.

Quais as doenças que tem mais na sua família?

Diabete.

Quando fica doente pra onde você vai?

Guaraqueçaba.

E o que você gosta de fazer nas suas horas livres?

Assistindo televisão e vou no culto, só.

Quais os problemas da Ilha que incomodam você?

O que perturba a gente principalmente é a droga, álcool e saúde também.

O que poderia ter aqui para ajudar nos problemas com as drogas?

Polícia.

Há quanto tempo é evangélico?

18 anos.

E antes participava das festas da Ilha?

Participava e bebia.

E do fandango?

Participava pouco, mas só nos Patos... Um dos primos meus que vem toca rebeca aqui.

E carnaval?

Brincava.

Usava máscara?

Não, não gostava de usar, só brincava, dançava...

O senhor é casado há quanto tempo?

Primeiro nós morramos juntos e depois casamos, pra batiza na igreja evangélica... casados há 26 anos

Quantos filhos você tem?

5 filhos.

O que o senhor acha que foi para melhorar a vida das pessoas da Ilha?

Primeiro lugar foi a escola, a luz, o turismo.

O turismo melhorou sua vida?

Melhorou, todo mundo ganha, a gente vende peixe, vende pastel... o turismo ajuda bastante.

O senhor participa da associação dos moradores?

Participo.

Vai às reuniões?

Vou.

O que o senhor acha do turista estrangeiro quando vem aqui no camping?

Vem pouco.

O senhor consegue se comunicar com eles?

A gente se entende.

Com gestos?

Isso...

O que o senhor acha deles?

Ah, eles são bons, traz coisas boas pro lugar.

Eles mostram interesse por sua cultura? Fazem perguntas?

Perguntam... Perguntam sobre a vida, a vivência daqui, se com eles melhora alguma coisa... perguntam sobre o fandango, sobre a cultura...(..)



Figura 39 - Selma Araújo
Fonte: A autora, 2012

Selma Araújo – pilotando o barco Megatrom

Cesar Augusto da Silva Araujo, 39 anos, esposo da Selma, nascido na Ilha, ensino superior, fez Contabilidade. Ensino fundamental na ilha, ensino médio em Guaragueçaba e foi fazer faculdade em Paranaguá. A mãe era professora na Ilha.

Antes era pescador, agora é um comerciante autônomo. Tem uma panificadora, uma pousada, dois barcos de linha, Megatrom I e II, e um barco de pesca, Dom Bento, em homenagem ao sogro.(...)

Em casa tem água encanada, fossa, geladeira, freezer, antena parabólica, telefone fixo, celular, computador, acesso a internet, fogão a gás.

Assiste na TV jornal, novela. Todas as suas compras são feitas em Paranaguá.

Base da sua alimentação peixe, verduras e legumes. Pouca carne vermelha.

(...)

Que tipo de alimento comia quando criança que hoje não come mais?

Peixe seco com banana, pirão de peixe cozido, café com bolinho de trigo, sem fermento, carne de caça: tatu, guati, tateto (porco do mato), sabiá com arroz, passarinho.

(...)

Hospital, você procura mais Paranaguá ou Guaraqueçaba?

Guaraqueçaba.

Quais as doenças mais comuns na Ilha?

Muita diabetes na Ilha e gripe.

Você costume usar plantas medicinais?

Olha, eu sempre via a minha mãe usar muito chá pro meu pai, ele tinha problema de rim, fazia muito quebra pedra... mas hoje não... hoje tem recurso, antes não tinha.

Quando você esta de folga, o que gosta de fazer?

Gosto de ver TV e final de semana ir em baile.

Você dança fandango?

Não, só forró. O fandango se continua assim vai acabar.

Me conta um pouco sobre o fandango.

O fandango é uma dança típica do lugar, isso aí vem de... de.... inclusive o meu ele não pai dançava fandango, ele tinha habito de ir onde tinha os fandango, antigamente não tinha esse negocio de forró, era o fandango e o bailado. Os mais velhos faziam o batido, porque sabiam e o mais novo ficava sentado, só vendo, mas também não tinha interesse de aprende, igual hoje... (...) o meu pai não ia pro fandango ele ia pro bailado.

(...) A comunidade hoje, espera as festas de final de ano pra ir no “AKDOV” pra ir ver o fandango, mas por causa dos turistas, não tem mais o hábito de ir todo fim de semana, eles vão pro forró. Não faz mais parte dos costumes da comunidade. Inclusive se seu Alcides morrer, o fandango morre com ele, porque os turistas vêm e já perguntam por ele.

E o carnaval, você gosta?

“Antigamente era legal porque o ‘Magal’ cantava, batia bumbo, eles se pintavam de trigo e de fuligem... ficavam quatro dias assim lá no AKDOV (...) a noite tinha a máscara pra se disfarçar. Depois tinha a folia de rei, faziam o Judas... agora acabo, faz uns 10 anos...

Mas a máscara continua?

A máscara ainda existe, eles cobrem a mão (...) sacaneiam todo mundo... Brincam com todo mundo... (...)

O que foi feito para melhorar a ávida da comunidade nos últimos 10 anos?

A principal foi luz e água.

Qual a sua opinião sobre o turista estrangeiro?

Ele está interessado na natureza, na paisagem... nas pessoas não.



Figura 40 - Cesarina Maria Malaquias
Fonte: A autora, 2012

Cesarina Maria Malaquias , 55 anos nascida em Barbados. Costuma fazer suas compras de roupas, calçados e de casa em Guaraqueçaba e Paranaguá

Costumam comer peixe e frutos do mar. Pouca carne vermelha.

Plantavam mandioca, arroz, milho, pepino, abóbora, aipim... agora não podem plantar mais.

Usa plantas medicinais: hortelã, capim limão, erva cidreira para pressão alta, guaco para a tosse, sete sangria, ponta Lívio, anador em erva, dipirona, alfavaca para dor de garganta, avenca para tosse, mão de deus, poejo... tem no quintal.

Doenças frequentes na família

Gripe.

Quanto esta muito doente procura o quê?

O posto de saúde, porque aqui não tem mais benzedeira, ela viro evangélica e não pode benzer mais

O que faz quando esta de folga?

Vou pescar pegar ostra, ver as orquídeas no mato, pegar mudas.

Há algum problema aqui em Babados?

Não.

Qual a sua religião?

Católica.

E as festas religiosas?

8 de dezembro, Nossa Senhora da Conceição.

Como comemoram?

Fazem a novena e no dia 8 o padre faz a procissão, depois tem bingo.

E a festa dos outros santos?

Aqui não tem, mas têm nas outras ilhas e a gente vai.

E o fandango?

Aqui não tem mais.

E o carnaval?

Todo ano tem baile de carnaval, aqui.

Usa máscara?

Uso.

Você sabe por que usam a máscara de monstro?

Não sei...

Registro das crianças

Em Guaraqueçaba

Como foi seu casamento?

A gente se preparava aqui e ia casa lá em Guaraqueçaba.

Quem fez seu vestido?

Foi alugado em Guaraqueçaba.

E os convidados?

Nos barcos atrás.

Quantos anos faz que é casada?

Casei com 17 anos

E quando acontece algum falecimento?

Faz o velório na igreja e depois enterra em Guaraqueçaba ou Superagüi.

O cortejo segue de barco?

Sim.

Como você contribui para a Associação de moradores?

Da reunião e paga a mensalidade de 5,00 todo mês.

Qual sua impressão do turista estrangeiro?

Eu acho bom, mas a gente não entende o que eles falam. Mas ele traz alguém pra fala com a gente. Eles são muito alegres.

Como você consegue se comunicar com o turista?

Gestos e intérprete.

Eles mostram interesse pela sua cultura? Como você consegue perceber?

Porque eles fazem com gestos que está bom. A gente ensina eles a comer caranguejo...

O que gostaria que mudasse?

Pra mim está bom, só gostaria que viesse a luz.

Como você monta o cardápio?

É o mesmo que a gente come em casa.

Como sabe que eles gostaram?

Eles dizem que está bom, voltam e traz mais gente.

E as tuas erva, você dá remédio para as pessoas que estão na Ilha?

Eu não dou, mas, eu às vezes ensino, indico as erva pra eles fazer, quando está com muita tosse a gente fala assim: pega o guaco, cozinha...

Você tem o conhecimento da medicina natural...

Sim. Cozinha ele, põe um pouco de mel, ferve, esfria, cõa e toma... e dai faz proveito, passa a tosse ou senão avenca também

E você ensina pra todo mundo aqui?

Sim. A gente espreme um limão, pode ser galego, desse outro branco, a gente corta o limão espreme no copo aí põe umas duas colheres de mel, bate bem, toma e tira a tosse na hora.

Você acha que é o que na Ilha, a mulher que conhece ervas, a mulher que cura...

(Riso)s eu acho bom, . ajudar as pessoas

Você é uma pessoa que cura?

Pois é... não sei...



Figura 41 - Antonio Lopes
Fonte: A autora, 2012

Antonio Lopes, 67 anos, nascido em Barbados, pescador aposentado. Hoje trabalha com turismo. Todo ano paga uma taxa de sessenta e nove reais para Prefeitura para trabalhar com o turismo comunitário de Barbados. Casa com água encanada da mina, da cachoeira, com dois banheiros. O lixo: a casca da ostra, do marisco, do camarão joga no criadouro onde cultiva a ostra. Esgoto tem fossa. O lixo de casa queima, pois não tem coleta. Energia elétrica só de gerador. Tem televisão, antena parabólica, freezer, celular, telefone fixo, rádio amador. Não tem computador e internet. Não tem telefone público na região. Tem fogão a gás e a lenha. Pega a lenha seca no mato, pois não pode cortar. Assiste mais o jornal da TV. As compras de casa, roupas e calçados faz em Guaraqueçaba. Onde mora não tem comércio local.

Alimentação da família é mais peixe, verduras e legumes não. Não tem horta. Não come congelado e nem carne de caça.

O senhor tem hospedagem ou é só alimentação?

Só alimentação... a gente serve só frutos do mar... vendemos refrigerantes...
cervejas

Quais os hábitos alimentares que aprendeu com seus pais e não tem mais?

Carne de caça.

Alguma outra coisa?

Farinha de mandioca daqui, biju.

O senhor usa plantas medicinais?

Quase tudo remédio é da planta, cambará branco... erva sete sangria...

O senhor colhe de seu quintal?

Sim.

O senhor aprendeu a usar essas plantas com quem?

Com a minha mãe.

E as doenças mais comuns na sua família?

A gripe.

E quando vocês ficam doentes, o que costumam fazer?

Procuramos uma benzedeira, as plantas...

O que o senhor costuma fazer nas horas livres?

Vou à igreja.

O senhor gosta de ler?

Não.

Bar aqui é só o seu?

Sim.

O senhor acha que tem algum problema grave aqui, onde o senhor mora?

Não, aqui não tem nada.

Aqui não tem problema...

Não.

E desemprego?

É só pesca, não tem desemprego... é só ter vontade de trabalhar.

Sua religião?

Católica.

Tem alguma festa local?

Têm, 8 de dezembro a festa de Nossa Senhora Conceição, São João, São Pedro, tem fogueira...

Vem bastante gente de fora?

Vem.

Vocês fazem o quê?

Fogueira, terço, quentão...

Quem reza o terço?

A filha. Ela é professora. A Rosália.

O padre vem aqui?

Uma vez por mês.

Nestas festas tem baile?

Tem baile. Nós se junta... cada um bate uma coisa.

Os próprios moradores é que animam o baile?

É.

E o fandango, tem?

Fandango, antigamente tinha muito fandango, agora tem que falar com os tocadores que vêm pra tocar, porque os que moravam aqui foram pra Superagüi. A pesca dava muito pouco, então eles foram pra lá, porque eles trabalhavam com lavoura, e virou Parque e eles tiveram que sair daqui.

Mas o senhor gosta de fandango? O senhor dança...

Gosto, mas só pra ver.

E carnaval, o senhor participa?

Participo, gosto.

O senhor se veste de monstro?

Não, hoje em dia...

Antigamente sim.

Sim.

E por que as pessoas se vestiam de monstro?

Coisa antiga, todo mundo fazia, agora a gente só vê na televisão

Agora não tem mais o baile como era antes?

Não, são poucas pessoas.

Como são feitos os registros das crianças daqui?

Em Guaraqueçaba.

E os casamentos? Como foi o seu casamento?

Em Guaraqueçaba.

E os convidados, vão todos de barco? A noiva vai arrumada daqui ou se arruma lá?

Hoje se arruma lá.

Antigamente já ia pronta daqui?

Sim.

E quando morre alguém, onde é feito o velório?

Na igreja.

E enterra onde?

Em Guaraqueçaba, muito pouco em Superagüi

Alguma coisa foi feita para melhorar a vida dos moradores ultimamente?

Nada.

Vocês têm uma associação de moradores?

Sim.

Você contribui para essa associação?

Claro, ela só funciona há 2 anos.

Com relação ao turista, qual sua impressão do turista estrangeiro?

Não tem o que fala.

E como o senhor vê o jeito que ele se veste, o jeito que ele fala, o que o senhor acha? Acha esquisito, acha normal...

Eu... eu... não conheço a língua deles, eu fico quieto, mas só que vem uma pessoa que fala com eles.

Sempre tem um intérprete que vem junto com o estrangeiro?

Sim

O que o senhor acha deles?

Normal.

O convívio é pouco... o turista chega, almoça, visita e vai embora?

Sim.

O senhor acha que eles mostram interesse pela sua cultura? Ou só estão interessados na paisagem?

Olha... isso aí, eles se interessam muito também. Acham muito bom a Reserva... a comida... os frutos do mar. Gosto de puxar papo com eles, mostra a coisa que a gente tem aqui...

O senhor tem orgulho de mostrar a sua cultura?

Tenho

Foi o senhor que se interessou em trabalhar com o turismo, já que não podia mais plantar?

Foi exatamente

O senhor é descendente do Michaud?

Sou.

O senhor se orgulha disso?

Sim

Quantas gerações depois dele?

A minha mãe era filha do Michaud.

O senhor tem alguma pintura dele?

Eu tinha do meu avô, Eduardo Michaud.

Não tem mais o quadro?

Não tem, estragou com o tempo.

Vocês querem montar uma casa com as coisas dele?

É... Pra apresenta pro turista.

O que o senhor gostaria que as autoridades fizessem por vocês?

Está bom. Se arrumar tira.....

A essência?

Sim, do lugar.... Só arrumar o que tem... Está bom assim.... Se vier luz está bom... Se não vier está bom também...



Figura 42 - Amélia da Costa Silva
Fonte: A autora, 2012

Amélia da Costa Silva, 71 anos nasceu em Bertioga, ensino fundamental incompleto na Ilha. Era parteira da Vila, dona de casa, pensionista. Tem água encanada que vem da mina, esgoto na fossa, casa com banheiro. O lixo que pode é queimado, o restante enterra para fazer adubo. Casa sem energia elétrica tem placa,

mas está quebrada. Não tem eletroeletrônicos, telefone fixo, celular. Não há telefone público próximo. Utiliza fogão a gás e a lenha, pegando esta no mato. Não tem rádio. Faz suas compras de casa, roupas e calçados em Guaraqueçaba. Alimenta-se mais de arroz, feijão, carne, ensopado.

O que a senhora comia antes que deixou de comer?

A gente comia quando era criança... Que era tudo da roça, batata, cará, aipim...

Plantava na roça... Agora não pode plantar mais...

Era difícil comprar. Tinha melancia, tinha morango... Era difícil comprar.

Carne de caça, também?

Carne de caça.

Agora não pode mais...

Não, também não têm. Não existe mais.

A senhora usa plantas medicinais?

Eu uso pra fazer chá, a gente tem aí...

Quais as que a senhora usa?

Eu uso a folha da laranja mimosa, hortelã, erva doce, erva cidreira, quebra pedra, folha de abacate, folha de anis também...

A senhora colhe tudo em seu quintal?

Sim, tudo no quintal.

Com quem a senhora aprendeu?

Quais as doenças que tem aqui: gripe, pressão, diabete...

Eu tenho diabete.

E quando precisa a senhora procura o posto, o hospital de Guaraqueçaba, benzedeira...

O hospital ou, faço um chá...

O que a senhora faz nos momentos de lazer?

Eu gosto de costurar, costuro, faço crochê e lidar com as minhas flores

A senhora vai à mata e traz pra mais perto de casa?

Sim, também vou trazendo de Guaraqueçaba e Superagüi... Onde tem vou trazendo...

A senhora acha que tem algum problema aqui em Barbados? Poluição de rios, desemprego, alcoolismo, posto de saúde, ou não tem problema nenhum?

Tem problema de falta posto de saúde.

A senhora tem religião?

Eu tenho, sou católica.

A senhora costuma participar de festas comemorativas?

Só as festa da igreja, Nossa Senhora da Conceição, Santo Antonio...

E do fandango, a senhora gosta?

Eu gostava. Dancei muito fandango, quando era mais nova...agora não...

Carnaval, a senhora gosta?

Não, nunca gostei.

O que a senhora acha do turista estrangeiro?

Eu acho bom, ele é divertido, alegre mais o lugar, eu gosto.

Eles perguntam sobre a cultura?

É, pergunta.

Eles mostram respeito pela cultura?

Mostra... Mostra.

E como parteira, o que a senhora tem pra me conta?

Acho que andei fazendo parto de uns cinquenta, mais ou menos

E a senhora ficou triste em algum deles?

Não, foi só o da Rosalia que faleceu. Foi só. Ah, e do... da sobrinha também, mas esse já nasceu morto.



Figura 43 - Pedro Michaud Miranda
Fonte: A autora, 2012

Pedro Michaud Miranda, 78, ensino fundamental incompleto na Ilha, pescador aposentado e fandangueiro. Aprendeu a tocar por força de vontade, apenas observando outros tocarem. Nascido na Ilha. Casa com água encanada da mina e também tem poço artesiano, fossa, lixo coletado. Comiam Caldeirada de peixe, biju de cuscuz com farinha de mandioca torrada, nós tinha plantação de aipim, melancia, abóbora...

O senhor usa plantas medicinais?

É difícil... é difícil encontrar planta medicinal por aqui... a gente compra as vezes os pacotinho, a minha mãe tinha tudo no quintal... às vezes ainda a gente toma chá de folha de laranja que é pra pressão.

Quando o senhor fica doente, aonde o senhor vai?

Quando é uma coisa mais grave a gente vai pra Guaraqueçaba que é mais perto.

O senhor antigamente procurava benzedeira?

Tinha costume antigamente.

E nas suas horas livre, o que o senhor gosta de fazer?

Conversar com os amigos, andar na praia, gosto de ver o sol.

O senhor acha que tem algum problema grave na Ilha?

Alcoolismo...

O senhor tem religião?

Eu sou católico.

O senhor participa das festas locais?

É difícil, eu não sou muito chegado a festa... a única festa que eu era chegado era de São Pedro, Santo Antonio, São João, a gente fazia a fogueira, o quentão, a queimada, o licor.

Como começou o fandango?

Como foi que começou a gente não sabe, quando eu tinha 17 anos já tinha o fandango, a viola... foi coisa antiga, uma coisa passando de o pai passando pro filho pro neto... E hoje em dia é difícil, eles não quer aprender.

O senhor não conseguiu ensinar um dos seus filhos ou netos?

Eles não querem, só querem saber de forró.

O senhor toca viola?

Toco viola

O senhor compõe música também?

A senhora sabe que aqueles versos que a gente canta é tudo composto... Nós já temos tudo na mente o que nós vamos cantar, o verso trocado, a música...

E como vocês se dividem, um escreve e o outro vai dando palpite?

Não, não... aquilo ali é um dom mesmo

É um dom que vai surgindo assim? Vocês não têm uma letra pronta?

Não temos aquilo ali... quando nós vamos cantar nós sabemos o que vamos cantar.. é estudo.

Eu achei que vocês tinham uma música decorada.

Não... aquilo ali é um dom de Deus.

Vai surgindo na hora?

Vai surgindo na hora, é... cada violeiro que toca ali... Ele já sabe na mente o que vai cantar... O verso que vai cantar a música... dá quatro ou cinco versos e já tem que dá o final da música.

Mas se vocês forem cantar na semana seguinte muda alguma coisa na música, ou não?

Não muda... a mesma coisa...

Então essa letra, essa composição já está escrita.

Já está tudo decorado, aquelas músicas ali são tudo pesquisa que nós fizemos... é moda, tem o bailado, tem o batido do tamanco. A gente dois homens e duas mulheres pra fazer a roda.

E esses versos significam o quê? Eles fazem uma homenagem a colheita, ao dia a dia...

Não... O nosso fandango que nós tocamos aquilo ali só tem que tem aquele verso ali...

Fala uns versos pra mim.

“eu quero ver minha viola

dentro do meu coração

Porque é ela que me apoia

Na minha vadiação”.

É sempre trovado?

Sim.

“minha viola nova

.... de canela

Ela chora no meu braço

Eu choro no braço dela

São todos versos rimados?

Sim.

Mas conta uma historia de vocês do dia a dia?

Quando nós vamos tocar o fandango ali, nós ficamos alegres, a gente se lembra dos tempos passado, da mãe, dos pais da gente. E quando a gente ai tocar ali a gente esquece da coisa de mal, a gente vai toca e esquece tudo...

Qual a diferença dos grupos de fandango, por exemplo, de vocês e o grupo de Cananeia?

É diferente, o jeito de tocar, o bailado. O nosso é bailado e batido.

E sobre o carnaval?

Nós tocamos no carnaval também, eu brinco tocando e dançando também.

O senhor acha que foi feita alguma coisa aqui na Ilha para melhorar a vida de vocês?

Muito... o trapiche, a luz, o posto de saúde, muitas pousada, padaria...

O senhor participa da associação dos moradores?

Sim.

Participa das reuniões?

Sim.

O senhor tem algum contato com turista estrangeiro?

Bastante.

O senhor conversa com eles?

Muito... (...) a gente conversa por gesto... teve uma turista alemã que chegou pra mim e me chamou pelo nome (...)

A gente recebe convite pra tocar... a gente foi tocar num museu de Curitiba, em Faxinal do Céu



Figura 44 - Luiza Cardoso Correa
Fonte: A autora, 2012

O que gosta de estudar? Que curso você está fazendo?

Curso de apicultura

E mais tarde pretende estudar inglês?

Eu pretendo.

Pra se comunicar com o turista estrangeiro?

Sim.



Figura 45 - Jordalino Euzébio Pires e Alina Correia Pires
Fonte: A autora, 2012

Alina Correia Pires, 61 anos nascida na Ilha, ensino fundamental incompleto no colégio da Ilha, era pescadora, hoje é comerciante aposentada. Tem uma mercearia que atende turistas e moradores. Em casa tem água encanada que vem da mina, da cachoeira, o esgoto vai pra fossa. O lixo é coletado. Tem energia elétrica, geladeira, televisão antena parabólica, freezer, telefone fixo. Não tem celular nem computador. A família também usa o telefone público, que funciona pouco. Às vezes ele não está funcionando. Usa fogão a gás. Assiste a pouca televisão. Quando assiste TV vê jornal e programas religiosos. As compras de casa e da mercearia fazem em Paranaguá, bem como de roupas e calçados.

Qual a base da alimentação da família no dia a dia?

É variado. Uma vez é peixe, outra vez é carne.

Mas a base é peixe?

Peixe.

Peixe, arroz, feijão. Legumes? Só comprando em Paranaguá?

Não é que nós temos aqui... daí a gente...

Você compra pra revender e usa em casa também?

Sim

Carne vermelha?

Sim

Frango?

Sim

Quando você morava com sua mãe ou sua avó teve um prato que vocês comiam antes e não comem mais? Deixaram de fazer?

Tem. Carne de caça, arroz e feijão eram da roça, a galinha também do quintal, carne de porco também que é que o meu criava.

E deixou de comer por quê? Por que o IBAMA proibiu?

Não. É porque hoje em dia a coisa mudou.

Vocês não podem mais ter roça e não podem mais caçar?

Não

E o peixe defumado, você comia?

Comia. Peixe seco é porque não tinha luz. não tinha freezer, geladeira, era só seco mesmo.

E agora não come mais porque tem luz e tem geladeira? Mudou o hábito?

É que a gente fica mais preguiçosa. Não faz mais fogo.

Você usa plantas medicinais?

Tenho

Você costuma usar na sua família, fazer chá? Quais os que você mais usa?

Mais usado é hortelã, e eu preparo remédio... assim... pra fazer purgante...

Você mesma prepara?

Preparo.

Você tem conhecimento, então de medicina natural?

Tenho.

Pra fazer purgante, o que você usa?

Eu junto maná, sene flor de rosa... hortelã, uma folhinha de sabugueira, um galhinho de miracilina.

E você junta tudo em uma garrafa?

Não, eu abafo no fogo. Faço vários chás, vários remédios.

E você tem tudo isso no seu quintal?

Tenho.

Você aprendeu com a sua família?

Com a minha mãe.

Na tua família, quais as doenças mais comuns? Diabetes, hipertensão... ou não tem doença nenhuma? Gripe...

Tem... eu tenho diabetes pela minha mãe.

E quando você fica doente procura o posto daqui, vai para Paranaguá Guaraqueçaba, benzedeira...

Eu procuro o postinho aqui e Guaraqueçaba também

Depois que você virou evangélica não foi mais em benzedeira?

Nunca fui. Minha mãe era parteira, minha avó, depois passou pra mim, também faço parto.

Você é parteira da Vila?

Sou

Quantos partos você fez? Lembra?

Eu sozinha mesmo, fiz quarenta e cinco. E com a minha mãe fiz muito, nem lembro mais.

E você não tem medo de fazer parto? Fica bem tranquila?

Eu fico bem tranquila, mas é um momento muito difícil pra gente.

É um momento crucial de muita tensão.

É, muita tensão da gente manter muito a calma naquela hora...

É um momento muito importante pra mãe, pra criança, pra família toda, pra você também, porque você está ali para ajudar...

É, é mãe e criança, são duas vidas. Daí quando a criança nasce que chora...

A gente chora junto, chora de emoção, porque a gente salvou aquela vida, aquela agonia passou, a gente fica tranquila.

E essas crianças, falam com você depois?

Me chamam de avó

Elas têm uma ligação diferente com você. Porque no dia seguinte você vai, dá uma assistência pra mãe, pra criança.. Você ensina a mãe a cuidar da criança?

Ensino. Só que hoje em dia já mudou bastante porque faz o pré-natal em Guaraqueçaba, já marca o dia, daí quando ele sente, eles já vão pra lá. Porque lá tem mais recurso pra mãe, pro bebe. Mas eu acompanho muito, eles me chamam daí eu saio qualquer hora pra ir junto.

E você fica junto da mãe?

Sim, fico lá.

Se acontecer no caminho você está lá pra ajudar.

Já segurei no caminho... duas crianças. Dai só chega no hospital pra cuidar da mãe, da criança ... essas coisas.

Mas nem precisaria ir até lá...

Não (risos)

Interessante, a mãe sente as dores e vai pra Guaraqueçaba, mas leva você junto pra garantir, por que a viagem é longa.

É, é fora de hora, de noite... nem que chova nem que vente, nem que coisa assim... eu estou junto.

Você sai junto, não importa o tempo. Você vai ajudar?

Vou ajudar.

Me conte algo interessante... os que nasceram no barco foram meninas ou meninos?

Um casal. O menino era da minha filha, nasceu bem na ida pra Guaraqueçaba, o da vizinha nasceu bem na beira da rampa, assim que a ambulância chegou, pegamos tudo, botemos na ambulância foi pro hospital.

E você cortou o umbigo antes?

Não. Nasceu, embrulhei a criança e já foi junto.

Você entregou pro medico da ambulância.

Sim. O da minha filha faleceu, porque ele não era do tempo mesmo, nasceu doente e veio a falecer.

Nasceu vivo e chegou vivo no hospital?

É, porque não tinha idade, nasceu antes do tempo... agora, o da vizinha está mocinho já.

É um dom de Deus, você tem esse dom para ajudar as pessoas...

É, e nunca cobre nada, às vezes eles vêm, aí: quando que eu lhe devo, você foi sofreu... Eu digo não, isso í não tem dinheiro que pague isso é coisa meu Deus me deu esse caminho, esse dom, isso é meu, não consigo cobrar as dores da mulher. Também já passei por isso, já sabe como é que é, coisa sem preço.

Você tem algum horário de folga?

Tenho

E o que faz nesses horários?

Eu faço muito crochê, cuido da minha casa e vou fazer uma pescariazinha

Pescar por lazer

Sim. Aqui em Superagüi tem problemas de desemprego, de alcoolismo, de drogas que te incomoda? Que você acha que os jovens estão sofrendo?

Drogas?

Sim

Alcoolismo?

Sim.

O que você acha que poderia ser feito quanto a isso?

Isso aí é uma coisa que não tem recurso, acontece em qualquer parte, mas se tivesse policial que cuidasse de nós eu acho que seria muito bom.

Faltam policiais... Seria uma parte da solução.

Seria uma parte da solução, porque daí não teria tanto assim... como trazem... ficaria mais difícil.

Você tem religião?

Eu sou evangélica.

Há quanto tempo você é evangélica?

20 anos.

E antes de ser evangélica, participava das festas locais? A festa dos pescadores, dos santos...

Participava.

Agora não pode mais

Não.

E do fandango?

Do fandango eu participava também.

Gostava de dançar?

Gostava.

Depois não pode mais?

Depois eu não quis mais. (ênfase no verbo)

Por que você não quis mais?

Porque dai fiquei evangélica e não quis mais... meus filhos cresceram, ficaram moço daí eu achei assim... que... tinham vergonha dos meus filhos... já de ir lá dançar, fica no meio... meus... tudo moço... daí não...

Você não ficava a vontade.

Não

Carnaval. Você brincava também?

Brincava.

Colocava mascara?

Não (risos)

Mas gostava...

Gostava, era divertido... ia no baile, dançava...

Não se fantasiava.

Não.

Você é casada há quanto tempo?

42 anos.

Como foi seu casamento... ele pediu sua mão... falou com seu pai ou foram só morar juntos?

Não, meu casamento foi uma coisa rápida assim... a gente se conheceu pouco tempo... depois a gente aprontou, (risos) e daí a gente viveu junto e está fazendo 42 anos. Logo em seguida nós casamos... (risos)

Nos últimos anos, foi feito algo na Ilha para melhorar a vida de vocês?

O quê?

A água encanada, a luz elétrica, postinho de saúde, médico que vem uma vez por mês e dentista também, uma vez por mês...

Você participa da associação dos moradores?

Participo, sou sócia também

Vai às reuniões?

Vou

Dá seus palpites?

As vezes dou

Quando você vê o turista estrangeiro, o que você acha deles? Meio estranhos, não consegue entendê-los?

É eu não consigo entende, só por sinal, porque a gente não tem...

Mas consegue se comunicar por sinais?

Sim

Eles conseguem comprar na sua mercearia?

Compram

E o que você pensa deles? Eles respeitam a sua cultura ou não respeitam?

Eles respeitam

Você nunca teve algum aborrecimento com eles, no sentido de eles não respeitarem vocês, as moças daqui?

Que eu percebesse, não

Tentam conversar com você sobre a sua cultura?

Ah, já tive várias entrevista

Então você é famosa... Já apareceu na televisão?

Já (risos)

Você gostaria de receber mais turistas estrangeiros ou brasileiros? Ou tanto faz?

Tanto faz

Quem cuida mais do ambiente: os estrangeiros ou brasileiros?

Eles são iguais. Catam o que eles sujam... cuidam do ambiente.



Figura 46 - Camila Muniz Correia Squenine
Fonte: A autora, 2012

Camila Muniz Correia Squenine, 21, nascida na Ilha, ensino fundamental na Ilha. Dona de casa, diarista nas pousadas. Foi morar com o companheiro e depois de 5 meses se casaram no civil. Não casaram na igreja, mas pretendem. Casa com água encanada da mina, o lixo é queimado, enterra alguma coisa, o esgoto vai para fossa. Energia elétrica em casa é um 'rabicho', do vizinho. Tem TV e antena parabólica. Não tem geladeira pra não gastar muito a luz do vizinho. Faz uso

do telefone da sogra. Usa fogão a gás. Assiste mais desenho na TV. Compras de casa, roupas e calçados faz em Paranaguá. O preço é muito caro na Ilha.

Alimentação de casa: peixe, arroz, feijão, verduras

Sua família desempenha alguma atividade com o turismo?

Não.

Seu marido é artesão?

Sim.

Vende para os turistas...

Vende.

Tem algum alimento que você comia antes e que hoje não come mais?

Biju, cuscuz, peixe defumado com banana.

Você usa plantas medicinais? Quais?

Uso. Erva doce, boldo, hortelã, alevante... tem no quintal, aprendi com a minha família.

Qual a doença mais comum na sua família?

Hipertensão.

E quando vocês ficam doentes, o que costumam procurar?

Guaragueçaba.

O que você costuma fazer nas horas vagas?

Brincando com o filho, passeio com o filho, vou mais à praia, andando de bicicleta, caça palavra.

Que tipo de problema você acha que tem na Ilha?

Muito alcoolismo, droga...

O que você acha que poderia mudar isso?

Um projeto, alguma coisa... acho que é... diálogo com os pais...

Você tem religião?

Tenho, sou evangélica.

Você participa das festas locais?

Algumas... que tem na escola, quadrilha, igreja (igreja que frequenta)

As festas de Santos, você participa?

Não, eu sempre fui da Assembleia, daí...

E do fandango?

Não, não sei nem como é que é a dança, nunca vi...

E do carnaval?

Carnaval não também... a nossa igreja não permite...

Nos últimos 10 anos o que foi feito na Ilha para melhoria dos moradores?

Ah, bastante coisa, o telecentro (educação a distancia), barracão do lixo, aumentou as salas de aula, as pontes na vila, luz, água encanada...

Você participa da Associação dos Moradores?

Não, mas sou sócia.

Você já teve algum contato com turista estrangeiro?

Já, já foram na minha casa.

Você consegue se comunicar com eles?

Eu não, não entendo nada que eles falam, só meu marido

Ele fala inglês?

Fala um pouco, só.

Mas o que você pensa do turista estrangeiro?

Eu nunca tive problema com eles... (...) são pessoas legais

Você acha que eles mostram interesse pela sua cultura?

Muito, querem saber das pessoas, dos bichos, a cultura da Ilha

OBS

Apesar dos avós, pai e avô do marido, serem fandangueiros, ela nunca viu a dança. Tem o CD em casa por causa do marido.



Figura 47 - Marcel Muniz Squenine
Fonte: A autora, 2012

Marcel Muniz Squenine, 26, terminou o ensino médio na Ilha, é pescador e também artista: desenha e pinta, artesão. É bisneto de Michaud. Nativo da Ilha.

Assiste jornal na TV.

Que tipo de comida comia antes e que hoje não come mais?

Caça.

Você tem religião?

Tenho, sou protestante.

Você participe das festas locais?

Não participo.

Você já dançou fandango?

Já.

Gosta?

Acho muito legal, muito interessante, gosto mesmo... interessante, na verdade abrange tudo: interessante, legal, bonita... envolve a nossa cultura... eu não quero que acabe nunca... eu acho muito bonito

Você é descendente de dois mestres fandanguheiros... e você gostou?

Olha... eu arranhei... uma viola. Já toquei uma rabeca...

E você pretende ensinar pro seu filho?

Olha, vai depender se ele se interessar... eu não posso obrigar ele a nada...

E você gosta de carnaval?

Não posso dizer que gosto... por que daí já entra a religião (...) mas também entro em contradição porque entra o turismo também...

Você já usou máscara?

Nossa.... no meu tempo de infância... essa época já tava se preparando já... quando terminava o carnaval chorava, chorava...

Você fazia sua máscara ou comprava?

Eu fazia de papelão

(...)

O que foi feito nos últimos anos para melhorar a vida da comunidade?

O trapiche, o IBAMA pelo fato de proibir a entrada de construção de casas de outras pessoas, a luz, as pontes de alvenaria, a água...

Você participa da associação de moradores?

Sim, vou de vez em quando as reuniões.

Qual a sua impressão do turista estrangeiro?

Eles se interessam tanto pela natureza quanto pela cultura, já levei em Barbado pra ver a casa da farinha, que é cultura.

Você fala inglês?

Dá pro gasto... não é fluente, mas o básico

Quais os problemas que você percebe na Ilha?

As drogas, a falta de polícia... salva-vidas



Figura 48 - Alcides Ribeiro Rodrigues
Fonte: A autora, 2012

Alcides, 95, estudou um pouco em Barbados, chegou em Superagüi com 24 anos. Trabalhava na lavoura e era pescador. Viúvo há 40 anos.

Como as pessoas se organizavam para fazer o mutirão e depois fazer o fandango?

Quando tinha a roça pronta, a gente comprava o mantimento pro dia do serviço e convidava num sábado pro no outro sábado fazer o serviço.

E iam todos os vizinhos?

Iam de 20 a 30 pessoas... (...) conforme o tamanho da roça demorava pra acabar, de noite o fandango

E como era o fandango?

A gente se reunia pra dançar o batido e o bailado

O senhor sabe de onde surgiu o fandango?

Eu me lembro de que quando eu tinha a idade de 12 anos eu ia com meu pai e minha mãe no fandango. Então ficava sentado no banco olhando, aí eu disse assim pro meu pai: “papai, mas eu vou experimentar de dançar ver se eu sei dança” ele disse “se vai tirar a moça pra dançar e vai erra ainda” eu disse “se errar eu saio” que nada... desde que comecei dançar, dancei...

O senhor conseguiu ensinar para os seus filhos e seus netos?

Eles mesmos aprenderam por conta própria, porque eles viam as pessoas dançando.

E como é sua vida agora?

Minha vida é mais ou menos, aposentado, vivendo, uma vida mais tranquila.

E quando tem bastante turista o senhor gosta de dançar?

Gosto.

O que o senhor gostaria de ter para ter uma vida melhor?

Saúde.

O que o senhor acha dos turistas que vem aqui?

Muito bom, eles vêm, passeiam, conversam com a gente, são alegres...

O senhor consegue conversar com o turista estrangeiro?

A gente conversa, porque ele vem falar com a gente.

O senhor acha que os turistas estrangeiros respeitam sua cultura, gostam do fandango?

Eles vêm perguntar se não tem o fandango, como que é, se a gente vai dançar.



Figura 49 - Claudiceia Alves Michaud
Fonte: A autora, 2012

Claudiceia Alves Michaud, ensino fundamental incompleto na Ilha, nascida na Ilha, é pescadora e trabalha com turismo por meio de um camping de sua

propriedade. Tem água encanada e fossa na casa. O lixo é coletado o ano todo, queima apenas papel de banheiro. Tem geladeira, televisão, celular. Usa o telefone público. Tem fogão a lenha e a lenha, pega a lenha do mato. Ouve rádio e assiste TV. Vê as novelas. Costumam fazer as compras de casa, roupas e calçados em Paranaguá. Não compra na Ilha porque é muito caro. Base da alimentação: legumes, verduras e peixe.



Figura 50 - Rosa dos Santos
Fonte: A autora, 2012

Rosa dos Santos, 75 anos, veio de Guaraqueçaba. Faz cinquenta anos que mora na Ilha. Veio acompanhando o marido com dois filhos pequenos.

Mora a 10 km da vila de Superagüi. Só vai para a Vila quando precisa. Onde mora era uma fazenda, tinha uma grande lavoura, depois se perdeu, pois o marido ficou doente. Hoje vive da aposentaria e da ajuda dos que vão visitá-la.

A senhora usava chás para cuidar de seus filhos quando ficavam doentes?

Não, porque... a gente compra remédio, eu tenho medo de usar ervas, porque a gente não conhece

A senhora recebe turista estrangeiro aqui?

De toda parte.

E como a senhora se comunica com eles?

Eles trazem outra pessoa

E a senhora acha que eles gostam daqui?

Eles gostam, porque eles nem querem sair daqui...

E a senhora, gosta deles também?

Ah, eu gosto, quando ele sai a agente sente falta deles...

Acabam ficando amigos.

É, o pessoal de Curitiba mesmo não mais turista, são amigo.

Dona Rosa, me conta um pouco da sua história.

(...) quando nós chegamos pra cá, aqui .. hoje está bonito, mas quando nós chegamos era só mato... e a nossa casa aqui era uma lona de caminhão, que nós não tinha casa (...) e ficamos no meio do mato... ai começamos a trabalhar (...) começamos a pegar madeira na praia pra construir nossa casa e o teto era de palha (...) aí a coisa foi melhorando (...) a gente trabalhava bastante.. na pesca, na lavoura...

A senhora tem energia elétrica aqui?

Não, tem uma placa solar.

E a água?

A água é da bomba, tem bomba elétrica e bomba de poço.

Os turistas vêm e fazem alguma coisa pra ajudar a senhora?

Fazem essa casa aqui foram eles que fizeram pra mim. (...) eles me tratam como mãe.

E o que a senhora comia antigamente que hoje a senhora não come mais?

Carne de caça, porque podia caçar peixe seco com banana

A senhora gosta do fandango?

Não

A senhora tem rádio?

Sim

O que a senhora gosta de ouvir?

Uma música de vez em quando, escutar um hino.

Há quanto tempo a senhora é evangélica?

Sete anos.



Figura 51 - Jair da Silva Araujo
Fonte: A autora, 2012

Jair da Silva Araujo, professor, concursado pelo município, ministra aulas de 1^a.a 4a. série e também passou no concurso do Estado e é secretário da escola. Estudou na Ilha até o ensino fundamental e depois em Guaraqueçaba, onde fez magistério. Começou a fazer a faculdade e trancou. Trabalha manhã, tarde e noite no colégio.

O que você acha dos problemas de Superagüi, o que está incomodando?

Drogas.

E o que deveria ser feito para evitar este tipo de coisa?

Nós como professores falamos sobre essas coisas com as crianças, mas falta uma assistência para a família.(...) nós somos onze irmãos (...) nosso pai ensinava nós a fazermos as coisas, não deixava a gente sem fazer nada. Ensinava a gente a remendar rede. (...) ele era um pai muito exemplar.

Você participa das festas tradicionais da Ilha?

Participo de todas as festas, faz uns dois ou três anos que não venho participando muito porque ando muito cansado e eu vou pro sítio. Mas eu participava

mais Natal, a gente fazia um presépio vivo e na páscoa, nós tínhamos um grupo que se chamava 'os caiçaras travessos' que a gente representava a 'Paixão de Cristo', terminava o carnaval e a gente já começava a ensaiar. O grupo Lanteri doava todo o figurino pra gente, os figurinos antigos que eles não usavam mais.

E agora não tem mais?

Olha, eu fui embora, me separei e... Ficou na casa da minha ex-mulher.

E você saía no carnaval?

Não, não gosto muito, mas meu filho gosta, gosta de usar máscara

Você se lembra se tinha alguma coisa que comia quando era criança que hoje não come mais?

Olha, até agora não... a gente quando era criança... continua hoje. Agora nossos filhos não... se colocar lá um peixe seco com banana ele não come, eu como. (...)

No que você acha do turista estrangeiro?

O turista estrangeiro vem pela natureza, são pessoas que viajam o mundo todo e querem conhecer outros lugares. (...) eles vêm na internet e querem conhecer...

Logo que a gente terminou a 4^a.série meu pai mandou a gente estudar fora. Meu irmão saiu e fez contabilidade e depois voltou. Comprou um barco de pesca e depois pensou em fazer frete, porque já estava começando a vir turista pra cá. Hoje ele tem dois barcos de frete, uma padaria e uma pousada.

Os pescadores são muito desunidos, eles são unidos na parte de ajudar um ao outro a empurrar o barco, acudir alguém no mar, nesse ponto sim, mas na parte econômica não conseguem se unir, pra estocar peixe pra vender quando não tiver pesca...

Está escrevendo um livro sobre a vida do pescador, conseguiu recuperar o hino do pescador. Ele diz ser difícil preservar a cultura da Ilha sem interferência das de fora, pois as pessoas vão muito a Paranaguá e se deixam influenciar.

Comecei a trabalhar no colégio em 92, peguei um grupo de alunos de 4ª.série para resgatar o fandango (...) ele adormeceu e depois voltou novamente (...) hoje em dia a cultura está se dispersando por diversas maneiras. Um pela religiosidade, outro pela vida ambiental. Ele não sabe se pode pegar uma licença pra plantar uma roça, ele não se interessa em ir atrás. Porque isso é uma forma de reunir as famílias como antes, porque antigamente quando se ia plantar uma roça, chamavam as famílias para ajudar... hoje eu veja Superagüi como capitalista pelo turismo. As pessoas querem ganhar dinheiro com o turismo e esquecem até as famílias, porque todo mundo faz o seu negócio e cada um por si. (...). nós temos um sítio perto de Guaraqueçaba, meu pai é falecido e eu cuido, tem onze alqueires, e depois da temporada a minha família sempre se reúne, mas não é o que acontece com muitas famílias mais. Nós mantemos a área de pasto, plantamos roça...

Eu tenho um irmão que trabalha em São Jose dos Pinhais, é diretor em uma escola lá e ele é fandangueiro, bate fandango, porque quando a gente morava no sitio, ele montou um grupo de jogos e começaram a dançar e bater o fandango. Ele trabalha com fantoches no Estação, Dr. Botica' o grupo Negrola, ele apresenta lá.

Pretende tirar uma licença para plantar arroz, mandioca no sítio e montar uma casa da farinha, já comprou um material, ainda rústico, para manter a tradição. Quer fazer a roça e chamar a vizinhança inteira pra trabalhar como era antigamente.

Já tentei ensinar o fandango na escola, mas é difícil, porque não tem disciplina.

Aqui na escola nós temos um grupo de alunos que é só tocar o CD de fandango que eles dançam a batida certinho, só que a gente tem uma dificuldade, por exemplo, na época que eu tentei resgatar o fandango, eu trazia os fandangueros e eles queriam dançar só com as menininhas bonitinhas, se não fosse dançar com aquela ali, eles não queriam, eles também não sabem passara a fala deles do grupo. (...) eles não tem a letra escrita, por que eles mudam a letra, improvisam novas letras, é difícil de entender...



Figura 52 - Adrozina Muniz Correa
Fonte: A autora, 2012

Adrozina Muniz Correa – 48 anos, nasceu na Ilha– ensino fundamental no também colégio da vila. Profissão doméstica, não é aposentada. Desenvolve atividade de turismo porque trabalha na pousada como cozinheira. Na sua casa tem água encanada, mas com poço artesiano, esgoto jogado na fossa, casa com um banheiro, o lixo é coletado, mas o papel higiênico é queimado, enterra algumas coisas orgânicas, peixe. Em casa tem energia elétrica, parabólica, televisão, geladeira, freezer, celular. Não tem telefone fixo, computador. Usa telefone público. Em casa tem fogão a gás e a lenha, pega a lenha caída no mato. Gosta de ver TV: novela, programa religioso, jornal, música não.

Costumam fazer as compras da casa, roupas e calçados em Paranaguá, pois na Ilha é muito caro. Alimentação básica da família são arroz, feijão, legumes e verduras, além de carne vermelha, hoje não comem mais carne de caça. Consomem mais comidas frescas e pouco congelado.

E seus hábitos alimentares de quando você morava com seus pais, seus avós? O que você comia que hoje não come mais?

Caldeirada , peixe cozido

Como fazia?

Cebola, tempero, peixe cozido, fazia com pirão, farinha de mandioca. Gostava de ir na casa de minha avó Antonia. Chegava lá tava aquela caldeirada. Ela não usava... sem tomate, essas coisas, era branco, caldo branco. Ela fazia aqueles pirão...tenho vontade de fazer, mas não fica igual ao que ela fazia. Não fica aquele sabor...

Ela não conseguiu passar pra você o segredo do tempera dela?

Não. Na casa dos meus pais era assim também.

Você não conseguiu aprender?

Na casa da minha mãe, sim.

Mas o segredo da tua avó ela não passou?

Não.

E o peixe defumado, você comia?

Sim, com banana.

E você ainda faz?

Faço, quando tem peixe gostoso assim, faço com banana.

Você é a única na Vila que faz peixe defumado?

Não, tem varias pessoa com fogão a lenha que faz.

Mais alguma coisa que você comia quando morava com seus pais?

Arroz com feijão cozinhados juntos. Uma delícia!

Como faz?

Eles cozinham o feijão, daí depois eles temperam o feijão, coloca o arroz e cozinha juntos. Comi na casa de meus pais e do meu tio. Chegava lá tava aquela panela de arroz com feijão cozidos junto, ah, mas eu adorava! Ele fazia no fogo a lenha.

O que mais você lembra?

Biju. Ele (tio) tinha casa de farinha. Ele tinha roça, a gente ia lá, tirava, limpava, raspava, tudo na mão (mandioca)

Essa era a alimentação básica de vocês, de quando você era criança?

Isso.

E você acha que essa alimentação era melhor?

Era melhor que agora. Porque era uma coisa mais natural. Não tinha tanto veneno.

E tuas filhas, já comeram algumas dessas coisas que você comia?

Não.



Figura 53 - Aparecida Dias Santana e Ivo João Santana
Fonte: A autora, 2012

Aparecida Dias Santana, nascida em Rio dos Patos, 42, ensino fundamental incompleto na Ilha, pescadora. Foi para a ilha aos 8 meses.

Ivo João Santana, nascido na Barra do Ararapira, 47, ensino fundamental incompleto na Ilha, pescador. Mora na Ilha há 45 anos. Moram juntos há 25 anos e são casados há 06 anos, oficialmente. Moram na ilha há 45 anos. Casa com água encanada de poço artesiano, esgoto fossa, casa com banheiro, quanto ao lixo e coletado, tem TV, geladeira, celular. Não faz uso do telefone publico porque não funciona. Fogão somente a gás. Ouvem radio e assiste televisão novela, programas religiosos, jornal, tudo o que passar. Compras para casa, roupas e calçados feitas em Paranaguá, pois o preço na Ilha é muito alto. Base da alimentação são o peixe, arroz, feijão e poucos legumes e carne vermelha.

O que vocês comiam antigamente que hoje não comem mais?

Carne de caça, tatu, capivara, veado.

Mais alguma coisa?

Peixe seco, porque não tem mais lenha.

Você costuma usar plantas medicinais?

Eu tenho no quintal alguma coisa, ginseng, amerecilina, uma folha roxa, que é remédio também. O ginseng é pra depressão.

Quais são as doenças mais comuns na sua família?

A mais comum é a gripe.

E quando ficam doentes vocês vão pra onde, a procura de atendimento?

Guaraqueçaba.

Quando vocês estão em horário livre, o que costumam fazer pra se divertir?

Assistir TV

Em sua opinião, o que é mais grave aqui, em Superagüi: saúde, desemprego

Drogas e falta de assistência a saúde.

O que poderia ser feito para mudar os problemas das drogas?

Faze um módulo da policia, toda semana viesse um grupo diferente de policial, pra não cria amizade.

Vocês têm religião? Qual?

Crente... evangélica.

Há quanto tempo?

Uns 20 anos

Antigamente, vocês participavam das festas locais, religiosas?

Participava.

Que tipo de festas vocês iam?

Era... festa da igreja... festa de santo André, Bom Jesus dos perdões

Eram boas essas festas? O que vocês faziam?

Eu dançava, ele bebia e dançava...

E o fandango?

Ela: eu nunca participei do fandango... eu só ia olha, assim, mas danço eu nunca dancei.

Ele: eu dancei muito fandango quando eu era mais jovem lá em Ararapira, lá a maioria não era baile, era só fandango, só.

E o fandango de Ararapira é diferente do fandango daqui hoje?

Mesma coisa.

E o carnaval?

Ele: carnaval é uma festa que eu nunca gostei muito... bebia assim... mas não participava.

Ela: eu pulava... fazia sainha de saco de sal e... (risos)

Alguma coisa foi feita para melhorar a vida das pessoas na Ilha nos últimos anos?

Ele: Olha... o que melhorou mesmo foi a energia

Ela: e a escola, também... que veio o Estado pra cá... agora a criança estuda o 2º grau...

O que mais?

O postinho da saúde, mesmo não tendo medico direto, um remédio pra dor de cabeça eles dão.

Vocês participam da Associação dos Moradores?

Sim

Como que vocês participam? Vão à reunião?

Sim

Vocês têm algum contato com o turista estrangeiro?

Não.

E pelo contato que vocês têm com o turista estrangeiro, que vocês vêem nas pousadas, vocês acham que ele traz alguma coisa boa pra Ilha ou não interfere pra vida de vocês?

Não, não interfere pra nós.

Como que foi a vida de vocês desde o início? As dificuldades?

Ele: desde os 9, 10 anos já comecei a pescar, A mudança da gente de lá de Ararapira pra cá, foi por causa disso... tinham mais condição de trabalhar. Na época a gente não tinha embarcação própria, então trabalhava de quinhão, que a gente

chama. Alguém dá o barco e a rede, e a gente trabalha (...) dividia a metade pro dono e a outra metade era dividida pelos pescadores que estavam no barco... (...)



Figura 54 - Laurentino Souza
Fonte: A autora, 2012

Laurentino Sousa, 52, ensino fundamental na comunidade Rio dos Patos, que hoje está desativada, nascido em Rio dos Patos, mora há 51 anos na Ilha.

Proprietário do bar AKDOV há 30 anos. Tem água encanada, fossa, banheiro no bar, lixo coletado três vezes por semana durante o verão, depois a coleta fica por conta de Guaraqueçaba.

Em casa tem TV, antena parabólica, geladeira, telefone fixo. Quando o telefone público funciona usa-o. gostam de assistir jornal, documentários e programas religiosos. Também gosta de ouvir rádio.

Suas compras em Paranaguá.

Base da alimentação arroz, feijão, peixe e legume, muito pouca carne vermelha.

O que costumava comer quando criança que hoje não come mais?

Pouca coisa mudou arroz, feijão, farinha....

Quando vocês eram pequenos vocês tinham roça?

É... meu pai gostava de plantar.

E comiam o que plantavam?

Comia.

Carne de caça?

Comia

Peixe seco, você gostava?

Oh!!! Peixe com banana... esse era o prato típico da região

Você usava plantas medicinais em casa?

Sempre usa

Quais as mais usadas?

A gente usa é... cataia pra fazer um chá pra tirar stress, dor de estômago, folha de erva cidreira pra dor de cabeça.

Essas ervas, vocês plantam?

A gente colhe do mato.

Quais as doenças mais comuns na sua família?

Gripe, diabetes, hipertensão.

E quando ficam doentes o que procuram?

Guaraqueçaba e depois Paranaguá.

E antigamente, procurava benzedeira?

Procurava.

O que gosta de fazer nas horas de folga?

Nas horas de folga gosto de ir à praia e gosto de ler.

Quais os problemas que você acha que vem afetando a comunidade da Ilha?

Droga.

O que acha que deveria ser feito para evitar esse problema?

Deveria ter segurança por parte das autoridades... um posto policial.

Você tem religião?

Gosto da religião católica.

E como acontecem as festas locais?

A gente tem duas festas, uma em agosto e uma em novembro.

E como acontece?

Tem bingo, jogo de futebol, movimento de barraquinha, forró, procissão de barco nas duas festas.

E o fandango?

Fandango, primeiro contato foi com meu sogro Squenine, mas ele tocava na casa dele só, tocava ele e o irmão dele... até que eu fiz o convite pra eles vim tocar no bar, daí o povo foi gostando e até hoje continua.

Há quanto tempo?

Em 1996.

E bate os tamancos também?

Bate os tamancos.

E você, também bate os tamancos?

Não, eu só fico na percussão, pandeiro e surdo... viola muito pouco... e ajudo a cantar.

E como você aprende as letras do fandango? Eles escrevem a letra pra você ou eles improvisam?

Eu mesmo... eles improvisam e a gente escreve... eu escrevo... depois dou uma caminhada na trilha ou na praia e já decoro ela.

E depois se eles improvisam e mudam a letra da música de novo, o que você faz?

A gente aprende outra vez...

Eles escrevem a letra das músicas?

Eles não escrevem, eu nunca vi nenhum deles escrevem, eles escreve e fica na cabeça deles. Daí a gente escuta, escreve e grava.

E essas letras que eles fazem são em homenagem a quê? Me diga uma letra que você gosta.

Todas as letras são significativas, por exemplo, o Squenine fez uma moda que se chama “O boi maldito” era de um búfalo que tinha aqui era de uma firma que tinha aqui que se chamava Agropastoril. Eles trouxeram muito búfalo pra cá. Depois que a Ilha foi tombada o IBAMA mandou essa firma retirar os búfalos, e ficaram uns aí no meio do mato... daí a gente uma caçada aí, matamos ele, e fizemos um churrasco. Aí o tio Zé fez uma canção pra... uma moda pro fandango que se chama o boi bandido, ele descreve a caçada.

Pode cantar um pedacinho?

“Fui fazer minha caçada

Que eu já tinha prometido

Não convidei mais ninguém

Só convidei meus amigos

Quando eu cheguei no ponto

O sol já tinha saído

Pensei comigo mesmo

“a caçada está perdida”

Porque na primeira vez que a gente foi caçar ele a gente não conseguiu pegar ele. E assim daí foi indo pra frente.

E ele conta toda a história da caçada nesta moda?

Sim, na moda do fandango.

Você cobra alguma coisa dos turistas? Como você paga os músicos?

A gente cobra o que a gente vende.

Você dá uma porcentagem do que vende?

Sempre Natal, final de ano, carnaval são nove pessoas, e eu colaboro com todos eles.

E você consegue ganhar alguma coisa?

A gente sempre faz um fandango quando tem movimento bom, se não, não... não compensa...

Você acha que existem jovens querendo aprender o fandango?

Muito pouco, isso só encontra na Ilha dos Valadares, alguns meninos em Guaraqueçaba e Sebuí. (...) e me preocupa porque os jovens daqui não querem aprender.

E o carnaval?

Estamos esperando, se tiver turista tem fandango, se não tiver turista...

Então apesar do carnaval na Ilha ser diferente, ser um carnaval de máscaras as pessoas querem ouvir o fandango?

sim, compensa no carnaval, final de ano e sete de setembro... ou quando vem uma excursão, daí eles pedem...

E quanto vocês cobram destes turistas?

Se for umas trinta pessoas a gente cobra duzentos reais.

Este é o valor de uma apresentação?

Sim, a gente cobra duzentos reais por duas horas.

Como foi seu casamento?

Primeiro eu roubei a moça, depois que eu casei.

Quantos filhos vocês tem?

Dois.

E eles não tocam?

Não.

Você pesca?

Sou pescador, no inverno eu pesco

O que você acha do turista estrangeiro?

Pra mim eles são iguais aos turistas brasileiros... fazem amizade com a gente... tomam uma cerveja...

Você acha que este turista demonstra interesse pela sua cultura?

Eu acredito que sim

Você já teve algum problema com o turista estrangeiro?

Nunca, sempre são respeitosos.



Figura 55 - Jerusa da Silva Squenini
Fonte: A autora, 2012

Jerusa da Silva Squenini, 39, ensino médio na Ilha, é servente e pescadora, ajuda na pousada e no IBAMA. Nascida na Ilha, separada com três filhos. Trabalha em uma empresa terceirizada de Curitiba. O IBAMA contratou a empresa para terceirizar o serviço, empresa Orbenc. Em casa tem água encanada,

fossa, televisão, antena parabólica, geladeira, celular, fogão a gás. Gosta mais de rádio, assiste de vez em quando novela e jornal. Compras de casa, roupas e calçados em Paranaguá. Base da alimentação arroz, feijão e peixe.

Você sentiu algum preconceito quando se separou?

Não. Sou independente, sempre tive meu trabalho... (...) a maioria das mulheres aqui são independentes... elas trabalham mais que os homens, porque o homem quando não pode pescar não tem mais o que fazer...

O que você comia quando criança que hoje não come mais?

Peixe seco e de vez em quando ainda faço.

Você usa plantas medicinais?

Alecrim, erva cidreira, hortelã.

Tem no quintal?

Não.

Aprendeu com sua mãe?

Aprendi com minha mãe.

Quais as doenças mais comuns na Ilha?

Hipertensão.

E quando você fica doente procura o quê?

Vou no posto, que tem a enfermeira, ela passa um rádio pro médico e ela medica a gente e também vou para Paranaguá.

O que gosta de fazer em seus momentos livres?

Conversar, caminhar, andar na praia, não tem muita coisa pra fazer.

Qual o problema que mais incomoda aqui na Vila ultimamente?

A droga, o desemprego também, não tem outra coisa...

Com relação a droga o que você acha poderia ser feito?

Mais policiamento.

Qual a sua religião?

Sou católica, mas meus filhos são da Assembleia.

E você sempre participa das festas religiosas?

Participo

Você gosta de fandango?

Gosto.

Você acha que o fandango deve continuar com suas apresentações?

Deve, deve sim, porque é a cultura nossa.

E o carnaval?

Eu gosto de carnaval.

Já usou máscara?

Usei, usei muito...

Qual a sensação de ajudar os outros?

É divertido...

Alguma coisa foi feito para ajudar vocês nos últimos 10 anos?

A luz, posto de saúde o colégio que tem ensino médio.

Participa da Associação dos Moradores?

Sim

Você já teve algum contato com turistas estrangeiros?

Já, mas não entendo nada

Você acha que eles vêm pela cultura ou pela paisagem.

Pela paisagem

É bom que venha o turista estrangeiro?

É bom porque daí dá mais trabalho pra gente.



Figura 56 - Osvaldo Silvano e esposa
Fonte: A autora, 2012

Osvaldo Silvano, nascido em Santa Catarina, mora na Ilha desde 1964, tem uma salga de camarão onde emprega 80 mulheres. Barco de transporte de passageiros.



Figura 57 - Natanael Neves da Graça e Maria Inês Miranda da Graça
Fonte: A autora, 2012

Natanael Neves da Graça, 56 anos, ensino fundamental incompleto na Ilha do Mel, nascido em Paranaguá, mora na Ilha há 35 anos. Trabalha no IPE (Instituto de Pesquisas Ecológicas) uma ONG de São Paulo, desenvolvem uma pesquisa com o mico leão da cara preta.

Conte um pouco sobre seu trabalho.

A gente trabalhou dois anos aqui e nove anos no continente.

E quem trabalha aqui na Ilha?

Aqui ultimamente não tem ninguém.

Os micos daqui estão abandonados?

Eles vivendo sem serem pesquisados.

Você acha que aumentaram os micos daqui ou diminuíram?

Os grupos que a gente trabalhou com eles os grupos aumentaram. Lá no continente a gente tá trabalhando com um grupo que começou com três indivíduos, a mãe teve duas vezes de gêmeos. Claro que depois de adultos vem a dispersão e formam outro grupo... então agora nesse grupo saíram... que quando sai um irmão levam outros... hoje esse grupo está com sete indivíduos. Eles também têm os predadores naturais.

E no inverno eles vêm aqui perto da sua casa?

Não vem por causa da paina... mas, na Vila eles vem, até entram na casa do pessoal e pegam banana... eles são muito sem vergonha.

Isso faz com que eles sejam caçados?

Eles podem ser pegos por pessoas... a gente não sabe de nada, mas corre o risco, teve um chinês que ofereceu dez mil reais pro rapaz que trabalha comigo ...(...)

Quando você era criança, o que comia que hoje não come mais?

Mexilhão, porque não tem mais, siri no molho e com arroz... peixe seco com banana, caldeirada de peixe da pedra, sargo.

E você era pescador?

Não. Eu trabalhava antes na CR Almeida num serviço de pesquisa... uma areia mais escura, mais pesada... que tem um minério... (...) trabalhei sete anos pra eles... eu era sondador, era responsável por uma equipe de sondagem. Trabalhei com a perfuração pra procurar a ILMENITA (nome do minério)

(...) essa pesquisa foi feito em todo litoral do Paraná até são Paulo, na ilha do Cardoso.

Há quanto tempo?

29 anos mais ou menos... Depois fui pra Capela, agropastoril, ... (...) onde trabalhei nove anos. Eles queriam (...) se expandir aqui na Ilha... desmatavam uns dez alqueires e colocavam búfalo, e cabrito... (...)

Eles tinham a concessão da terra?

Tinham nada... era tudo ilegal... Na época tinha um prefeito que era pela gente aqui.

E onde foi desmatada, a natureza já se recuperou?

Em alguns lugares já, mas tem áreas que ficou totalmente... acho que foi por causa do fogo pra plantar a braqueárea pros búfalos comer.

E ainda existem resquícios dessa vegetação?

Ainda tem.



Figura 58 - Flavio de Ramos da Silva Teixeira e Izabele Márcia dias Santana
Fonte: A autora, 2012

Flavio de Ramos da Silva Teixeira, 21, ensino fundamental em Curitiba, e **Izabele Marcia Dias Santana**, 20, moram juntos, tem uma filha, não pretendem casar no momento. Izabele faz um curso a distancia sobre pescaria.

Não tiveram um noivado, fugiram para a praia deserta.

Os hábitos alimentares de vocês mudou alguma coisa?

Não.

Qual a base da alimentação de vocês?

Arroz, feijão, peixe, carne, frango e salada

Vocês participam das festas locais?

Não. Não gostam

E do fandango?

Também não, não gostam.

O que gostam de fazer quando estão de folga?

Nada, dormir, assistir televisão.

E o carnaval? Usava máscara?

Quando era criança... era divertido (ele)

Não (ela).

O que foi feito aqui na Ilha pra mudar a vida da comunidade nos últimos anos?

Construção do trapiche e pousadas (ele)

Só isso mesmo... (ela)

E você, Flavio, trabalhando com o transporte de turistas da Ilha para o continente e vice-versa, você tem bastante contato com o turista estrangeiro, o que acha deles?

Parecem ser gente boa.

Como você consegue se comunicar com eles?

Os que vêm geralmente sabem falar alguma coisa, os que não sabem trazem guias.



Figura 59 - Carlos dos Santos
Fonte: A autora, 2012

O barco tem só o buraco, foi feito na época bem fundo, bem maior que isso aqui. Tinha que descer de escada muito grande. Aí apareceu o Alberto, segundo o cientista contratado pelo governador Parigot de Sousa, mais o engenheiro da cúpula dele lá... aí foi assim.... medimos mais ou menos e cavemos, cavemos certinho... tiramos uma cabine... pareciam cobre (...) apareceu também a lenda do lagarto de ouro... que saia do buraco, todo brilhante durante a noite. Escritor e jornalista Wilson Rio Appa veio para escrever...



Figura 60 - Luana Siqueira dos Santos
Fonte: A autora, 2012

Luana Siqueira dos Santos, 19, casada, foi morar junto e quando engravidou casou. Casou em Guaraqueçaba. Ensino fundamental incompleto na Ilha, nascida em Paranaguá e mora na Ilha desde os 6 anos. Trabalha na única sorveteria da vila, Sorveteria Por do Sol. Em casa tem TV, geladeira, freezer, celular, faz uso de telefone público, que às vezes, funciona. Usa fogão a gás. Escuta programas religiosos no rádio, não gosta de TV. Compras de casa, sorveteria, roupas e calçados faz em Paranaguá. Base da alimentação: arroz, feijão, peixe, legumes, não gosta de carne vermelha.

Há algum alimento que você comia quando criança que hoje não come mais?

Não, tudo que eu comia antes como hoje, não mudou.

Você usa plantas medicinais?

Uso

Quais?

Erva doce, chá de camomila, hortelã, compra ou pega no quintal da casa da tia

Quais as doenças mais frequentes na sua família?

Problema de coração.

E quando ficam doente o que vocês procuram?

Primeiro o posto de saúde, depois Guaraqueçaba e por último Paranaguá.

O que gosta de fazer quando está de folga?

Gosto de passear por aí na casa dos parentes.

O que você acha que mais incomoda os jovens em Superagüi?

Alcoolismo e droga.

O que você acha que poderia minimizar este problema

Um posto policial aqui... revistar as pessoas...

Qual sua religião?

Evangélica.

Quanto tempo?

Um mês.

O que a levou a mudar de religião?

Eu mesma...

E antes de ser evangélica, participava das festas na Ilha?

Participava das festas e dos bailes.

Você dançava fandango?

Não, só olhava...

Nas festas você dançava?

Sim.

Você preferia o forró ou fandango?

O forró.

E o carnaval? Brincava?

Brincava.

Colocava máscara?

Colocava. Saia no escuro com as meninas.

E assustava as pessoas?

Era divertido...

O que você acha que foi feito nos últimos dez anos para melhorar a vida da comunidade da Ilha?

O trapiche, o mercado da família, que fechou, a luz, a água encanada, o barco de linha, a escola que agora tem ensino médio.

Você participa da Associação dos Moradores?

Ainda não.

Você já recebeu algum turista estrangeiro?

Sim.

Conseguia se comunicar com eles?

Não, muito pouco

O que você acha deles?

Eles não são muito educados... são estúpidos, atropelam a gente, ficam apurando... reclamavam do preço, quando eu trabalhava na pousada da minha tia.

Você acha que esses turistas mostram interesse pela cultura de vocês?

Alguns mostram.